

LOUCURA

Jornal de texto,
história em quadrinhos,
ensaio fotográfico,
loucos, Cortázar,
Wilhelm Reich,
Ronald Laing,
Nise da Silveira,
Antonin Artaud,
Evita Perón,
Corpo Santo
e outros:



OUTUBRO, 1974 / NÚMERO 7 / 5 CRUZEIROS

VAN GOGH ASSASSINADO!

POETA FRANCÊS ACUSA:
PSIQUIATRA MATOU O
GENIAL PINTOR
(O POETA TAMBÉM SE SUICIDOU).
PÁGINA 32

CHINA LOUCA

TRATAMENTO DE
CHOQUE: PENSAMENTOS
DE MAO, CONFORME
PRESCRIÇÃO MÉDICA.
PÁGINA 30

29 ANOS NUM CHIQUEIRO

REPÓRTER BÊBADO
DESCOBRE: DEIXARAM
FILHO PRESO NO QUINTAL
TODO ESSE TEMPO.
PÁGINA 28



Museu do Inconsciente:
poemas e imagens de internos
do Hospital Pedro II, no Rio.
Página 20.

ENLOUQUECEU? MATA!

PSIQUIATRA E
HUMORISTA FAZ ESTA
PROPOSTA: VAMOS MATAR
LOGO ESSA GENTE?
PÁGINA 15

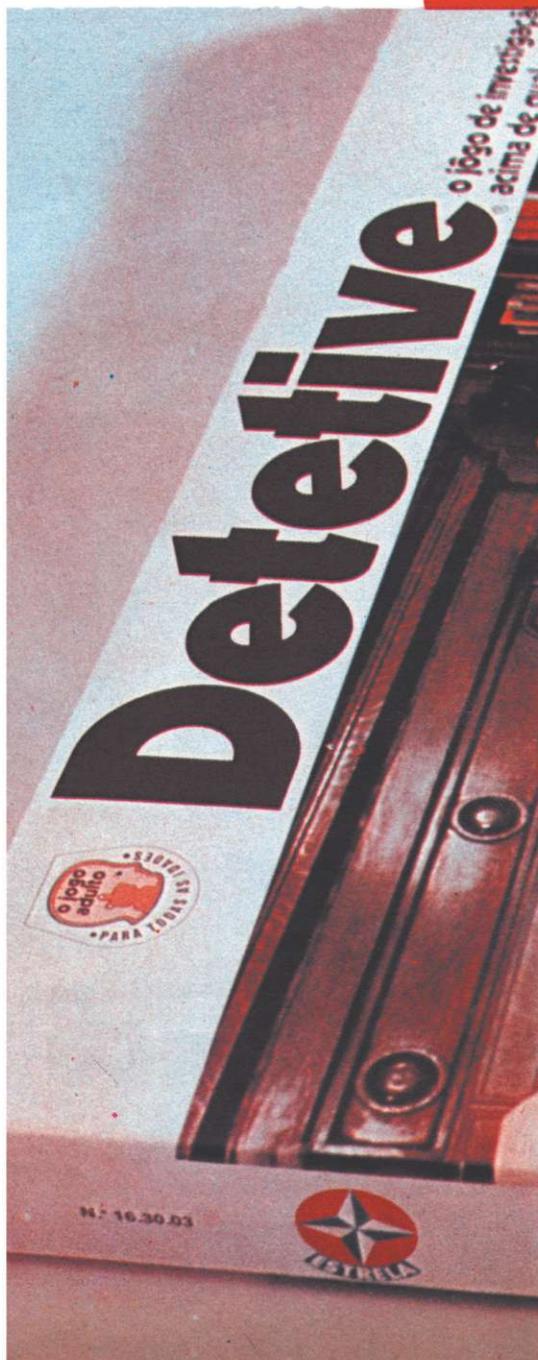
MUITO SEXO

VELHO PENSADOR
AINDA LEMBRA:
PRECISAMOS
FAZER MAIS.
PÁGINA 12



Sherlock Holmes,
Hercule Poirot,
Inspetor Maigret,
Columbo e Cannon
não seriam capazes
de descobrir quem
cometeu este crime.

Você seria?

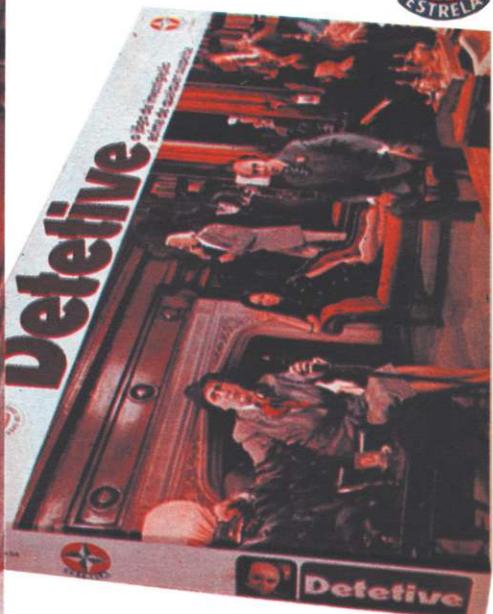


Detetive, o novo jogo da Estrela. Um mistério (ação! suspense! emoção!) para ser resolvido por até 6 pessoas. E para ser assistido por quantas couberem na sua sala.

Quem cometeu o crime? Onde? Com que arma? Ganha quem acabar primeiro com o suspense.

Agora você pode receber as suas visitas com um bom programa: um belo crime.

Detetive. Um verdadeiro caso de polícia. Da Estrela.



CARTA DE JOÃO

Copacabana, 23 de setembro de 1974.

Narciso Kalili, Hamilton Almeida, Mylton Severiano, amigos, companheiros, toda a equipe de EX-. Principalmente Hamiltinho.

Hamiltinho e todo o resto do pessoal:

leio aqui O Merduncho transformado em conto-oral pelo talento do inquieto Hamiltinho. Ao lado da minha surpresa (não grande porque conheço a coragem e o talento do amigo) uma afirmação, a de que vocês é que estão certos. Estão enfrentando as coisas, não estão se deixando perder, castrar, enquadrar, aceitar a omissão como meio vergonhoso de vida. Vocês estão encarando e enfrentando. Parabéns! E coragem.

O aproveitamento do material que falei ao Hamiltinho demonstra claramente, sem fararismo e sem demagogia, sem laudatórios e salves-salves, que Hamiltinho é um dos homens de maior fibra e mais quente talento dessa geração de massacrados, manipulados, moídos e calados à força. Como é um homem de talento especial, será sempre a mesma fera a dar trabalho para os doutores de falsa fama, inveja para os maus escribas, repórteres medíocres e bons fariseus do bundamolismo nacional. Jamais será para minha alegria e de toda a sua geração, um homem bem comportado e sabe a que hora, seja a que for, nunca será dos mansos. Sem briga não tem amor e sem luta a vida não tem graça. Nem sentido.

A todos de EX-, ao querido Percival de Souza (um dos poucos homens que fazem polícia em jornal neste país e ainda não enriqueceu, o que poderia e impunemente) e aos companheiros que nem conheço, desejo que mantenham-se vivos, como as matérias que produzem. Vocês representam uma verdade brasileira. Gostaria, sem papos empostados, de que vocês contassem comigo, dentro de minhas proporções, para o que desse e viesse. Afinal, como sabem, para mim escrever não pode significar (como querem os atuais donos da verdade e do jornalês) produzir coisa para o escárnio e a indiferença dos leitores. João Antônio

BAIXA SOCIEDADE

A coluna "Baixa Sociedade" não sai nesse número: Percival de Souza está em férias.

OS ANÔNIMOS

Chamada Para Uma Próxima Matéria De Capa: Vamos Contar Juntos Essa História?

O underground no Brasil é uma multidão de anônimos, de desconhecidos. A sua história é pós-68; e sendo pós-68 é mais exatamente pós-70. Pouquíssimas pessoas que já tinham algum nome pré-68 participaram dos movimentos tidos como undergrounds no Brasil. Houve sim um preconceito enorme e brutal de toda a intelectualidade brasileira, de todo o movimento cultural, contra qualquer movimentação, num momento em que, simplesmente, toda a cultura brasileira tava aterrorizada; então teorizava a respeito de não participar de nada e os mais novos que se estrepassem, que fossem fazer experiências sem contar com eles, porque não tavam nessa.

Essa história é uma história de anônimos. É uma história que está sendo vivida e não tá podendo ser contada. Imaginem o absurdo de uma história que você pode viver mas não pode contar. E pra todos os efeitos essa história não existe, então é uma brincadeira. É quando chega a hora do balanço. O balanço é uma forma de tentar contar a história. O momento que a gente vive hoje é esse. É o momento onde a história fugiu totalmente dos livros, fugiu de tudo e tá arrumando sua última trincheira na imprensa. Mas ao mesmo tempo que essa história refugia-se na imprensa, essa imprensa marginal ou underground é parte da história. Tem que continuar a batalha dela, que é não poder subsistir mas poder viver e fazer parte da história. Eu acho que o problema da imprensa underground no Brasil é esse.

No meu balanço, eu só considero underground o anônimo. Aos que ninguém tava ensinando nada e eles estavam resistindo ou vivenciando a sua loucura. A imprensa underground no Brasil não podia ser outra coisa senão um aborto. Fora do Brasil, imprensa underground existe em dois níveis: militância política ou partidária, ou militância de costumes, de modo de vida, religião. Underground é isso.

Num país em que a imprensa oficial chega a retroceder — vantagem já é estagnar e continuar a ser um grande negócio. Aí, o que pode ser uma imprensa underground? Quer dizer, ela pode inexistir. Então, a existência de qualquer coisa publicada, impressa no Brasil, livre, passou a ser considerada imprensa underground. E de fato. Com todo o direito de assim ser chamada, porque se a turminha do colégio tal imprime um jornalzinho e tá distribuindo, aquilo é que é imprensa underground nesse país, nesse momento, nessa imprensa.

E você vai encontrar uma imprensa

marginal e uma imprensa underground. Marginal aquela que conseguiu margear o sistema e underground aquela que é anônima mesmo. A imprensa underground brasileira de hoje, resultado de 4 ou 5 anos de vida, é tudo aquilo que eu talvez não conheça nesse momento. Alguma publicação feita em qualquer lugar nesse momento e com um caminho maior para percorrer, pra se marginalizar. Será alguma coisa mais amadora, porque o Brasil é outro papo mesmo — vamos citar o exemplo fora e aqui. Tudo que cai aqui toma outros contornos, enfrenta outra realidade, bate em outras pedras. É digerido por outros estômagos. A antropofagia da gente tá. O nosso 1984 é mais engraçado, é outro.

Mas lá fora, a imprensa underground teve de se profissionalizar para enfrentar o sistema. A imprensa underground fora do Brasil conseguiu inclusive o seu papel como bloco, como status. Mas a profissionalização da imprensa underground fora do Brasil foi viável exatamente porque a imprensa oficial também é viável. Aqui no Brasil não. A equivalência pra imprensa underground brasileira é uma imprensa oficial esfacelada pela censura, pela restrição que em 6 anos fez a imprensa oficial parar — não há nada de novo na imprensa oficial burguesa brasileira, em desenvolvimento técnico, em pesquisa de novas formas de comunicação e linguagem.

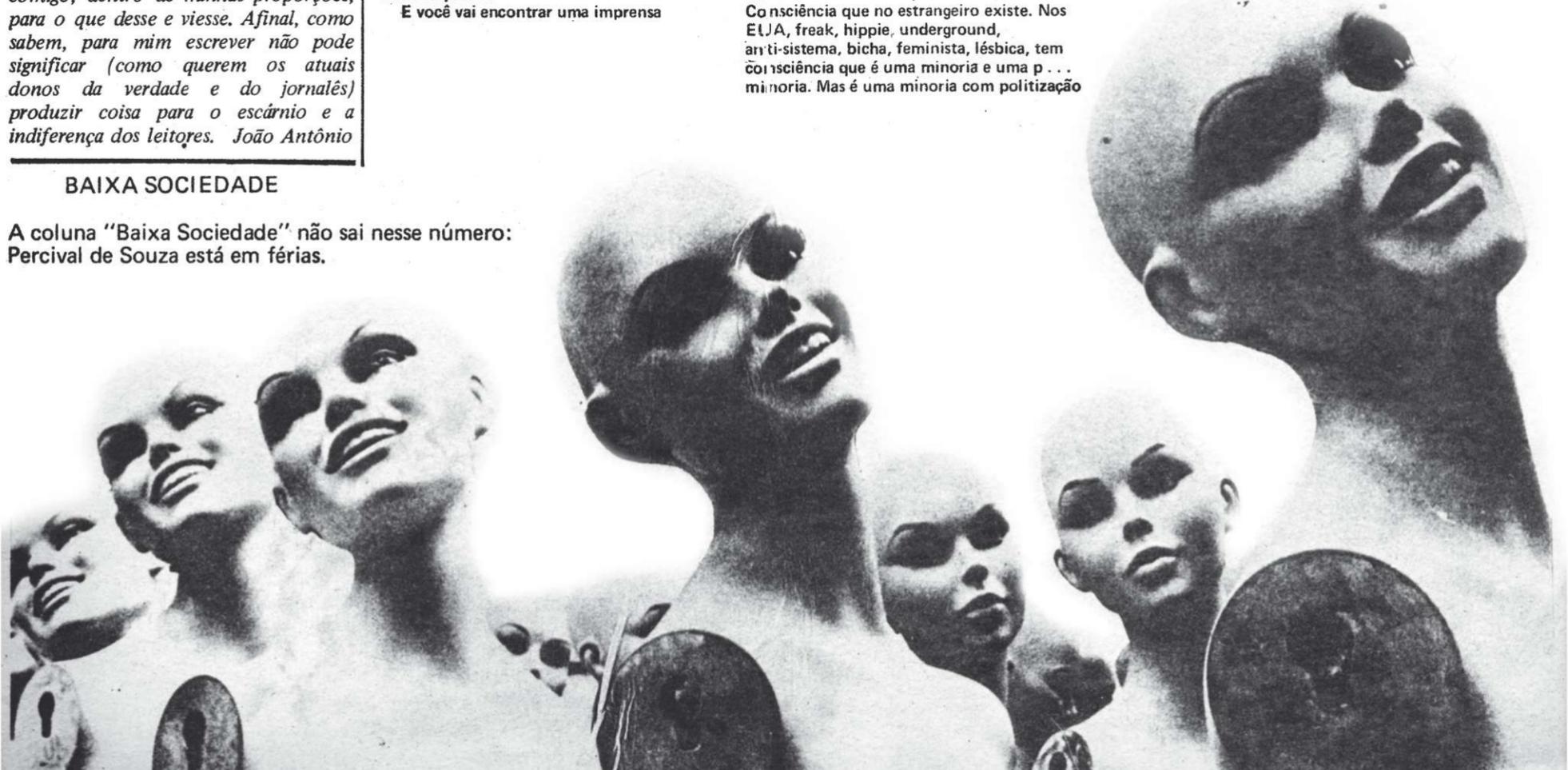
No Brasil, a imprensa underground não se expande ao ritmo de se tornar marginal coerente. O único órgão que teve condição de ser um marginal coerente foi o Pasquim. E se tornou incoerente. Ele se consumiu nele mesmo, na geração dele que é uma geração anterior a 68. O Pasquim não teve objetivo político suficientemente forte que o mantivesse numa linha marginal. Os outros órgãos acabaram. Foram undergrounds ou não, ou já nasceram com certo approach marginal, porque aí é que tá, Flor do Mal pra mim não era underground, era uma coisa com approach marginal, como O Bondinho, O Verbo. Eles eram undergrounds enquanto não conseguiam nem imprimir, não conseguiam chegar numa rotativa e tavam querendo ser marginais. Ser comprado em bancas. Já contavam com as beirolas do sistema, as margens.

Quantas áreas se usou pra se tentar informar nesses últimos tempos? A informação fugiu pras músicas, pra todo lado. Até o boca-a-boca, que é o maior centro de informação dessa minoria — porque tem que haver consciência de que se é uma minoria. Consciência que no estrangeiro existe. Nos EUA, freak, hippie, underground, anti-sistema, bicha, feminista, lésbica, tem consciência que é uma minoria e uma p... minoria. Mas é uma minoria com politização

uma liberdade militante. No Brasil não há consciência de que se é minoria, não há consciência política do underground. Underground foi uma reação ao esfacelamento político, mas sem consciência política, sem se reconhecer como revolucionário. Enquanto um jovem americano pode se reconhecer mesmo não pertencendo a nenhum partido, a nada, como um militante de suas idéias, pode se dar ao luxo disso, pela liberdade, pela politização e pelo próprio estilo de repressão que é diferente. O underground no Brasil pode ser chamado de um movimento sem direção, um movimento não dirigido. No mais amplo sentido.

Então agora é um momento onde se vive outra realidade. Por isso que toda essa movimentação dessa minoria de anônimos passa agora por uma fase de balanço. De história para continuar fazendo história. Como no mundo todo. É engraçado você ver isso — 1968 foi no mundo e no Brasil também. O Brasil faz parte do mundo, isso é incrível! Mas aí é que tá a coisa oswaldiana. A coisa tem um segundo de diferença e tem outra prática, tem outra qualidade, e é digerida, é comida de outra maneira. Se no mundo agora também se passa por isso, no Brasil é uma situação muito particular. Porque no Brasil as coisas se desenvolvem em ritmos diferentes. Enquanto a politização dessa minoria dá-se lentamente e dá-se no braço, na vida. Quer dizer, tem que cair na vida. É um negócio sofrido, mais arrebatado, a repressão dá-se ao nível científico. Aí começa a desequilibrar o jogo. Os caras jogam dopados e o pessoal vai de cara limpa. Aí é mal. O pessoal vai tomando bolacha da vida pelas esquinas, pegando suas doenças venéreas por aí, tomando cascudo, sendo preso, bem intencionado, não cometendo nenhum crime contra a sociedade mas sofrendo a repressão social, caindo na vida; e o outro vem de Laranja Mecânica, o outro vem com coisa científica, o outro vem com a TV Globo! Aí é uma p... desvantagem. Então, numa experiência desse tipo que é a experiência brasileira, o que salva é que a gente é tupi.

Extraído de entrevista concedida por Hamilton Almeida ao jornal underground Flops — SP —



¡EVITA PERON VIVA!



MIS QUERIDOS DESCAMISADOS DE AYER Y DE HOY, MAÑANA Y DE SIEMPRE:

Hace 4 años, desde este mismo balcón, bajo este mismo pedazo de cielo y frente a esta misma multitud de pueblo, se consagró un hombre, nuestro querido Coronel Perón.

Desde estos mismos balcones, el líder asomaba como un sol, rescatado por el pueblo y para el pueblo, sin más armas que sus queridos descamisados de la Patria, retemplados en el trabajo.

Yo no deseo, no quiero para el peronismo a los ciudadanos sin mística revolucionaria. Que no se incorporen, que queden rezagados si no están convencidos. El que ingrese, que vuelque su cabeza y su corazón sin retaceos para afrontar nuestras luchas, que siempre habrán de terminar en un glorioso 17 de Octubre.

Y ahí está la justificación de la revolución histórica del 17 de Octubre. Fué determinada por causas sociales, políticas y económicas. En lo social, el abandono total de la justicia, con el conquistamiento de los privilegios y la explotación del trabajador. En lo político, con la sistematización del fraude en favor de los partidos que se turnaban en el Gobierno o se lo quitaban mutuamente según el menor o mayor apoyo de los intereses en juego y en lo económico, el entreguismo y la venta del país, surgidos de sus reyertas. (17 de Octubre de 1949)

Nada de lo que yo tengo; nada de lo que soy; ni nada de lo que pienso es mío; es de Perón. Yo no le diré la mentira acostumbrada; yo no le diré que no lo merezco; sí, lo merezco, mi general. Lo merezco por una sola cosa, que vale más que todo el oro del mundo: lo merezco porque todo lo hice por amor a este pueblo.

Y les pido hoy, compañeros, una sola cosa: que juremos todos, públicamente, defender a Perón y luchar por él hasta la muerte. Y nuestro juramento será gritar durante un minuto para que nuestro grito llegue hasta el último rincón del mundo: La Vida por Perón.

Siempre creí en mis queridos descamisados porque nunca olvidé que, sin ellos, el 17 de Octubre hubiese sido fecha de dolor y de amargura, porque esa fecha estaba destinada a ser de ignominia y de traición. Pero el valor de este pueblo lo convirtió en un día de gloria y de felicidad. (17 de Octubre de 1951)

¿Ustedes creen que si el puesto de vicepresidente fuera un cargo y si yo hubiera sido una solución, no habría contestado ya que sí? (22 de agosto de 1951)

Nosotros no nos vamos a dejar aplastar más por la bota oligárquica y traidora de los vendepatrias que han explotado a la clase trabajadora; porque nosotros no nos vamos a dejar explotar jamás por los que, vendidos por 4 monedas, sirven a sus amos de las metrópolis extranjeras y entregan al Pueblo de su Patria con la misma tranquilidad con que han vendido el país y sus conciencias... (19 de mayo de 1952)

Quiero comunicar al pueblo argentino mi decisión irrevocable y definitiva de renunciar al honor con que los trabajadores y el pueblo de mi patria quisieron honrarme en el histórico Cabildo Abierto del 22 de agosto. Ya en aquella misma tarde maravillosa, que nunca olvidarán mis ojos y mi corazón, yo advertí que no debía cambiar mi puesto de lucha en el movimiento peronista por ningún otro puesto.

Si este pueblo me pediese la vida, se la daría cantando, porque la felicidad de un solo descamisado vale más que toda mi vida.

Porque el 17 de Octubre formulé mi voto permanente, ante mi propia conciencia: ponerme íntegramente al servicio de los descamisados, que son los humildes y los trabajadores. Tenía una deuda casi infinita que saldar con ellos. Yo creo haber hecho todo lo que estuvo en mis manos para cumplir con mi voto y con mi deuda. No tenía entonces, ni tengo en estos momentos, más que una sola ambición, una sola y gran ambición personal: que de mí se diga, cuando se escriba el capítulo maravilloso que la historia seguramente dedicará a Perón, que hubo al lado de Perón una mujer que se dedicó a llevar al Presidente las esperanzas del pueblo, y que, a esa mujer, el pueblo la llamaba cariñosamente "Evita". Eso es lo que quiero ser. (31 de agosto de 1951)

Unos pocos días al año, represento el papel de Eva Perón; y en ese papel creo que me desempeño cada vez mejor, pues no me parece difícil ni desagradable.

La inmensa mayoría de los días soy en cambio Evita, puente tendido entre las esperanzas del pueblo y las manos realizadoras de Perón, primera peronista argentina, y éste sí que me resulta papel difícil, y en el que nunca estoy totalmente contenta de mí.

De Eva Perón no interesa que hablemos.

Lo que ella hace aparece demasiado profusamente en los diarios y revistas de todas las partes.

En cambio sí, interesa que hablemos de "Evita"; y no porque sienta ninguna vanidad en serlo sino porque quien comprenda a "Evita" tal vez encuentre luego fácilmente comprensible a sus "descamisados", el pueblo mismo, y

ése nunca se sentirá más de lo que es... ¡nunca se convertirá por lo tanto en oligarca, que es lo peor que puede sucederle a un peronista!

Não importa que ladrem.
Pior seria se o
inimigo nos aplaudisse.

Soy sectaria, sí. No lo niego; y ya lo he dicho. ¿Pero podrá negarme alguien ese derecho? ¿Podrá negarse a los trabajadores el humilde privilegio de que yo esté más con ellos que con sus patrones?

¿Si cuando yo busqué amparo en mi amargo calvario de 1945, ellos solamente ellos, me abrieron las puertas y me tendieron una mano amiga?

Mi sectarismo es además un desagravio y una reparación. Durante un siglo los privilegiados fueron los explotadores de la clase obrera. ¡Hace falta que eso sea equilibrado con otro siglo en que los privilegiados sean los trabajadores!

Cuando pase este siglo creo que recién habrá llegado el momento de tratar con la misma medida a los obreros que a los patrones, aunque sospecho que ya para entonces el Justicialismo habrá conseguido su ideal de una sola clase de hombres, los que trabajan.

No importa que ladren.

Cada vez que ellos ladran nosotros triunfamos.

¡Lo malo sería que nos aplaudiesen! En esto muchas veces se ve todavía que algunos de los nuestros conservan viejos prejuicios.

Suelen decir por ejemplo:

— ¡Hasta la "oposición" estuvo de acuerdo!

No se dan cuenta de que aquí, en nuestro país, decir "oposición" significa todavía decir "oligarquía"... Y eso vale como si dijésemos "enemigos del pueblo".

Si ellos están de acuerdo, cuidado; con eso no debe estar de acuerdo el pueblo.

Desearía que cada peronista se grabase este concepto en lo más íntimo del alma; porque eso es fundamental para el movimiento.

¡Nada de la oligarquía puede ser bueno!

No digo que puede haber algún "oligarca" que haga alguna cosa buena...

Es difícil que eso ocurra, pero si ocurriera creo que sería por equivocación. Convendría avisarle que se está haciendo peronista!

Y conste que cuando hablo de oligarquía me refiero a todos los que en 1946 se opusieron a Perón: conservadores, radicales, socialistas y comunistas. Todos votaron por la Argentina del viejo régimen oligárquico, entregador y vendepatria.

¡De ese pecado no se redimirán jamás!

Es que creo que solamente con fanáticos triunfan los ideales, con fanáticos que piensen y que tengan la valentía de hablar en cualquier momento y en cualquier circunstancia que se presente, porque el ideal vale más que la vida, y mientras no se ha dado todo por un ideal, no se ha dado nada.

Y todo es la vida misma. Demasiado intrascendente y mediocre sería vivir la vida si no se la viviese por un ideal.

Los hombres de nuestro tiempo, más que los de todos los tiempos de la historia, necesitan quien les señale el camino; pero exigen que quien los quiera conducir tenga algo más que buenas y grandes ideas.

Necesitan de un conductor extraordinario.

Los hombres de este siglo, tal vez por habérselos engañado tanto, necesitan de genios para creer, porque entonces ellos verán por los ojos de su conductor y maestro, oirán por los oídos de él y hablarán por sus labios.

O natural na mulher é dar-se, entregar-se por amor.

¿Qué por ser peronista no puedo encabezar el movimiento femenino de

mi Patria? Esto sí merece una explicación.

— ¿Cómo va usted — me decían — a dirigir un movimiento feminista si usted está fanáticamente enamorada de la causa de un hombre? ¿No reconoce así la superioridad total del hombre sobre la mujer? ¿No es esto contradictorio?

No, no lo es. Ya lo "sentía". Ahora lo sé.

La verdad, lo lógico, lo razonable es que el feminismo no se aparte de la naturaleza misma de la mujer.

Y lo natural en la mujer es darse, entregarse por amor, que en esa entrega está su gloria, su salvación, su eternidad.

¿El mejor movimiento feminista del mundo no será tal vez entonces el que se entrega por amor a la causa y la doctrina de un hombre que ha demostrado serlo en toda la extensión de la palabra?

Yo creo que el movimiento femenino organizado como fuerza en cada país y en todo el mundo debe hacerle y le haría un gran bien a toda la humanidad.

No sé en dónde he leído alguna vez que en este mundo nuestro, el gran ausente es el amor.

Yo, aunque sea un poco de plagió, diré más bien que el mundo actual padece de una gran ausencia: la de la mujer.

Todo, absolutamente todo en este mundo contemporáneo, ha sido hecho según la medida del hombre.

Nosotros estamos ausentes en los gobiernos.

Estamos ausentes en los Parlamentos.

No estamos ni en el Vaticano ni en el Kremlin.

Ni en los Estados mayores de los imperialismos.

Ni en las "comisiones de la energía atómica".

Ni en los grandes consorcios.

Ni en la masonería, ni en las sociedades secretas.

No estamos en ninguno de los grandes centros que constituyen un poder en el mundo.

Y sin embargo estuvimos siempre en la hora de la agonía y en todas las horas amargas de la humanidad.

Parece como si nuestra vocación no fuese sustancialmente la de crear sino la del sacrificio.

Nuestro símbolo debería ser el de la madre de Cristo al pie de la Cruz.

Y sin embargo nuestra más alta misión no es sino crear.

Yo no me explico pues por qué no estamos allí donde se quiere crear la felicidad del hombre.

Sempre vivi em desordem. Acho que nasci para a revolução.

Además yo he sido siempre desordenada en mi manera de hacer las cosas; me gusta el "desorden" como si el desorden fuese mi medio normal de vida. Creo que nací para la Revolución. He vivido siempre en libertad. Como los pájaros, siempre me gustó el aire libre del bosque. Ni siquiera he podido tolerar esa cierta esclavitud que es la vida en la casa paterna, o la vida en el pueblo natal... Muy temprano en mi vida dejé mi hogar y mi pueblo, y desde entonces siempre he sido libre. He querido vivir por mi cuenta y he vivido por mi cuenta.

Por eso no podré ser jamás funcionario, que es atarse a un sistema, encadenarse a la gran máquina del Estado y cumplir allí todos los días una función determinada.

No. Yo quiero seguir siendo pájaro suelto en el bosque inmenso.

Me gusta la libertad como le gusta al pueblo, y en eso como en ninguna otra cosa me reconozco pueblo.

Yo no sé que pensarán de esto los historiadores y los que comentan la historia, pero creo firmemente — y de esta idea no me podrán sacar — que la causa de todos los males de la historia de los pueblos, es, precisamente, el predominio del espíritu oligarca sobre el espíritu del pueblo.

El mundo tiene riqueza disponible como para que todos los hombres sean ricos.

Cuando se haga justicia no habrá ningún pobre, por lo menos entre quienes no quieren serlo...

Con sangre o sin sangre la raza de los oligarcas explotadores del hombre morirá en este siglo.

Minha última vontade: viver com meu povo e Perón, eternamente.

Quiero vivir eternamente con Perón y con mi pueblo.

Esta es mi voluntad absoluta y permanente, y es, por lo tanto, mi última voluntad.

Quiero que sepan en ese momento, que lo quise y que lo quiero a Perón con toda mi alma y que Perón es mi sol y mi cielo. Dios no me permitirá que mienta si yo repito en este momento una vez más: "no concibo el cielo sin Perón".

Mientras viva Perón, él podrá hacer lo que quiera de todos mis bienes: venderlos, regalarlos e incluso quemarlos, porque todo en mi vida le pertenece, todo es de él, empezando por mi propia vida que yo le entregué con amor y para siempre, de una manera absoluta.

Pero después de Perón el único heredero de mis bienes debe ser el pueblo y pido a los trabajadores y las mujeres de mi pueblo que exijan, por cualquier medio, el cumplimiento inexorable de esta voluntad suprema de mi corazón que tanto los quiso.

Quiero que todos mis bienes queden a disposición de Perón, como representante soberano y único del pueblo.

Mis joyas no me pertenecen. La mayor parte fueron regalo de mi pueblo. Pero aún las que recibí de mis amigos o de países extranjeros, o del General, quiero que vuelvan al pueblo.

No quiero que caigan jamás en manos de la oligarquía y por eso deseo que constituyan, en el museo del peronismo, un valor permanente que solo podrá ser utilizado en beneficio directo del pueblo.

Que así como el oro respalda la moneda de algunos países, mis joyas sean el respaldo de un crédito permanente que abrirán los bancos del país en beneficio del Pueblo, a fin de que construyan viviendas para los trabajadores de mi Patria.

Por fin quiero que todos sepan que si he cometido errores los he cometido por amor y espero que Dios, que ha visto siempre en mi corazón, me juzgue no por mis errores, ni mis defectos, ni mis culpas que fueron muchas, sino por el amor que consume mi vida.

(Peronismo, año 30: texto montado con trechos de discursos; dos libros La Razon de Mi Vida e História del Peronismo; e do Testamento de Eva Perón. Ela morreu em 1952, antes de assistir a mais uma festa do famoso 17 de Outubro. Era a data em que Perón tinha subido ao poder, em 1945.)



FOTO DE ESTELA BAGNIS



GEOGRAFIAS

Demonstrando que as formigas são as verdadeiras rainhas da criação (o leitor pode tomá-lo como uma hipótese ou uma fantasia: de qualquer maneira lhe fará bem um pouco de antropofugismo), eis aqui uma página de sua geografia: (Pag. 84 do livro; assinalam-se entre parênteses os possíveis equivalentes de determinadas expressões, segundo a clássica interpretação de Gaston Loeb).

... mares paralelos (rios?). A água infinita (um mar?) cresce em certos momentos como uma hera-hera-hera (idéia de uma parede alta, que expressaria a maré?). Se a gente vai-vai-vai-vai (noção análoga aplicada à distância) chega à Grande Sombra Verde (um campo semeado, um mato, um bosque?) onde o Grande Deus eleva o celeiro contínuo para suas Melhores Operárias. Nesta região abundam os Imensos Seres Horríveis (homens?) que destroem nossos caminhos. Do outro lado da Grande Sombra Verde começa o Céu Duro (uma montanha?). E tudo isso é nosso, mas com ameaças.

Essa geografia foi objeto de outra interpretação (Dick Fry e Niels Peterson Jr.). O trecho corresponderia topograficamente a um pequeno jardim da rua Laprida, 628, Buenos Aires. Os mares paralelos são dois pequenos canais de esgoto; a água infinita, uma banho para patos; a Grande Sombra Verde, um canteiro de alface. Os Imensos Seres Horríveis insinuariam patos ou galinhas, embora não se deva descartar a possibilidade de que realmente se tratem de homens. A respeito do Céu Duro desenvolveu-se uma polêmica que não acabará tão cedo. A opinião de Fry e Peterson, que vêem nele uma parede de tijolos, opõe-se à de Guillermo Sofovich, que presume um bidê abandonado entre as alfases. **Júlio Cortázar**



O PERTO DE MIM

Um bicho é como outro qualquer, confunde-se no número e na igualdade. Na confusão, um desigual aparece. No destaque, caminha.

Havia pra mais de cinquenta saqués no terreiro da fazenda. As peninhas preto-e-branco acinzentadas, bem estruturadas no corpo. Um xadrez redondo e andante. As cabeças dos bichinhos eram iguaizinhas, que semelhança: aquelas tantas carinhas de padre. Quando um gritava "tou-fraco" seguia-se um coro extensivo. Semelhante a um eco enorme, que mais escondia cada um no meio da multidão de saqués. Andavam sempre no seu grupo reunido. Trabalhando e comendo coletivamente. Ninguém sabia quando um saqué botava ninho. Ela se escondia no mato, distante de casa, e tinha a cobertura de todos e de seu corpo. Parecidíssimo.

— Essas pestes não presta pra criar, não!

Na sua cara, o saqué nada tem de sertão. Mas difícil é a casa dum alguém que não tenha saqué no terreiro, enfileirado. Ninguém sabe por que. "Essa desgraça veio da África".

Nunca junto aos saqués vivia a quantidade de galinhas: d'Angola — careca no pescoço, assemelhada a um soldado real na sua postura, Leghorn, um monte, um lote de galinhas diferente na característica. Uma infinidade de poedeiras divididas na raça, na cor, no cacarejo. Uma vermelha, pedrez, pintada. Uma branquinha pequena — danada no ninho — umas que eram sangue de todas. Embalhavam-se no ciscar: pé-duro.

As galinhas, ao contrário dos saqués, punham seus ovos em casa. Eram deitadas por Darvino, ora numa cangalha velha, ora num cesto estragado: domestica-

zinhas. Os saqués cresciam ao tempo, encostados à natureza. As galinhas, meio controladas. No ninho, no particular.

O sol já deixando nuvens vermelhas, moldando círculo diário, e a gente não vendo mais direito o que de manhã se via claro, se amontoavam no quintal vizinho ao curral, as cheinhas de penas, calmas. Um limoeiro grande agarrado ao muro ficava cheio de galinhas cacarejando para se equilibrar nos galhos de espinhos. Essas eram as mais feias, isoladas por natureza. Espalhados pelo terreno os cavaletes feitos a facão — ao gosto dos bichos. Os saqués ocupavam um cavalete na disputa igual de lugares. Ajeitavam tudo no fim, pressão da noite escura, mistério pros animais. Outros cavaletes ficavam com os perus, desequilibrados nos seus pés de ave.

Entre a aparência do saqué, da galinha e do peru, estava um que não era nenhum deles. Não era outro também. Um emio, intermediário entre os tres sem ser nenhum. Do peru tinha o tamanho e o costume de explodir o cu. Também o modo de andar desconjuntado. A cada pedaço andado um estampido nos fundos. Do saqué, a forma, o contorno do ser. Uma parte grande meio oval, desprendendo-se daí um pescoço característico e a cara de padre, vinda no jeito do meio da África. O bicho não cantava uma coisa sua. Não era o gurgulejo do peru, nem o "tou-fraco" do saqué. Era mais o có có có da galinha. Parecia.

Sexo não devia de ter. Sua indiferença nos olhos contemplando o nada pelas laterais não era jeito de macho, bicho feroso, matreiro, necessitando de fêmea a cada dia. Fêmea não era: sem redondeza nos fundos, sem nunca ter posto ovos, assim. Já tinha dois anos naquela vida de intermediário. De existir, ele tava ali: comia o milho espalhado, tinha as suas penas. Andava sozinho dentro dos bichos. Sua natureza era de solidão. Só batia um galo, pato ou saqué quando era atochado. Em meio ao inverno de um ano de chuva forte, ele tinha matado um pato que tentou incubá-lo. Fim do dia aparecia algumas vezes com uma cobra enrolada no bico — saculejando na luta de escape.

Por não dizer o que era, trancado no silêncio de ave, na confusão, sem por nem repor, comendo milho atoa, ele entrou na faca. Bicho indefinível era bom na panela.

Quando morde suas coxas gordas, redondinhas, chorei um pouquinho.

Gustavo Falcon (jornalista, baiano, 21 anos; conto escrito em 71)



Juan Calzadilla, venezuelano, poeta e ilustrador (do livro *Malos Modales*, Caracas, 1965)

MULHER QUE DIZ TCHAU

Levo comigo um maço vazio e amarfanhado de cigarros "Republicana" e uma revista velha que você deixou aqui. Levo comigo os dois últimos bilhetes do trem de ferro. Levo comigo uma folha de papel com a cara minha que você desenhou, de minha boca sai um balãozinho com palavras, as palavras dizem coisas cômicas. Também levo comigo uma folha de acácia recolhida na rua aquela noite, quando caminhávamos separados de todo o mundo. E outra folha, petrificante, branca, que tem um furinho igual a uma janela, e a janela estava velada pela água e eu soprei e ví você e esse foi o dia em que a sorte começou.

Levo comigo o gosto do vinho na boca. (Por todas as coisas boas, dizíamos, todas as coisas cada vez melhores que vão acontecer conosco).

Não levo comigo nenhuma gota de veneno. Levo os beijos de quando você ia embora (eu não estava nunca adormecida, nunca.) E um assombro por tudo isso que nenhuma carta, nenhuma explicação, podem contar para ninguém o que foi.

Eduardo Galeano (escritor, uruguaio, esteve preso recentemente, jornalista na Argentina agora)



FLAGRA

Fausto entrou peidando e chacoalhando a barra da calça, mas ninguém ligou pra atitude dele porque ali estavam todos mais preocupados com não-sei-o-quê. Apenas Mariana ergueu meio braço e fez assim com o dedo indicador e o pai de todos, em forma de vê, trazendo no vértice um toco de cinza apagado. O ambiente era de uma simplicidade atroz: no chão liso eu vi um jornal rasgado, um suspensório, e muita fumaça. Nas quatro paredes nada vi, nem sequer uma janela. Tinha um cigarro circulando entre dentes e dois pintas estranhamente vestidos de terno, camisa de seda e gravata babavam-se um no outro e ainda deixavam resíduos para os próximos.

— Porra, putada, estamos aí.

Disse Fausto sem a mínima convicção.

Nisso rosnou a Honda na porta, lá embaixo, e uma saia correu pelos degraus e já subiu de

volta empunhado aquele easy-rider caboclo que não cabia dentro do couro.

Aconteceu algumas tragadas que com toda certeza foram até as tripas e as figuras subiram as paredes e começaram a andar pelo teto.

Foi nesse fotograma que a porta estourou e os homens caíram em cima de cassetetes, coronhas, algemas e patas, e os viajantes enguliram pacificamente o que tinham na boca e nada mais teria ocorrido se o peterfonda dos pobres não tivesse puxado o revólver.

Aí eu só me lembro de um polegar grosso baixando as pálpebras sobre meus olhos e fechando as cortinas para o espetáculo que eu fui nessa vida.

Otoniel Santos Pereira (poeta, publicitário, cineasta, paulista, 33 anos, casado, 3 filhos)



PRÓCURA

De poesia não se vive, dizem. Fazer poesia é loucura. A poesia diz umas verdades que as pessoas não querem ouvir. Recital de poesia numa época em que o homem vive a crise da tecnologia talvez seja um absurdo. A média das pessoas prefere receber uma informação imediata e mastigada, que não obrigue a refletir. Quem perde tempo em refletir pode perder seu lugar. E no entanto, cada vez mais, pessoas comuns e incomuns escrevem poesias, quase sempre para si mesmas, no máximo para quem ama. Mas o fato é que se expressam, sabendo, evidentemente, que disso não sairá seu pão; dificilmente verão as poesias publicadas, dificilmente elas chegarão ao público envenenado pela televisão, consumidor do que a televisão manda consumir. Essas pessoas não vêem outra saída que não a de encontrar uma profissão, um salário fixo, um emprego bom, seguro. E não são nada insensatas ao proceder assim. É o caminho normal de todos nós.

A poesia (como todas as expressões artísticas) faz parte de nós, alguns de nós que esquecemos dela, abandonamos, outros de nós que a preservamos e fazemos dela um meio de vida, agora no sentido mais geral de vida, pois de poesia se vive, sim. E a poesia pode ser lida e pode ser ouvida, não há nada de novo nisso. Nada de revolucionário. Embora o próprio ato de criação seja revolucionário: plantar, dançar, cantar, representar. Se hoje tais atos são muitas vezes considerados anormais, e há uma nova normalidade nas ruas, devemos estar atentos. Algo vai mal.

Um recital de poesia pode melhorar a situação? Pode, pelo menos, aproximar as pessoas, e o sentimento de fraternidade, também esquecido, pode tocar levemente as pessoas, pois elas não estão sozinhas como às vezes pensam. Ou como às vezes querem, e acham normal.

Um recital de poesia não deve ser obrigatoriamente uma coisa chata, velha, como nos mostraram as festinhas cívicas ou infantis. Aquela obrigação de mostrar pras visitas uma poesia decorada não é senão uma deformação do ato de falar poesia. E mais esse pequeno detalhe de nossa educação nos afasta da poesia, como nos afasta da realidade.

O poeta pode ser um louco; seu empresário e diretor pode ser o enfermeiro; e eles dois pulam o muro do hospício, chegam ao teatro e se apresentam. O poeta, por medida de segurança, metido numa camisa-de-força. Assim começa o espetáculo; esta é uma das possibilidades de transformar um recital de poesia num acontecimento envolvente, amplo, fornecedor de informações que transcendem a própria poesia, em busca de um lugar para o homem no universo.

O espetáculo chama-se PRÓCURA, tem três partes, e eu mesmo digo as minhas poesias durante quase uma hora. Vai ser no Teatro de Arena, 14, 21 e 28 de outubro, três segundas-feiras.

me declaro claro

como o dia ia
como a nuvem vem
troco minha cabeça-de-vento
por um par de mãos fortes
meus olhos cheios de lágrimas
por um coração em festa
minha vida formal
pela morte sem formas
estamos na terra

estamos no céu
estrela és tu
estrela sou eu
a terceira guerra já começou
navios combatem nos rios de suor
dos marinheiros
gerentes de banco atacam clientes
com bombas de dinheiro
em todas as casas gritos de pavor
os telhados desabam sob os pés
dos engenheiros
acordarei dentro de tua xícara de
café com leite
e me tomarás ainda quente no
balcão do bar
da estrada que resolvermos tomar
sabendo de suas mortes, de seu
trajeto vital
eu café tu leite misturados por uma
colher de lata
numa xícara de metal no balcão
de bar
da estrada que resolvermos tomar
as palavras da cabeça ninguém toma
vou juntando e só eu sei a soma
temperando e só eu sei o aroma
em momentos de emergência como
esse tudo serve
qualquer coisa escreve sobre as
epidermes
nessa hora é tão difícil seguir as
leis
só é fácil pra quem difíceis as fez
ou nem esses talvez lhes escapem
entre os dedos
já viu dedo? um por um?
e as pálpebras recortadas
em forma de coração?
está bem
está bem

Alexandre Solnik (24 anos)



FOTO DE G. BONDURI

QORRASÃO ABERTO



Conversação com um surdo no hospício

Este (arrancando os cabelos e batendo as mãos): Que é feito dos meus bahús! onde estão? ... tenho neles roupa! estou descalço ... com os pés fora das botinas (virando estes) e já ha oito dias! ... e não me aparecem!?! irra! irra! irra! — é muito aturar! é muito sofrer!

(Em tom mais moderado): Mas eles não de aparecer!

Eu (depois de haver conversado com algumas Irmãs, e com o Secretário do hospício): Não se aflija, (batendolhe no hombro) não se aflija! já se deram as providencias necessarias, ja se oficiou à policia afim de os fazer vir para este estabelecimento. É portanto de supor-se que hoje mesmo aqui os tenha.

Tranquelize-se pois.

Ele: Mas os meus bahús! a minha roupa! os documentos e mais papeis que nele tenho ... — documentos no valor de tantos contos de reis! Em? . isto é o diabo! (meneando o corpo e a cabeça) Estão na policia, mandou-se buscar, vem hoje, amanhã, depois, e ha oito dias, e eu — sujo, e rôto, e nada de bahús, e estes não aparecem!

Já se vio — que diabo! ... já se vio que msrtyrio! ... (passeia em um longo corredor).

Eu (encostando-me a ele): Então já está mais tranquilo? gosta de lêr? quer esqriever alguma couza?

Ele: Não: o que preciso unicamente é dos meus bahús para mudar (pegando no peito de um paletó preto de alpaca, e algum tanto estragado) roupa, botinas, (torcendo os pés) e para que se não perca a minha resalva, e outros papeis!

Eu: Perguntei para, se gostasse obter-lhe algum livro em que se estretenha algum tempo, ou até que lhe chegasse o que deseja.

Ele (gritando): Qual entreter!

Ném livro, nem penna me entretem!

Sou cavalheiro da Roza, fidalgo de casa Imperial, estava em um hotel, e quando menos esperava — recebi ordem do chefe de policia para vir para esta casa!

E então não heide estar indgnado!?

Eu: — tem razão, tem muita razão. Mas nada consegue indignando-se, mais que amofinar-se: é melhor esperar com paciencia — que o respeitem, e cumpram para com V.S. seus deveres.

Conversação com os médicos que me vião.

Hum delles: — Então como passa. l

Eu: — Estou muito sentido para com V.Sa. por não haver ainda querido determinar que se me dê nesta caza o tratamento a que estou acostumado, e que tantas vezes lhe hei pedido!

Elle: — isso é estabelecido em tabella. nós não temos culpa.

Eu: — pois não deve haver tabella para sãos, e para doentes grao de sua enfermidade e compleição?

Elle: — Só se reformarmos our riscarmos a tabella!

Eu: — Se não posso ter o tratamento que precizo, continuarei a sofrer algumas horas de incommodo quando me sento á meza para comer, e quando se feixa a porta do meu quarto antes da hora em que costumo deitar-me!

Na grafia que mais tarde inventaria, seu nome de batismo era Joze Joaquim de Qamos Leão. Nasceu em 1829, em Triunfo, pequena cidade às margens do rio Jacuí, no coração da Província de São Pedro do Rio Grande. Em 1863, alcunhou-se "O Qorpo-Santo". Morreu a 19 de maio de 1883 em Porto Alegre, deixando mulher, quatro filhos vivos, e a pequena fortuna de 40 contos de réis em bens imóveis.

Foi caixeiro-viajante, vereador, delegado de polícia. Tomou-se professor de "Língua Pátria" (Português). Dirigiu renomados estabelecimentos de ensino. Teve alunos ilustres. Destes, alguns chegaram a acompanhar-lhe o enterro. Era monarquista convicto, adversário incansável dos rebeldes farroupilhas que proclamaram, em 1835, a República de Piratini. Na concepção mais legítima do termo, era um "cidadão do Império".

Ao certo, ninguém sabe o que houve. A lenda conta que, por volta de 1862, dois assaltantes noturnos bateram-lhe muito na cabeça, e que esta desandou. Ele próprio escreveu que, a 7 de junho de 1863, José de Leão subiu ao céu e virou santo. Seu corpo ficou morto por doze horas, até que nele se infiltrou um "outro" — O Qorpo-Santo.

A partir daí Qorpo-Santo fez e

sofreu o diabo. Tentou implantar uma nova ortografia, eliminando os K, Ç, PH, SS, RR e demais inutilidades. Escreveu peças absurdamente ousadas para o teatro da época. Escreveu poemas agressivos, sem métrica, sem rima, sobre formigas, aranhas, tinteiros e quinquilharias, escandalizando as mentes parnasianas. Editou sua própria obra, pomposamente chamada *Ensiqlo-pédia ou Seis Mezes de Huma Enfermidade*.

De 1862 a 1868 Qorpo-Santo foi "réu" de um processo de interdição. A 17 de agosto de 1868 foi oficialmente declarado louco, e incapaz de gerir seus bens, sua família e a si próprio. Na fase final do processo, Qorpo-Santo foi encarcerado e enviado ao Hospício D. Pedro, no Rio de Janeiro, para melhor exame. No Hospício tomou muitas notas. E depois publicou-as sob o irônico título de *Qinze dias na Corte*.

Na verdade, foram quatro meses de "Corte", embora depois ele conseguisse transferência para uma casa de saúde particular. O que segue é um extrato dessas notas, redigidas em forma de diário. O depoimento de um encarcerado.

Flávio Aguiar

Elle: — Adeos! hade melhorar de tratamento e de quarto.

Eu: — Ficarei muito grato a V.Sa. Hospício Abril 10 de 1868.

QUINZE DIAS NA CORTE

Um descrente innocente.

Meu Deos! todos converssam e (passeam!

Só eu — não posso de triste — (passear!

Porque, meu Deos! assim me (añceiam

Neste viver — que não posso (gozar!?

A todos dá gosto — o pão que (alimenta:

E a mim ó meu Deus! — só (atormenta!

Porque, Senhor meu — matas- (me a vida

Nesta enfadonha e horrivel lida!?

Todos dançam, alegres, conten (tes.

Passam parece — em vida feliz! l

So eu separado destes viventes, Sinto das magoas, o toque infeliz/ A' hora apazada, traçam-me (a porta:

A' mais avançada — julgo que (é morta

— Aquela a quem amo no maior (extremo;

A quem jurei — fé — pelo (Ente Supremo!

Senhor! Senhor/ Senhor! Acudi a — um desgraçado l

Morre, morre — desesperado! l Se lhe não toca — o teu favor:

Distração no hospício

Faz-me saudade, Saudade extrema! l	Meigos sorrizos Me vem à mente! l
Deos sabe o que! l	De tantas canduras Doces temuras
Um tal problema Não se resolve!?	Sonhando eu gozo! l

De branca vaga Que docemente A' praia bate; Eu sinto embate Em meu coração! l	Amores meus! l Mulheres minhas! l Porque azinhas De mim fugis? Ingratas sois! l Acaso perdi-vos!?
---	---

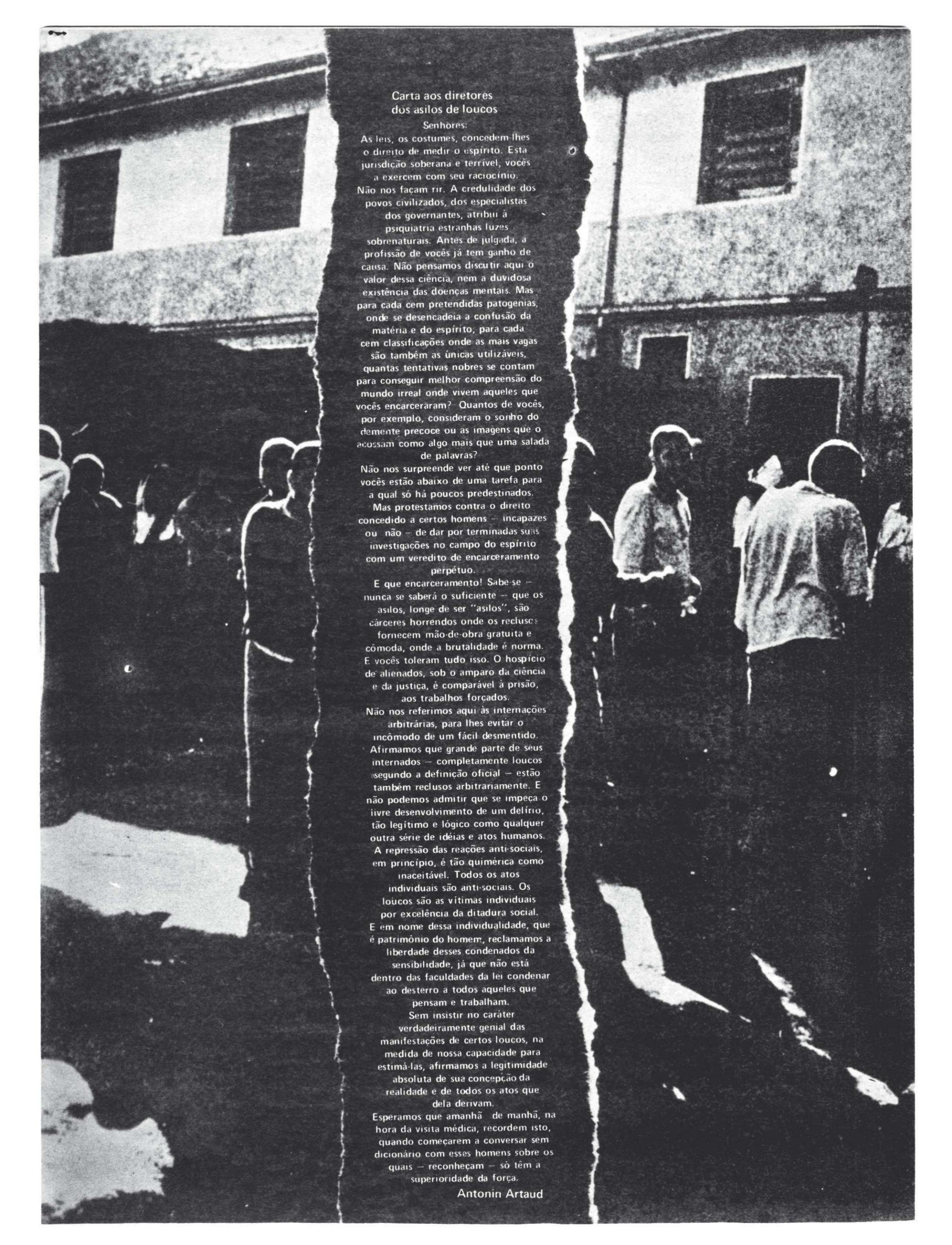
Abril 12 de 1868

HOSPÍCIO, ABRIL 19 DE 1868

É hoje o dia em que para mim pela primeira vez raiou a luz clara e pura, que nos faz vêr e conhecer as brilhantes e admiráveis maravilhas, ou portentozas obras do Omnipotente! l tendo a maquina do tempo feito-me viajar no pelago insondavel da vida trinta e seis e mais tres annos! l

Estamos porem com quanto muito respeitado e estimado em um estabelecimento do qual se nos ha permitido sahir de hoje a quatro dias; não direi como preso em cadeia, doente em hospital; mas como alumno interno em collegio! l

Pai de seis filhos, professor publico — posso dizer de duas cadeiras, com 39 annos de idade, casado, fundador de um collegio, e director de ois, proprietario, e litterato/ — Dêdeqe horrorozos crimes contra minha pessoa, familia e bens perpetrados, que me pozerão em tal condição! l



Carta aos diretores dos asilos de loucos

Senhores:

As leis, os costumes, concedem-lhes o direito de medir o espírito. Esta jurisdição soberana e terrível, vocês a exercem com seu raciocínio. Não nos façam rir. A credulidade dos povos civilizados, dos especialistas dos governantes, atribui à psiquiatria estranhas luzes sobrenaturais. Antes de julgada, a profissão de vocês já tem ganho de causa. Não pensamos discutir aqui o valor dessa ciência, nem a duvidosa existência das doenças mentais. Mas para cada cem pretendidas patogenias, onde se desencadeia a confusão da matéria e do espírito, para cada cem classificações onde as mais vagas são também as únicas utilizáveis, quantas tentativas nobres se contam para conseguir melhor compreensão do mundo irreal onde vivem aqueles que vocês encarceraram? Quantos de vocês, por exemplo, consideram o sonho do demente precoce ou as imagens que o acossam como algo mais que uma salada de palavras?

Não nos surpreende ver até que ponto vocês estão abaixo de uma tarefa para a qual só há poucos predestinados.

Mas protestamos contra o direito concedido a certos homens — incapazes ou não — de dar por terminadas suas investigações no campo do espírito com um veredito de encarceramento perpétuo.

E que encarceramento! Sabe-se — nunca se saberá o suficiente — que os asilos, longe de ser "asilos", são cárceres horrendos onde os reclusos fornecem mão-de-obra gratuita e cômoda, onde a brutalidade é norma. E vocês toleram tudo isso. O hospício de alienados, sob o amparo da ciência e da justiça, é comparável à prisão, aos trabalhos forçados.

Não nos referimos aqui às internações arbitrárias, para lhes evitar o incômodo de um fácil desmentido. Afirmamos que grande parte de seus internados — completamente loucos segundo a definição oficial — estão também reclusos arbitrariamente. E não podemos admitir que se impeça o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimo e lógico como qualquer outra série de idéias e atos humanos.

A repressão das reações anti-sociais, em princípio, é tão quimérica como inaceitável. Todos os atos individuais são anti-sociais. Os loucos são as vítimas individuais por excelência da ditadura social. E em nome dessa individualidade, que é patrimônio do homem, reclamamos a liberdade desses condenados da sensibilidade, já que não está dentro das faculdades da lei condenar ao desterro a todos aqueles que pensam e trabalham.

Sem insistir no caráter verdadeiramente genial das manifestações de certos loucos, na medida de nossa capacidade para estimá-las, afirmamos a legitimidade absoluta de sua concepção da realidade e de todos os atos que dela derivam.

Esperamos que amanhã — de manhã, na hora da visita médica, recordem isto, quando começarem a conversar sem dicionário com esses homens sobre os quais — reconheçam — só têm a superioridade da força.

Antonin Artaud

Nestas duas páginas, falam, escrevem e desenham vários internos de três hospícios de Buenos Aires. O material todo — textos, conversas gravadas, desenhos — foi recolhido durante cinco anos por Vicente Zito Lema, poeta e advogado argentino. Uma parte de seu trabalho foi publicada pela revista *Crisis*, também de Buenos Aires, de onde extraímos os textos e desenhos aqui apresentados.

— Que castigos?

— São vários, diferentes. Por exemplo te pegam no banho com um cobertor, vários enfermeiros, e até com ajuda de outros internos, e te cobrem de porrada, no estômago, isso tudo...

— Continuam usando camisa de força?

— Sim, e molham as camisas para amarrar os doentes...

— Alguma vez lhe aplicaram choque?

— Sim... como esquecer... É uma barbaridade, o castigo que lhe dão aqui é uma barbaridade. Te pegam aí, te amarram... os próprios doentes mandados pelos enfermeiros, quando vêem que alguém se rebela ou porque não vão com a cara...



— O que é pior aqui, além de estar preso?

— Tudo é mau, não apenas a comida. Afora isso, maltratam a gente brutalmente, que sei eu... te fazem de tudo, aqui... os médicos, os enfermeiros... Sem contar que os enfermeiros tomam o pecúlio dos internos, então não podemos comprar nada, nem cigarros...

— E vocês não têm jeito de defender-se?

— Que jeito? se vão e dizem ao médico e nos metem uma injeção ou choque elétrico! Nos maltratam, nos maltratam. Quando não amarram a gente numa cama, de castigo. E daí a gente vai reclamar pra quem?

Contudo não os odeio. Fazem o que podem.

O terrível é que nos trazem para que a gente não morra pelas ruas. E logo todos nós morremos aqui.

— Antes da internação, você trabalhava em quê?

— Pedreiro, servente de pedreiro.

— Que cuidados tomam com você?

— Praticamente nenhum. O interno fica abandonado aqui, não há tratamento, não... Como poderia dizer... não ajudam o interno, precisavam cuidar dele...

A MORTE

Mas para que querem entender? ...

A morte me mostrou a língua ao lado de uma árvore, enquanto meu pai preparava o assado e eu decidia se dava ou não um tiro em mim, com a pistola Tala. Entendeu bem? Te ponto a ponto ele ponto a ponto. Dei-me conta de que a Tala podia ficar talado e via o buraco branco e a morte mostrando-me a língua e isso me excitava e para não me masturbar pus-me a caminhar e um espinho me entrou e começou a doer a doer mas continuei caminhando e então apareceu o Anjo e com a espada cortou a língua da morte e eu aproveitei e passei-lhe a mão na bunda e voltei correndo para junto de meu pai que continuava fazendo o assado e quando me viu disse: você parece São Pedro, e começou a rir.

— E choque elétrico, continuam aplicando?

— Continuam.

— Mesmo contra a vontade do interno?

— Claro. Mesmo assim aplicam. Alguém reclama mais duramente, outro se rebela, você briga por alguma coisinha, enfim...

— É uma forma de castigo...

— É como a "congesta" da polícia.

— Como acha que se poderia melhorar a situação geral do hospital?

— Eu a primeira coisa que faria seria tirar o diretor e as demais autoridades que estão com ele, porque são pessoas que não se tocam. Pelo menos deviam percorrer os pavilhões onde estão torturando os internos, onde estão amarrados com lençóis, e o diretor não toma nenhuma medida, não tem nenhuma responsabilidade. E também tem a negociata da carne; a carne que entra aqui, eles tiram com um caminhão pelo outro lado, pela porta de ferro que dá para a avenida Brandsen, e por ali tiram tudo — assim que entra, levam de novo...

— E quem é responsável por isso?

— E quem mais seria... as autoridades, não?

CASIMIRO

Com apenas 10 anos, Casimiro Domingo — nascido em 1882 num povoadozinho espanhol — foi para Madri e começou a trabalhar de sapateiro: seria sua profissão pelo resto da vida. Com 31 anos, Casimiro veio para a América Latina e instalou-se na Argentina. Sapateiro, sempre.

Em 1935, teve o primeiro "chamado obsessivo" de que "os espíritos o reclamavam como intermediário entre eles e o mundo". E assim, obedecendo a "forças alheias", começou a desenhar, sem ter a menor noção do que fazia nem ter nunca tentado sequer traçar um risco. A mesma voz interior guiava seus textos, cheios de sabedoria e inocência.

Casimiro Domingo, após uma longa internação, morreu no hospício em 1969. Seu valor não está apenas em suas formas de expressão, capazes de despertar beleza, emoção, a infinita ânsia do maravilhoso; mas também em ter sido, apesar de sua inocência ou por causa dela, o dono original de conhecimentos profundos que escapam daqueles que o prenderam declarando-o "incapaz".

BAL

Com a palavra

— Você acha que agora, sob um governo popular, podem melhorar as condições deste hospital?

— Poderia ser se mudassem as autoridades daqui, porque hoje continua sendo tudo igual, não mudou nada.

— Quanto tempo faz que você está aqui?

— Tenho seis anos aqui e sempre estão os mesmos. Já estavam aqui antes de Lanusse.

— E como vê a vida nessa situação?

— Eu lhe digo: espero ficar bom, cair fora e trabalhar, para ser útil à sociedade.



CARTA A MINHA MUIÉ "SOLEÁ"

Estás longe muié! Estás longe! Deus benditu te ampare, madona. Como pashas? Eu estou como Deus manda.

Às vezes, às vez penso. Puderíamos está jontosh. Mas se Deus o quero. Que sheja u que Deu queira.

Bendita a mãe que te pariu. Bendita sheja. Deste-me uns anos bons.

Que mais? Madona: lembra-se de mim às vezes? Sabes que existo?

Que lindo guisadus fazias! Que olé! Que Ele te tenha. Tu mereches.

Eu estô fazendo meu calvário para não deixá de esta cuntigo. Porque estarás muito pertinha dos quirubins, serafins e arcanjos.

Se às vezes tenho uma fraquez, me perdoas. São coisas que são. Mas Soleá, como sempre me faz acumpnhadu, shei que voltarás.

Devo confessar-te uma coisha. Perdão. Tenho outra muié. Me perdoas? Se chama, também, SOLEÁ.

Teu marido

ADA

os oprimidos

— Você se sente abandonado?
 — Naturalmente, porque não há quem me ajude. E sem contar que os médicos pegam gente e botam para trabalhar, porque não têm pessoal, não têm nada, e então os próprios internos têm que distribuir medicamentos, dar injeção, os próprios doentes... porque há um enfermeiro para cada quatro ou cinco andares, então os internos têm as chaves dos consultórios, eles dão injeções, comprimidos... enfim... e são doentes mentais que não têm responsabilidade! Imagine, se vão e lhe dão um remédio errado, porque não sabem...

— Em geral, a maioria dos internos veste uma espécie de uniforme e bem gasto, muito roto. Não dão roupa a vocês?

— Roupa? Tem um depósito onde precisa ir comprar; eu, por exemplo, comprei estas calças, porque aqui não me davam roupa. É a mesma roupa que o governo manda para agente, mas acontece que aqui eles pegam e vendem.

— E com a comida, o que acontece?

— Também: você dá uma gorgeta ao cozinheiro, e ele dá um pedaço de carne. Se não, você nunca recebe...

— Você é casado?

— Não, solteiro.

— Você acha que aqui existe injustiça social?

— Naturalmente, todos percebemos.

— E quais são as evidências desta situação?

— Pra mim, o castigo que dão aos doentes.

ASPIRAL

Casimiro Domingo

Nada sou nada posso senti pai meu mas siétua dibina bontade algo eu poderei espricar algo poderei dizer concernente com esta aspiral que seja pintado que sejadeseenhado nada mais para irmanifestando algo destes fenômenos naturais que nos vassendo dado compreender para ir analisando aque causas ou efeitos obedecem estes fenômenos que seestão desenvolvendo em nosso redor sem poder espricar-nos quesão e que poderão ser esta aglomeração de raias e pontos em cores dirijidos a distintas direções para ir-se cordenando um cos outros e poder combinar uma massa deconjunto de cores e podê-la lebar a formar uma mole como é esta aspiral que neste quadro avemos pintado a vemos desenhado para poder sentitizar algo do ultra tereno e poder-nos introduzir nesse mundo astral espiritual onde todos os seres nos mobemos nos ajitamos em distintas fomas debida a manifestar por suas combinações de bida abiber neste mundo em quebimos a nós e em que bibem os outros mas tendo relação uns cos outros isso quer dizer Deus meu isso quero traçar do que esta aspiral ou significa em sua birtualidade osinificado que ensi tem ou pode ter este gran conjunto de manifestações de estados de alma mais ou menos ebulucionadas umas se dirijem por um lado outras por outro mas cada uma tem ensi um colorido quesedesprede amedida que vaebolucionando amedida que seu pensamento bamodificando-se paraser uma força de conjunto de colorido ouexpressão de estado de alma que é dirijir-se auns fins demodificação deste gran conjunto de expressão que ensiemos tido até que a nós outros outro maior chegou em outra ordem de coisas decoces bistas sob um estado de alma em uma ordem mais superior que se dirije paraunlado para o outro e por último forma uma

curba entre estas duas raias ou seja entre estes dois estados de alma ou seja entre estes dois caminhos que sejam aberto asegir neste gran conjunto de colorido adifiniouidifiniando amedida que bamos traçando alguns destes rasgos destas raias de cor ou deexpressão desta cor desta afinidá correlatiba um com outro e poder for mar uma cubra nesta cubra um triângulo neste triângulo uma raia e desta raia for maremos uma cadeia e com esta cadeia e elos que podemos ir unindo nos irá conduzindo aos uns eaos outros a esta gran mole de aspiral a este espaço infinito e este tempo inter minável a esta bida em que bibemos todos unidos bamos conduzindo-nos em redor desta aspiral desta causa sem fim nemlimites desta gran vida unibersal manifestada nesta gran mole aspiral que nos baconduzindo por meios de rotatibos com suas curvas com suas raias air for mando distintas de novas cadeias de união debida mas que sempre é uma avida universal que sempre jira sobre esta mole sobre esta aspiral de bida infinita que sempre em redor nos ba fazendo jirar para que asigamos em seus estados derotação a manifestação de expressão deste estado de alma em ordem manifestatiba super ebulucionacional anterior que espresso e se manifestou por segir esta curba que nos bai traçando uma raia para que podamos formar um novo triângulo nesta bida progressiba que bamos tendo todas as almas que nela bamos ebulucionando bamos progressando quer dizer bamos per feccionando-nos nós mesmos nestas de rotatibos debida asegir sobre esta curba sobre esta raia desta gran mole de aspiral que nos bailevando que nos baconduzindo cada vez mais aque nos harmonizemos abiber nesta ordem ebulutiva e deroativa.



Quais são para você as causas e consequências da reclusão nos hospícios?

Acho que a maioria das pessoas padece de transtornos mentais, inclusive os próprios médicos. Ou por acaso a maioria dos que estão nos armazéns e nas lojas é gente de razão? Nenhuma! E os médicos, por exemplo, uns mais, outros menos, padecem de psicoses. E será que alguém sabe o que é alma, o que é o intelecto?

Me aplicaram choque elétrico. Vê-se que queriam arrancar-me a doença do corpo. Mas não me queixo. Do que teria que me queixar? Os médicos são bons. Fazem o que podem. Receitam, dão conselhos...

E mais, se saísse daqui, aonde iria? Não tenho nada. Não tenho ninguém.

No fundo os médicos não entendem dessas coisas da mente, do espírito. Portam-se bem, mas não podem ser o que não são.

Simplesmente tomam a temperatura; dão comprimidos, injeções, como se se tratasse de um armazém. E esquecem que no fundo é uma questão moral. E não conheço ninguém que possa entender a mente.

O que é poesia para você?

Criar poesia determina em mim um compromisso enquanto devo expressar, o mais fielmente possível, aquilo que nos faz vibrar, cotidianamente. Tento expressar o gesto, a dor, o rosto, de todo este microcosmo que está em volta.

Acho que é ver além do papel; da correta forma do verso.

É récriar nossa vivência, nos demais, com toda intensidade possível. Não é fácil, pressupõe passado onde bronca, frustração e penas são os componentes essenciais, a maioria das vezes.

Quero lembrar isto ao leitor, transmitir o que sente "nosso homem da rua". E como se transforma ao deixar de sê-lo, quando ingressa num "lugar para doentes mentais".

Ali aparece uma faceta pouco conhecida da poesia. Quase diria, temida pelo homem. Faz sofrer muito. Ele não aguenta.

Deve-se romper o mito. Aquele que escreve viajou com o leitor em ônibus, come, troca a camisa, vê através de seus mesmos olhos, quer dizer, é sobretudo HUMANO.

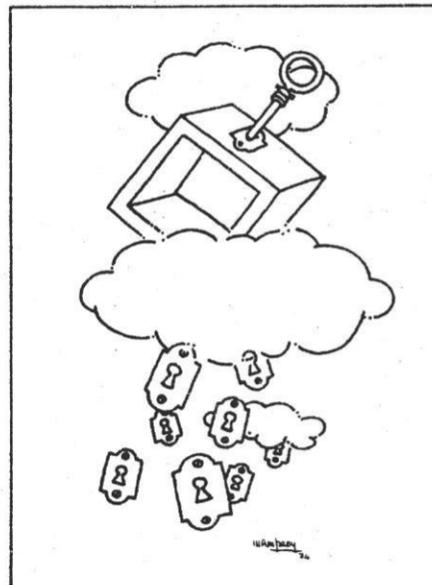
Este é o compromisso com os demais.

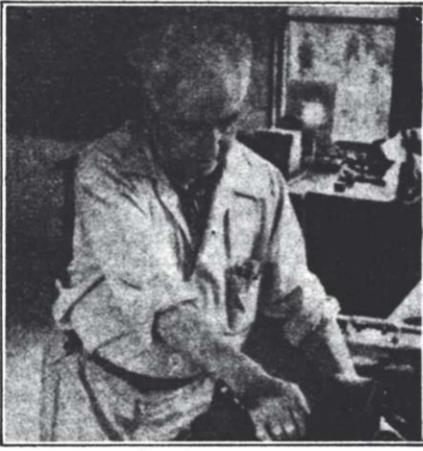
TÃO POUQUINHO

Só de ilusões vivemos.

Quantas promessas nos fizeram e quão poucas foram cumpridas...

Uma delas, foi um trator que passaria diariamente recolhendo o resto de comidas, pois é até ridículo que tenhamos de ir todos os dias, os pacientes dos pavilhões, jogar fora os desperdícios. Se lêem isto, que o leiam como uma lembrança do prometido, do tão pouquinho que foi prometido mas igualmente negado ou por acaso esquecido.





Até para explicar por que escolhemos os governantes errados, Wilhelm Reich recorre a suas teses de repressão sexual. Ele só pensa nisso (felizmente).

Em outubro de 1935, trezentos psiquiatras, entre os mais conhecidos, chamaram o mundo à reflexão. A Itália havia iniciado seu ataque contra a Abissínia. Num instante, milhares de seres humanos, e entre eles mulheres, velhos e crianças, tinham perecido sem poder se defender. Podia-se prever as dimensões que assumiria o assassinato coletivo, no caso de nova guerra mundial.

Que uma nação como a Itália, cujas massas estavam famintas, respondesse com tanto entusiasmo e sem rebeliões, ao chamado guerreiro, alguém podia esperar, sem dúvida; mas no entanto é incompreensível. Este fato fortalecia a impressão geral de que o mundo não só se deixa governar aqui e ali por homens nos quais os psiquiatras reconhecem sinais de doença mental, mas também que os homens de todos os continentes são de fato doentes mentais; suas reações intelectuais são anormais e estão em contradição com seus próprios desejos e suas capacidades reais.

Constitui um sintoma de reação psíquica anormal estar faminto em meio à abundância, ficar exposto ao frio e à chuva tendo quantidade suficiente de carvão, de máquinas de construção, dispondo de milhões de quilômetros quadrados de terra, etc;

acreditar que uma potência divina de larga barba branca dirige tudo, e que se está submetido a esta potência pela morte e pela perdição;

entusiasmar-se com o massacre de pessoas que não fizeram mal a ninguém e acreditar que é preciso conquistar um país do qual nunca se ouviu falar;

ir vestido com farrapos e sentir-se representante da "Grandeza da Nação" à qual se pertence;

desejar a sociedade sem classes e confundí-la com a "comunidade do povo" e seus caçadores de benefícios;

esquecer o que prometia um Chefe de Estado antes de converter-se em guia da nação;

ou ainda simplesmente depositar em indivíduos, inclusive em homens de Estado, tanto poderio

sobre a própria vida e destino;

não poder refletir que mesmo aqueles que a gente elege como grandes dirigentes do Estado e da Economia são seres que dormem, comem, têm perturbações sexuais, defecam, estão dominados por impulsos inconscientes, incontrolados, como o mais comum dos mortais; proibir aos jovens na flor da idade a felicidade da união amorosa.

Poderíamos continuar até o infinito.

O chamado de trezentos psiquiatras era uma ação, uma politização oficial desta ciência até agora não alheia ao mundo e pretensamente apolítica. Mas esta ação era incompleta. Não se aprofundava nos fatos que por outro lado expunha com grande clareza. Não passava da realidade da doença mental, geralmente muito difundida entre os homens de hoje em dia. Não se perguntava por que o povo está tão desmedidamente disposto a sacrificar-se pelo interesse de alguns. Não se percebia a oposição entre uma verdadeira satisfação das necessidades e uma satisfação ilusória no delírio do nacionalismo, absolutamente semelhante aos estados de êxtase dos fanáticos por uma religião. A fome e a miséria do povo, em uma época de progresso e de produtividade da economia, tiveram como resultado — em lugar da economia da vida, racional, planejada — o reforço da fome e o empobrecimento. O movimento socialista se havia eclipsado. O problema não é a psicologia dos homens de estado, mas sim a das massas.

Atualmente os homens de Estado são amigos, irmãos, primos ou cunhados dos grandes empresários. Em troca, a massa de homens pensantes, parcialmente cultos e instruídos, não vê isto e não atua; este é um problema que não poderia resolver-se através de exames de "psico-diagnose-individual". As doenças psíquicas, como as perturbações do entendimento, a resignação, o servilismo, o masoquismo, a crença cega em um guia, etc., reduzem a sua forma mais simples, não passam da expressão de uma

SEXO

perturbação na harmonia da vida vegetativa; e, em particular, da vida sexual, sobre a base da sociedade dividida.

Na ciência oficial, o capítulo da sexualidade ainda não foi escrito. E já não se pode duvidar que as reações psíquicas anormais têm sua origem na orientação doentia da energia sexual insatisfeita.

Tocamos, pois, a raiz da intoxicação psíquica dos povos, quando atacamos a questão da ordem social da vida sexual. A energia sexual é a energia construtiva do aparato psíquico. É ela que forma a estrutura sentimental e intelectual

dos homens. A sexualidade (em linguagem fisiológica, a função sexual) é a energia vital produtiva por excelência. Reprimi-la seria alterar, não apenas no terreno médico, mas também de maneira geral, as funções vitais fundamentais; encontramos a expressão mais essencial, sob o ponto de vista social, no comportamento irracional dos homens, em sua loucura, seu misticismo, sua religiosidade, em seu consentimento para a guerra, etc.

Disto conclui-se que a política sexual deve partir desse problema: por que motivo se reprime a vida amorosa dos homens?

A necessidade de prazer nos agrupa

Tentaremos expor brevemente de que forma a economia sexual concebe a relação entre a vida psíquica dos homens e o estado econômico da sociedade, que modela as necessidades humanas, transforma-as, e particularmente as reprime; eis como nasce a estrutura psíquica dos homens. Não é inata, mas se desenvolve em cada indivíduo, durante o combate perpétuo entre necessidades e sociedade. Não existe estrutura inata dos instintos; esta estrutura se adquire nos primeiros anos de vida. O inato é uma medida mais ou menos grande de energia vegetativa. Pela ação da sociedade dividida nasce a estrutura do "sujeito", dócil e rebelde ao mesmo tempo. A sociedade do futuro quer o homem livre; deve conhecer não só a estrutura do homem burguês, mas também conceber como quer estruturar os homens e que forças deve empregar.

O núcleo da psicologia prática e política é a política sexual, pois o funcionamento da alma é a função sexual. Isso já foi demonstrado pelo caráter da literatura e da produção cinematográfica; 90 por cento de todas as novelas (romances), de toda a poesia lírica, 99 por cento de todos os filmes e espetáculos, etc., são produções para as necessidades sexuais.

As necessidades biológicas, nutrição e prazer sexual, fundamen-

tam a necessidade geral dos homens de agrupar-se em sociedade. As "relações de produção" que assim nascem, alteram as necessidades fundamentais mas sem conseguir extingui-las, e criam a partir delas novas exigências. As exigências humanas, alteradas e renascidas, determinam por sua vez a continuação do desenvolvimento da produção, dos meios de produção (ferramentas e máquinas), e ao mesmo tempo das relações de produção, se desenvolvem determinadas concepções sobre a vida, a moral, a filosofia, etc. Correspondem geralmente ao estado geral da técnica, portanto à capacidade de captar a existência dominá-la. A ideologia social assim nascida determina por sua vez a estrutura dos homens. Transforma-se dessa maneira numa força material e se conserva na estrutura dos homens.

Todo o resto está ligado a uma alternativa: ou todo o conjunto da sociedade participa da elaboração da ideologia social, ou apenas uma minoria o faz. Na sociedade do futuro onde não existirão interesses de poder de uma minoria, a ideologia social deverá corresponder aos interesses vitais de todos os membros da sociedade.

A vida sexual dos homens, pequena, miserável, pretensamente "apolítica", deve ser explorada e dominada, fundamentalmente em relação às questões levantadas

LOGO



pela sociedade do futuro. A alta política não se joga, em verdade, nos almoços dos diplomatas, mas sim nesta minúscula existência. Por tudo isso é impossível deixar de lado a politização da chamada vida pessoal dos homens. Se os 4 milhões de habitantes da terra compreendessem a atividade de cem diplomatas dirigentes, então tudo andaria bem; já não se orientaria a sociedade, não se organizaria a satisfação das necessidades humanas com base em interesses armamentistas ou em princípios de ordem do dia. Porém esses 4 milhões de habitantes da terra não poderão ser donos de seu destino enquanto tomarem consciência de sua modesta vida particular. E as potências internas que impedem isto chamam moral sexual e religião.

A ordem econômica dos últimos 200 anos modificou enormemente a estrutura humana. Mas esta modificação é pouco importante, comparada com a devastação que a humanidade conheceu, desde que há milhares de anos entrou em vigor a repressão da vida natural, e em primeiro lugar, da vida sexual. A subjugação, várias vezes milenária da vida instintiva, criou primeiro o terreno para a psicologia das massas: medo de autoridade, servilismo, incrível modéstia por um lado, brutalidade sádica por outro, religião e satisfação ilusória; sobre esta base consegue fundamentar-se e manter-se uma economia de lucros bicentenária.

Porém, não nos esqueçamos de que eram os processos sociais e econômicos que haviam dado lugar, há milhares de anos, à

modificação da estrutura humana. Não se trata mais do problema de um maquinismo bicentenário, mas sim de uma estrutura humana de 6 000 anos de antiguidade, que até agora se mostrou incapaz de colocar as máquinas a seu serviço. Por mais grandioso e revolucionário que tenha sido o descobrimento das leis da sociedade capitalista, não seria suficiente, só isso, para resolver o problema do servilismo e do próprio envilecimento. É certo que em todas as partes havia grupos humanos, setores oprimidos, lutando por "pão e liberdade"; mas o grosso da massa se mantém afastada, ou então luta por liberdade... ao lado de seus opressores! Que essa massa padeça desastres incríveis, ela percebe a todas as horas, dia a dia, às próprias custas. Que lhe dêem apenas pão e não todos os gosos da vida, isto reforça a sua modéstia. É que a liberdade — o que ela pode ser ou será — não foi mostrado até agora às massas de forma compreensível e concreta. Não se colocou em evidência as possibilidades de uma felicidade geral na vida. Onde se tentou agir nesse sentido, para "ganhar" as massas, apenas lhes mostraram as satisfações malsãs, miseráveis, deformadas pelo sentimento de culpa das "Noites" mesquinhas para pequenos-burgueses, do campo e das férias. Quando, na realidade, o núcleo de uma vida ditosa é a felicidade sexual. No entanto nenhum político influente se animou a tocar nesse ponto. Sexo é um assunto particular, e não tem nada a ver com a política. A reação política não pensa de outro modo.

sociedade, por outro a nova moral e a satisfação das necessidades sexuais.

Quando falamos de uma "nova moral" não dizemos nada; o sentido concreto desta nova moral está unicamente no conteúdo da satisfação racional das necessidades, e isto em outros âmbitos além da sexualidade. Se a ideologia proletária não reconhece que é nisto — entre outras coisas — que consiste seu sentido concreto, então, não pode falar de nova moral e ficará amarrada a fatos superados.

A nova moral consiste exatamente em tornar supérflua a regulamentação e em produzir a regência automática da vida social. Tomemos o exemplo do roubo e o da moral que se opõe ao roubo: que não tem fome não tem necessidade de roubar, e portanto não precisa de uma moral que o impeça. A mesma lei fundamental vale para a sexualidade; nenhuma pessoa satisfeita tem necessidade de violar e é desnecessário, portanto, proibi-la disso.

Outro erro seria crer que há uma sexualidade absoluta, que entra em conflito com a sociedade atual. É por exemplo, um erro fundamental da psicanálise oficial conceber os instintos como um fato biológico absoluto; isso porém não pertence à essência da psicanálise, que é especificamente dialética, mas ao mecanismo de pensamento dos analistas, que por outro lado sempre é completado por teses metafísicas. Pois bem, os instintos, também eles, nascem, evoluem e passam. Mas o lapso sobre o qual se estendem as modificações biológicas é tão grande, que se estas últimas nos são impostas como fatos absolutos, os instintos pelo contrário são flutuantes e relativos. Para estudar os processos sociais concretos, estritamente limitados no tempo, é suficiente comprovar o conflito entre um instinto biológico qualquer e a maneira como a ordem social o recebe e trata. Para as leis biológicas da evolução sexual, com suas etapas divididas em séculos, isto não acontece de maneira alguma; aqui é preciso trabalhar para estabelecer com clareza a relatividade, a instabilidade do sistema instintivo. Se devemos entender o pro-

cesso vital dos indivíduos como a condição preliminar de todo acontecimento social, significa admitir que a vida existe com suas necessidades. Mas esta vida, em si, não é absoluta; nasce e passa pela troca de gerações, mas se conserva inalterada sob a forma de células sexuais que se perpetuam de geração em geração.

A vida em seu conjunto — por pouco que se tenha em conta os espaços cósmicos — é um produto mineral, e desaparecerá um dia, se acreditarmos na teoria da instabilidade dos astros, quer dizer, um dia voltará ao mineral: hipótese necessária ao pensamento dialético. Nenhum outro ponto de vista deixa entrever com maior clareza como são minúsculas e insignificantes as ilusões dos homens sobre o seu "dever espiritual", "transcendental".

Podia-se concluir disto que as lutas sociais parecem absurdas, diante do processo cósmico, onde o homem constitui apenas uma pequena parcela; como é ridículo, poderia dizer-se, que os homens se matem uns aos outros para ter o que fazer, ou para levar um Hitler ao poder, organizando proclamações nacionalistas, quando no espaço as estrelas continuam girando. Não seria melhor gozarmos a natureza?

Uma interpretação assim seria extremamente falsa, já que justamente o ponto de vista científico fala contra a reação e a favor de uma nova concepção do mundo; a primeira tenta encerrar o cosmo infinito e o sentimento da natureza, no marco da idéia infinitamente reduzida da penitência sexual e do sacrifício com fins patrióticos, coisa que a abstinência sexual jamais conseguirá; esta nova sociedade, pelo contrário, tenta pôr no devido lugar a vida infinitamente pequena do indivíduo e da sociedade, no marco poderoso de toda a evolução da natureza, e eliminar a contradição provocada por um "desarranjo novo" da natureza — seis mil anos de exploração, de religião e de repressões sexuais — por mais "necessário" que isto fosse. Em síntese: toma posição pela sexualidade contra a ética sexual-antinatural, pela economia internacional planificada, contra a exploração e pela superação das fronteiras nacionais. W. Reich

A moral vai além da sexualidade

Objetivamente — a crise sexual é uma manifestação da oposição de classes; mas como se representa objetivamente este antagonismo? Que significa a "nova moral proletária"? É a moral capitalista que se opõe à sexualidade, e portanto é ela que está na origem da contradição e da miséria; o

movimento proletário supera esta contradição primeiramente através de uma ideologia favorável à satisfação das necessidades sexuais, e de uma nova ordem na vida sexual. De modo que estas duas coisas vêm sempre juntas. Por um lado o capitalismo e a repressão da sexualidade na

AIRTON SOARES É CONTRA O GOVERNO

Se você é contra o AI-5, o decreto 477,
o arrocho salarial, a censura,
as eleições indiretas,
você também é oposição.
Você está com o MDB,
o partido da oposição.

VOTE NELE
dep. federal nº 336

UM PAPEL DE RESPONSABILIDADE

A SELECTA responsabiliza-se pelo papel que vende: só tem do importado. E pelo preço que cobra: 40% menos que as outras lojas. Por isso, pessoas de muita responsabilidade dirigem-se à SELECTA: publicitários, arquitetos, engenheiros, estudantes.

Milimetrado, onion-skin (blocos), parassol, opaline, carmen, cartões de desenho Schoeller, em todos os tamanhos, folhas cortadas ou margeadas, todos os tipos de blocos de desenho numerados.

SELECTA

Marquês de Itú 134, (esq. Bento Freitas) fone 52-6556 (recados)

PSICOLOGIA

NA SOCIEDADE DE CONSUMO

O CEPA – Centro de Estudos de Propaganda Aplicada estará promovendo para outubro, o curso de Psicologia do Consumidor:

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO COMPORTAMENTO E ATITUDES DO CONSUMIDOR

Este curso visa dar uma visão exata do comportamento, motivação e atitudes do consumidor frente à Sociedade de Consumo com suas mais avançadas técnicas de Marketing e o grande volume de apelos publicitários do cotidiano.

EM COLABORAÇÃO COM O
CENTRO DE PESQUISAS E ESTUDOS COMPORTAMENTAIS

CENTRO DE ESTUDOS DE PROPAGANDA APLICADA

cepa

Avenida Angélica, n. 689 Higienópolis - SP

Não perca: sai no mês de novembro o primeiro livro Ex.: poemas de Otoniel Santos Pereira, inclusive os premiados em concurso continental, realizado setembro passado pela Casa Latino América de Buenos Aires.

estado de coisas

Um lançamento da Ex Editora Ltda.
Nas grandes bancas e livrarias de todo o país.
Aguarde.



“POR QUE NÃO MATAAMOS LOGO ESSA GENTE?”

Eu juro que, se amanhã se falasse na França em liquidar, por meios brandos, 50 a 80 mil doentes mentais e alienados (há um número bem maior em hospitais e outras instituições, porém não podemos reduzir à inatividade as milhares de pessoas que trabalham em saúde, e, além do mais, há os sindicatos), milhões de pessoas considerariam tal idéia justa, e falaria de sua realização como de uma obra humanitária, e haveria quem seria condecorado por isso, legião de honra e tudo mais.

Afirmo que haveria psiquiatras dispostos a organizar a relação das doenças passíveis de eutanásia, e a selecionar pessoas segundo esses critérios; poderiam ser catalogadas, haveria comunicados às sociedades científicas. E entre enfermeiros, administradores, assistentes sociais, todos aqueles que tratam dia a dia dos doentes mentais, muitos deles topariam desembaraçar os hospitais psiquiátricos de um grande número de doentes crônicos, ditos incuráveis, mesmo que isso permitisse apenas que se tratasse melhor dos restantes e fosse dada a eles a chance de cura.

Eu insisto sobre as vantagens reais de tal projeto, sobre as intenções muito louváveis que poderiam justificá-lo, sobre os excelentes sentimentos, a sincera compaixão pelos doentes que o acompanhariam. Sejam quais forem



Roger Gentis, psiquiatra e humorista francês, é o autor desta proposta

os escrúpulos que nos assaltem quando encaramos frente a frente, sem estarmos preparados, a idéia de aplicar tal golpe aos doentes mentais, não devemos crer que a execução de tal projeto seja verdadeiramente dolorosa para qualquer um de nós após certo amadurecimento e consequente preparo técnico – nessas ocasiões não se improvisa.

Estou certo de que cada um lhe dará razão, e mesmo muitas famílias ficarão agradecidas, sem contar que uma parte não desprezível do déficit da Segurança Social seria absorvido; que a psiquiatria ficaria aliviada, que isso poderia ser o início de uma nova era terapêutica cheia de promessas – é sempre permitido sonhar... Enfim, os doentes que sobrassem, quer quisessem quer não, seriam mais bem tratados e por menor preço.

Como objetar a isso? O que mais aflige nesse projeto, creio

eu, o que cria o preconceito nas pessoas é o fato de Hitler já havê-lo feito, e sua detestável reputação deixada na Europa é lembrada por alguns até hoje. (Em outros lugares, isso se deu mais simplesmente, não sendo nem mesmo necessária a aplicação de medidas particulares: na França, por exemplo, durante a ocupação, a fome, por si só, matou muitos milhares de doentes nos hospitais psiquiátricos.) Se Hitler tivesse agido com menos precipitação e mais sutileza, não estaríamos hoje onde estamos em relação a esse problema. E a “eutanásia justa” dos doentes mentais – da mesma maneira como se fala em “bomba justa” – teria podido aliviar nossa sociedade de um fardo dia a dia mais pesado.

Eu desafio todo diretor de hospital psiquiátrico, todo administrador da Segurança Social, se ele é verdadeiramente sincero consigo mesmo, a negar que tais idéias tenham alguma vez atravessado seu espírito.

Se, de resto, no século XIX e no início do nosso, não se examinou a possibilidade de recorrer à liquidação física dos doentes mentais, foi indubitavelmente porque o problema não tinha maior expressão econômica. Além do mais, o sistema ainda não estava tão corrompido. Mas, acima de tudo, não havia de fato necessidade de matá-los; era bastante não vê-los. 

PACIENTE APARECIDO

Reuniu-se a polícia, a soldadesca, e botou-se em marcha para o arraial do Profeta. Santa Fé inteira foi para a janela espiar o evento. Era primeiro de outubro de quatro anos atrás. O poder do Profeta ia ser destruído à força da força.

Enquanto isso, o Profeta rezava com os seus seguidores, no templo, e o templo era sua casa, pequeno salão quadrado, paredes baixas, dois janelões que jogam um pouco de luz nas paredes de barro. O sol da terra quente de Rubinéia, terra paulista, para os lados de Mato Grosso, reflete-se no enorme crucifixo que traz no peito, e nos santinhos de sua invenção.

Por força de seus milagres, ali estavam quinze fiéis. Cantava-se, rezavam-se Pais-Nossos, porque era à força de oração que o Exército do Profeta — de fardas azuis e verdes copiadas da farda que o Profeta vestiu quando era soldado do capitão Pimpão — iria para o céu.

E a terra, dizia o Profeta, estava condenada à morte no Fogo Eterno. Era isto que ele, ruivo e barbudo, cabelos e barba pela barriga, dizia, os olhos parados, a mão fixa. Fogo que tudo devoraria, gente e terra, terra e bicho. Ai de quem não entrasse para o exército do Profeta, armado com oração e um rebenque.

Até criar este exército, alguns meses antes, Aparecido era respeitado e desprezado como se respeita ou despreza um benzedor. Muitos o procuravam, fala-se em 200 pessoas por dia — embora a elite da cidade preferisse tratá-lo como um louco ou um bobo: então iria Deus dar confiança a um boiadeiro?

Começa a correr que Aparecido e seu bando preparavam uma passeata por Rubinéia e até pela cidade maior vizinha, Santa Fé do Sul, e que o rebenque iria cantar em cima dos infieis.

E a tudo isto somava-se a história das coisas que Aparecido estava dizendo, e que cheiravam a pregação ilegal; coisas em torno da terra: "a terra não é propriedade de ninguém, pois foi deixada por Deus para que os homens a tratassem e plantassem para sobreviver, e ninguém é dono dela". E também aos impostos: "Ninguém deve pagar impostos porque o terreno é propriedade comum". E ainda à construção da barragem de Ilha Solteira: "não é certo impedir todo o percurso do rio... porque os homens não podem subir e descer livremente o rio, bem como os peixes que têm esse direito".



II

Quando moço, Aparecido Galdino lutou nas tropas de certo Capitão Pimpão, no Paraná, célebre pela crueldade. Nestas histórias ele aparece como o soldado Galdino, decidido no gatilho, impondo lei mais pelo fogo do que pela palavra. Aos 22 anos, vamos encontrá-lo em lombo de burro seguindo pelo Mato Grosso e Goiás uma destinação de boiadeiro, por trilhas mínimas que se perdem nas matas, fugindo de onça, dormindo em árvore, comendo quando possível, e até, talvez exercendo o ofício de jagunço. Mas, por volta de 62, se dá o nascimento de Profeta, e começa a paixão e a desgraça de Aparecido Galdino Jachinto, por força dos mistérios tornado Aparecido, o boiadeiro que sonhou chefiar um Exército Divino — e que terminou no pior dos hospícios.

III

Começou a ficar ensimesmado, e a barba cresceu. Passava os dias em casa, e orava. E disse aos filhos que se curasse certo cavalo, era sinal certo que

Deus lhe dera uma missão. Falava coisas vagas em torno de uma Voz, e também de uma Missão. A família nada entendia, nem podia entender.

Podemos imaginar o caboclo à frente do cavalo, seus gostos, e o trote do animal sarado. Ele não era mais simples peão, era o Predestinado.

Fama que começa a correr botéquins, se uns riem, outros arregalam os olhos. E lá começa a aparecer naquela terra pobre uma romaria de peão e boiadeiro, empregadinhas, gente desenganada pelos médicos, atrás dos passes do curador, e que achava que Deus podia estar tanto na boca de um analfabeto como eles, quanto na boca cheia de latim. A fama se espalha por mais léguas ainda, e até automóvel aparece no arraial do Profeta.

IV

Mas, certo dia, a Voz que o encaminhara ao reino do Mistério lhe diz que ele deveria formar um exército...

...Porque o mundo...o mundo terminaria antes do ano 2.000, ai daquele que não estivesse preparado para receber o fogo eterno que tudo

devoraria. Antes deste desfecho, os homens se devorariam como lobos, em guerras civis, e uma guerra mundial irromperia entre as nações. No meio do universo de luto e morte, o exército do boiadeiro Aparecido esperaria o fim, orando. Rebenques carregariam apenas para se defender das agressões, e também dos demônios.

V

Naquele dia...primeiro de outubro...esperava-se o Exército do Senhor no arraial do Profeta. Mas quem chega é a suada, a esbaforida polícia de Santa Fé. Dizem os policiais que o Profeta ergueu a mão e mandou os fiéis atacarem; dizem os fiéis que a polícia nada falou. Foi entrando, batendo, quebrando. Foi um corpo-a-corpo de meia-hora dos vinte policiais contra os quinze fiéis. Os derrotados foram levados num caminhão para Estrela do Oeste. Os mais infelizes foram montados como se fossem cavalos.

Acusado de formar um exército, e de pregação ilegal, chegou à Justiça Militar. Não foi julgado, porque certos psiquiatras disseram que era um louco por ouvir vozes. Por isso, está preso há quatro anos em um lugar que é pior que o Presídio de São Paulo, pior que o Juqueri (onde os pacientes ao menos têm uma amplidão de terra para caminhar ou trabalhar): o Manicômio Judiciário.

Os filhos que o visitam dizem que ele continua calmo, porque a vida de um boiadeiro que pregava o bem e a justiça só sairá do Manicômio Judiciário no dia que um homem — o seu psiquiatra —, sobre o qual não há nenhum controle possível, nem da lei, nem dos homens, nem de um possível Deus — disser que ele está "bom". Isto é, que não ouve "vozes". Neste dia, então, talvez seja julgado — mas não é preferível o julgamento à prisão sem julgamento? O primeiro delegado que invadiu o seu templo-casa está preso, por corrupção. O segundo delegado, Geraldo Antônio Galante Ferreira, chefe da operação final, morreu num desastre de automóvel. O mesmo fim do escrivão do processo, Eurico Luís Custódio. A dez minutos do lugar em que ficava o templo, hoje imerso nas águas da represa, existe uma estrada, e nesta estrada existe uma árvore. A árvore foi plantada pelo boiadeiro, que disse aos seus filhos: "ela viverá mais do que eu e vocês; todas as vezes que vocês passarem por esta estrada, a verão, e se lembrarão de mim. Assim eu sempre viverei." (MF)

CONVOCATORIA GERAL PARA UM JULGAMENTO (POR DENTRO) DO PROFETA

Quem faz a convocatória é o romancista nordestino Paulo Dantas, estudioso das questões da alma mística do nosso povo, autor, entre outros livros, de Capitão Jagunço, Sertão do Boi Santo, Quem foi Antônio Conselheiro e O Livro de Daniel.

Convocados: psiquiatras, sociólogos, escritores, poetas, educadores, autoridades.
Local: nossa redação.

Agarro, com certa e carinhosa fúria, a máquina de escrever. Penso na primavera que chegou lá fora e convoco todos os puros de coração, em meio de impurezas tantas, inclusive do ar que respiramos na cidade grande, para uma bela e nobre tarefa: realizar, na redação do jornal Ex —, uma mesa-redonda sobre o caso do Aparecido, aquele ex-boiadeiro e profeta que andou nos jornais através dos belos e corajosos textos de Marcos Faermann (Jornal da Tarde, 2-9-74) e daquele índio vago, Edilson (Jornal do Brasil, sucursal paulista).

O jornal Ex—, na sua destinação de "ex-tudo", quixotesca, comprou a questão e quer mesmo fazer a mesa-redonda do ex-boiadeiro, ex-curandeiro, ex-santo, ex-revolucionário, agora preso nas grades do Manicômio Judiciário.

O tema alcança várias áreas sociais e emotivas: a alienação e o sofrimento do povo brasileiro, o misticismo e a angústia popular, os direitos da Justiça e os domínios da fé ou da religiosidade, da qual brotam santos e heróis, profetas ou incompreendidos justiceiros, curandeiros e feiticeiros.

Não queremos fazer movimento de contracultura, nem de antipsiquiatria, mas apenas revolver as camadas profundas de uma matéria que interessa a todos — legisladores, sociólogos, educadores, artistas, escritores, psiquiatras e autoridades, já que a causa posta em questão transcende, pela sua importância, a área da simples reportagem ou do jornalismo de danação, espraiando-se em outros domínios das ciências sociais.

Lembro-me das palavras de Thomas Mann: "o povo alemão era uma espécie de São Sebastião trespassado de flechas por todos os lados". E o que dizer, então, do atual e sofrido povo brasileiro, que, em meio a tantos malefícios, nem sequer tem o direito de ter o seu santo ou o seu herói, o seu profeta, acima das suas ditas dêsditas ou dos seus enredos malditos?

Queremos saber mais coisas da vida desse personagem, não o deixando soçobrar entre as grades de um Manicômio Judiciário, pois não é todo o dia que surge ou aparece um homem tão acobertado de espantos e de arrancos, falando e ouvindo "vozes místicas" que o convocam para uma dura e inocente missão social nas terras de um

bóia-fria, na fronteira de três Estados — São Paulo, Mato Grosso e Paraná.

Desde que li sobre o assunto, a dolorosa figura desse cavaleiro me preocupa e atormenta. Isto simplesmente porque, em meio de tantas acomodações gerais, ainda nos resta um pouco daquela corajosa sensibilidade para não ficarmos ausentes ou indiferentes aos sofrimentos e às pregações evangélicas de um homem ou de um ex-homem (expressão de sabor gorkiano) que, tido como alienado, padece num hospital-prisão, depois de ter sonhado e lutado, numa área de geografia deserdada, por uma causa de melhoria social para os entes viventes dos abandonos do Oeste.

Porque, como bem argumentou o advogado não de Deus, nem do Diabo, mas simplesmente da causa em questão, dr. Alcides Silva, lá do interior, neste caso de Aparecido estão vislumbrando "delitos onde meramente ocorrem fatos psico-sociais alheios ao campo penal".

Em torno dessa nova versão de um novo Antônio Conselheiro do Oeste, precisamos realizar uma tribuna livre dos sentimentos machucados, revolvendo por dentro, causas e efeitos, delírios e fantasias, sonhos e frustra-

ções, matéria de uma espantologia sofrida que não pertence mais aos laudos de um processo penal, feito ao sabor de cartórios provincianos, na tomada de depoimentos obscuros, conduzidos pela burocracia de uma justiça gasta e insensível. Agora, não cabem a delegados, soldados, fazendeiros, os depoimentos para a formação de um diagnóstico social mais válido e aprofundado de um caso, como o deste boiadeiro mineiro ou goiano, que ousou ser profeta em sua terra, contrariando vaticínios sagrados ou profanos.

Novas iluminações do seu "inferno privado" ou de seu "paraíso prometido" precisam ser feitas por homens que entendem ou que procuram entender, além do bem e do mal, o seu caso tipicamente social ou paranormal.

Aparecido deve ser estudado por nós, membros dessa insatisfeita família que — segundo as quentes dicas daquele genial escritor nórdico, Par Lagerkvist — um ser carregado de desespero, mas cheio de esperança, não cessa de atormentar-se, "por causa da justiça e da injustiça, da verdade ou do erro, do bem ou do mal, por causa da salvação, da graça e da condenação eterna, por causa do diabo e de deus e suas estúpidas contendas".

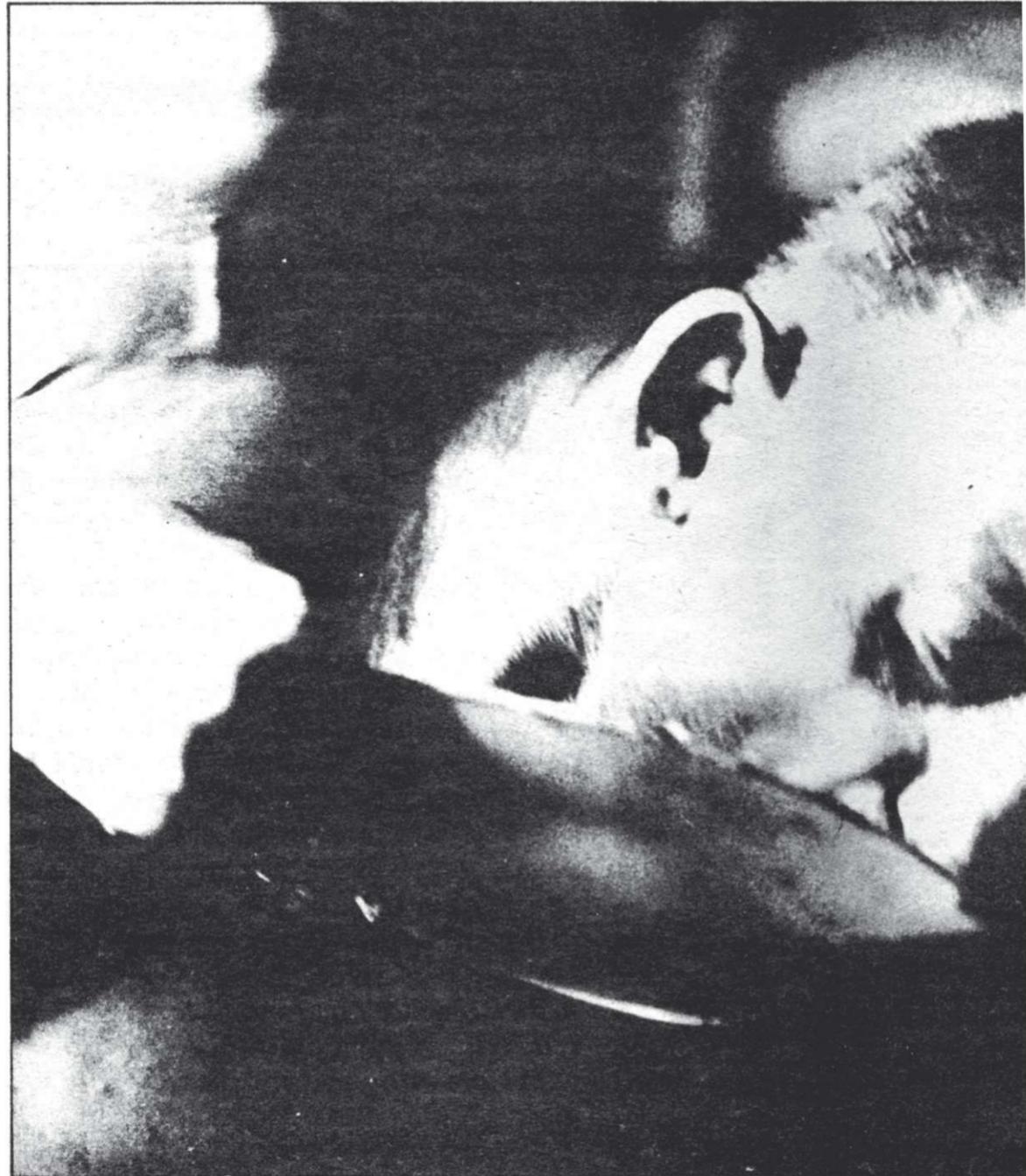
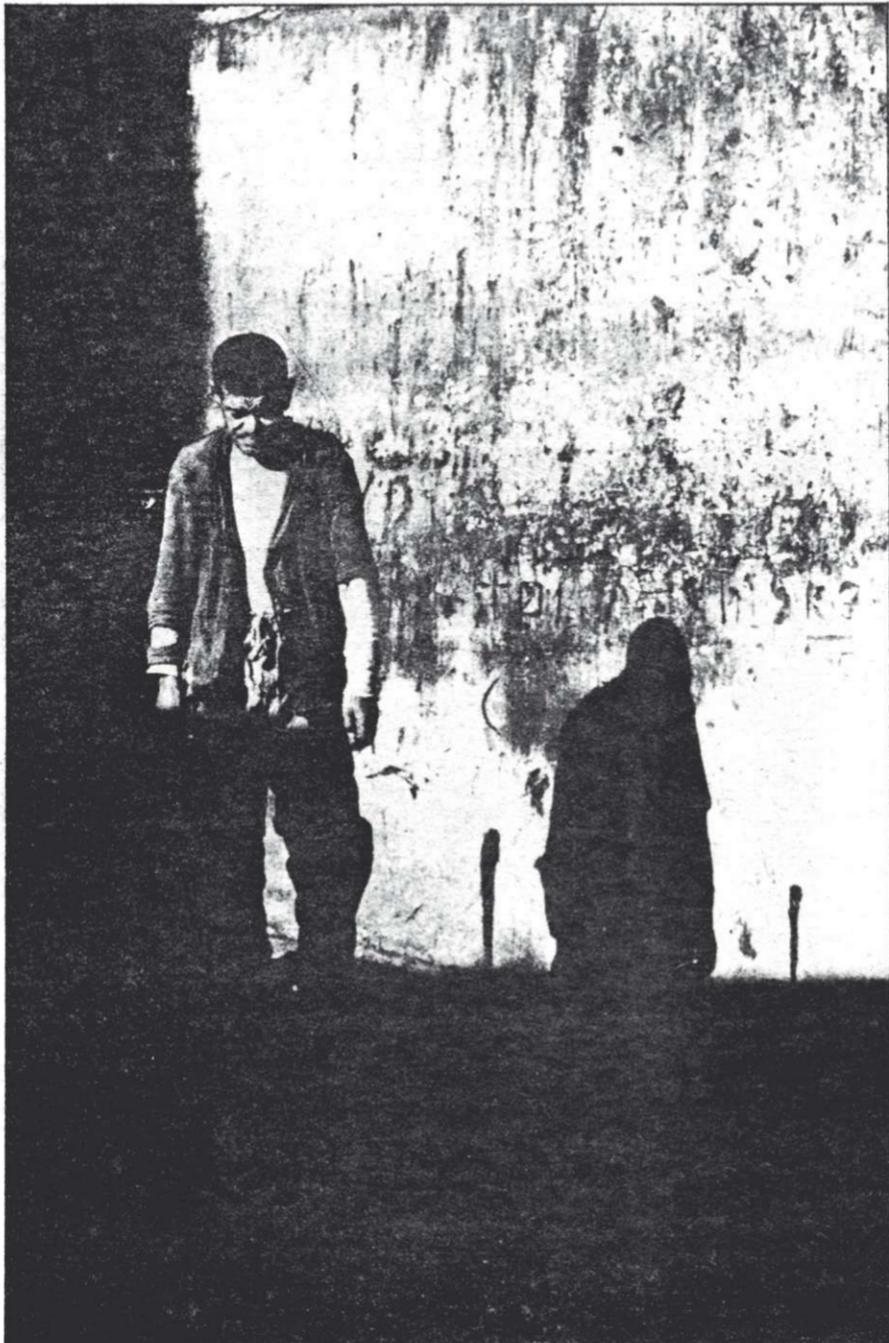
EX

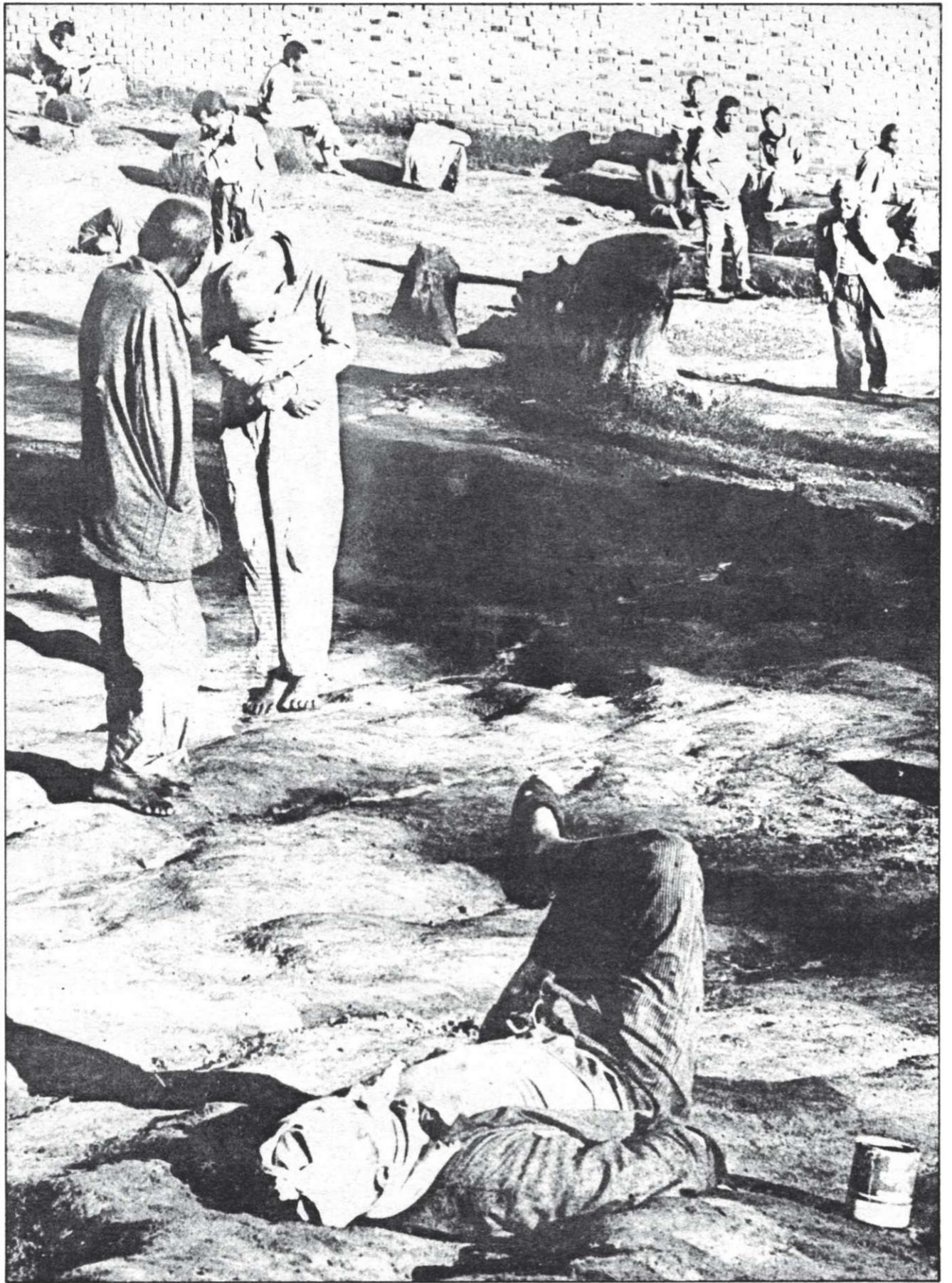
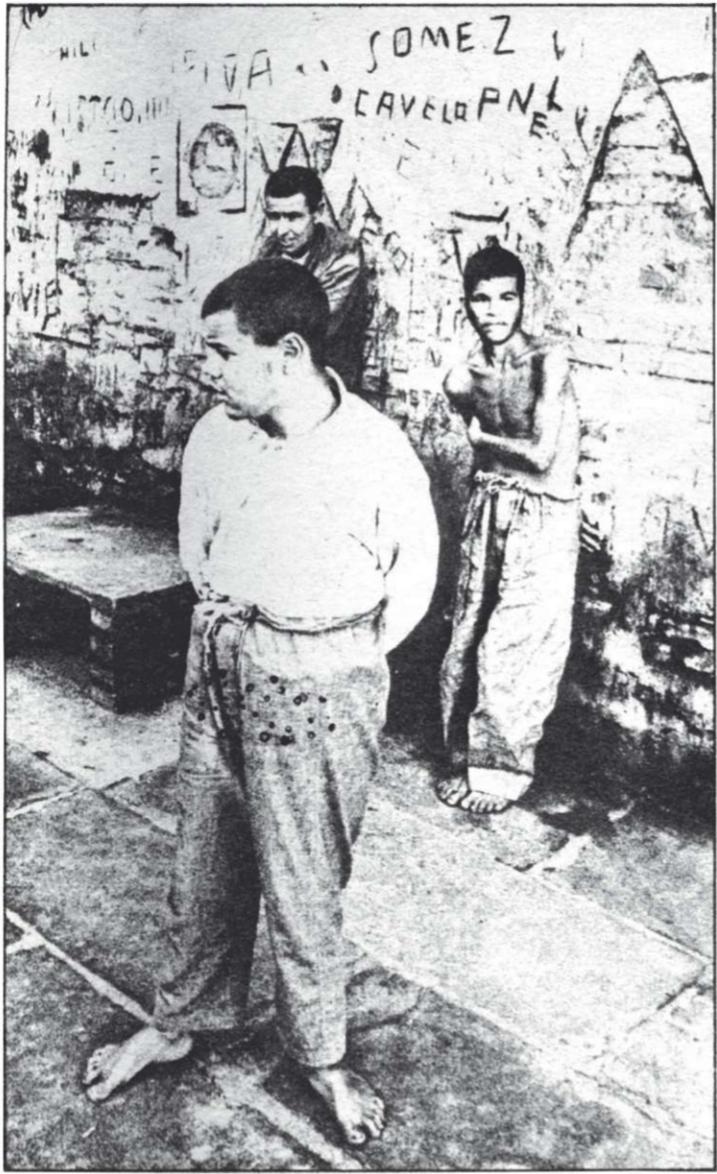
ESPANTO

Feito na colônia agrícola de Porto Alegre, onde ficam os loucos-loucos, "irrecuperáveis". Tem uma seção lá, e que é a das fotos, que se chama de Pavilhão dos Sórdidos. É uma barra, com 50 homens, 1 funcionário, merda, sujeira, 1 cara que é louco-surdo-mudo-cego (tudo ao mesmo tempo). A maioria deles é gente feliz, isto eu notei (mas lá, só sendo louco...). A prisão da insanidade, a liberdade da loucura. Personagens errantes, silenciosos, semus, sem papel, sem nome, sem passado e sem futuro. Comendo comida com as mãos; de pé no corredor, completamente sozinhos; o dia inteiro com a cabeça abaixada; personagens do cinema búlgaro; sem sentir frio nem calor; também personagens do teatro brechtiano; iluminados por raios de sol/itário. Fiquei dois dias lá e não bati mais que 187 fotos. Não sei mais o que dizer.

Leonid Streliaev
(25 anos)









EU DIRIA VIDA! EU NÃO PERGUNTARIA VIDA? EU LEMBRARIA A VIDA...

O título é um poema do poeta Carlos, que você vai conhecer já. É o poema preferido de Nise da Silveira, diretora da Terapia Ocupacional do hospital Pedro II, no Rio, que assina o 1º texto destas páginas: ela fala sobre o artista que todos nós somos. E apresenta alguns trabalhos de seus hóspedes — expostos no Museu das Imagens do Inconsciente, por ela fundado há 28 anos.

O diretor do Museu de Arte Moderna de S. Paulo visitou o estúdio de pintura e escultura do Centro Psiquiátrico do Rio e não teve dúvida em atribuir valor artístico verdadeiro a muitas das obras realizadas por homens e mulheres ali internados. Talvez esta opinião de um conhecedor de arte deixe muita gente surpreendida e perturbada. É que os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas — que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana.

Examinemos de perto se de fato loucos e normais são fundamentalmente diferentes.

Todos temos a experiência do sonho. Nos seus breves instantes podem ser vividos os mais recônditos e impossíveis desejos, encontram meio de expressão nossas tendências mais profundas. Através do sonho manifesta-se o inconsciente, usando a velha língua das imagens em estranhas figuras, umas servem de máscara a outras, representam muitas de maneira constante os mesmos pensamentos como nos hieróglifos. Mas apenas se abrem os olhos voltam todas para seu mundo subterrâneo. Os delírios, se os estudamos atentamente, são de certo modo sonhos prolongando-se pela

vigília. Na sua trama de idéias ilógicas, encaradas do ponto de vista do adulto civilizado desperto, descobriremos o sentido da realização de desejos tal qual no sonho, sob o disfarce dos mesmos mecanismos psicológicos.

Os adeptos de certas religiões do oriente costumam concentrar-se em longas meditações durante as quais acontece não raro que os pensamentos se tornam visíveis, adquiram forma e cor. Se estes fenômenos se firmassem numa condição permanente seria difícil distingui-los de sintomas psicóticos. Entretanto, o adepto foi instruído de que essas formas e cores são vazias ainda quando representem deuses ou ancestrais. Após as intensas experiências das horas de meditação, ele retoma suas ocupações diárias sem que ninguém conheça os segredos de sua vida interior. Por tudo quanto diz ou faz é um homem sensato e sábio.

O artista é certamente um ser extraordinário. Seus fortes impulsos instintivos não se amoldam ao princípio da realidade. Insatisfeito e rebelde foge para o mundo da fantasia, onde lhe é dado viver seus desejos livremente. Mas vínculos de amor, exigente necessidade de comunicação com seus semelhantes, o atraem de novo ao mundo. E ele retorna, trazendo-nos a dádiva de suas aventuras

subjetivas, que apresenta ora quase nuas ora complicadamente veladas. Parece mesmo encontrar prazer em exibí-las; alegra-se quando os outros o entendem e o aplaudem. A atividade artística seria pois "caminho de volta que conduz da fantasia a realidade" (Freud).

Outros seres igualmente entram em conflito com o mundo exterior e se evadem para reinos imaginários. Mas aí se perdem. Neles, as produções da fantasia tornam-se mais vivas, mais poderosas que as coisas objetivas. Invadem a esfera da consciência com tanta força que o indivíduo já não as distingue das experiências reais. Perturbam-se assim suas relações com o meio social — passam a ser chamados loucos.

Outra prova de que apenas questão de grau, de permanência ou transitoriedade em estados semelhantes diferenciam normais de psicóticos é esta própria exposição. Por que vos emocionais contemplando estes desenhos, estas pinturas e esculturas? Decerto, entre os motivos de vossa emoção, está que eles despertam ressonâncias, que fazem vibrar em cada um cordas afins. Este é um dos caminhos pelos quais as obras de arte nos atingem. Se Hamlet continua através dos séculos abalando profundamente os públicos do mundo inteiro, explica a psicanálise, é que o

forte sopro dessa tragédia toca em cheio o complexo de incesto comum a todos os seres humanos. Os poetas ouvem as vozes abafadas do inconsciente e exprimem para os demais seus oprimidos desejos. Parecem mesmo haver herdado de Homero o privilégio de descer aos infernos e voltar à luz do sol contando aos mortais o que viram naquelas regiões tenebrosas. Assim Fausto, ansioso de evocar Helena, mergulha no mais profundo dos abismos, onde habitam as figuras primígenas das mães. E o estremecimento de medo que sente ante essas deusas poderosas ao redor de quem se movem as imagens da vida comunica-se ao leitor do drama imortal. Estes mesmos arquétipos que do inconsciente coletivo emergem como relâmpagos nas visões de poetas, de pintores, vêm constituir o conteúdo avassalador de neuroses e psicoses.

Talvez muitas das obras aqui apresentadas causem a impressão de estranheza inquietante que acompanha a manifestação de coisas conhecidas no passado, porém que jaziam ocultas (conceito do sinistro segundo Schelling e Freud). Presumimos obscuramente possuir no fundo de nós mesmos imagens semelhantes. Exemplos deste tipo são os desenhos evocadores de figuras místicas que acreditávamos superadas ou os que representam desdobramentos da personalidade, reveladores de épocas psíquicas primitivas, nas quais o ego ainda não se havia nitidamente delimitado em relação ao mundo exterior. Se certas figuras angustiam, a beleza de outras formas fascina. Ressaltam estruturas concêntricas, círculos ou anéis mágicos, denominados em sânscrito mandalas, imagens primordiais da totalidade psíquica. Místicos, hindus e chineses utilizam mandalas de rico valor artístico como instrumento de contemplação. Imagens de idêntica configuração surgem nas mind pictures de jovens e sadias inglesas, que as vêm de olhos fechados,

num estado de repouso próximo ao que precede o sono, em experiências feitas nas aulas de pintura de uma escola secundária feminina (Herbert Head). Símbolos eternos de humanidade, aparecem também pintados por doentes mentais europeus (Jung) e por esquizofrênicos brasileiros completamente desconhecedores do símbolo religioso oriental. Os que se debruçam sobre si próprios estarão sempre sujeitos a encontrar imagens dessa categoria, depositárias de inumeráveis vivências individuais através de milênios. Daí as analogias inevitáveis entre a pintura dos artistas que preferem os modelos do reino do sonho e da fantasia e a pintura daqueles que se desgarraram pelos desfiladeiros de tais mundos.

Surpreende o número de doentes mentais que buscam expressão gráfica. É frequente desenharem sobre as paredes ou em qualquer pequeno pedaço de papel que lhes caia nas mãos. Mesmo os mais inacessíveis, de contato mais difícil, raramente deixam de desenhar se lhes entregamos o material necessário. Este fato curioso explica-se quando nos colocamos no ponto de vista da psicopatologia genética, admitindo ocorrerem nas psicoses processos regressivos, que reconduzem o indivíduo a fases anteriores do seu próprio desenvolvimento ou mesmo da evolução da humanidade. O pensamento abstrato, aquisição mais recente, cede lugar na doença ao pensamento concreto, isto é, as idéias passam a apresentar-se sob a forma de imagens (aliás, o mesmo acontece no sonho e nos estados intermediários entre sono e vigília). Uma vez cindido e submerso o pensamento lógico, fica simultaneamente prejudicada a linguagem verbal que é o seu instrumento de expressão. Desde que seu pensamento flue agora em imagens, o indivíduo muito naturalmente usará exprimir-se reproduzindo-as. Pode projetá-las, entretanto, sem nenhum intento de comunicar-se com outro, impulsionado por mera tendência fisiológica à exteriorização. Neste caso os desenhos nascem inteiros de um só jato, multiplicam-se em número espantoso e suas cores são quase sempre muito vivas. Mas apenas o ego começa a lançar frágeis pontes para o mundo real, aos modelos interiores vêm juntar-se objetos do mundo exterior recordados ou vistos no presente, a produção diminui e faz-se através trabalho mais demorado, o colorido se enriquece de nuances. Esses sinais indicam que passos começam a ser dados no caminho de volta à realidade, desenho ou pintura estão se tornando linguagem emocional. A atividade artística poderá mesmo adquirir o sentido de um verdadeiro processo curativo.

Compreende-se pois, a importância da instalação de estúdios de pintura e de escultura nos hospitais psiquiátricos, tanto para meio de estudo de obscuros mecanismos psicopatológicos que se tornam patentes nas produções plásticas, quanto pela função terapêutica de que a própria atividade artística muitas vezes se reveste.

Levantar-se-á talvez a pergunta: se nascem no inconsciente as fontes de toda a inspiração e o louco é aquele que foi invadido pelas torrentes subterâneas, então estaria ele mais que ninguém em condições de criar obras de arte? Decerto não basta sonhar acordado, ter contato íntimo com imagens primígenas, falar a linguagem dos símbolos, sofrer a tensão

de intensos conflitos. Trate-se de artistas sadios ou de artistas doentes, permanece misterioso o dom de captar as qualidades essencialmente significativas seja dos modelos interiores seja dos modelos do mundo exterior. Haverá doentes artistas e não artistas, assim como entre os indivíduos que se mantêm dentro das imprecisas fronteiras da normalidade só alguns possuem a força de criar formas dotadas do poder de suscitar emoções naqueles que as contemplam.

Voltemos a acentuar o fato fundamental: os mais estranhos fenômenos encontrados nas doenças do espírito em nada diferem qualitativamente de mecanismos que também podem ser surpreendidos na vida psíquica normal. Nessas doenças são mudanças na estrutura psíquica que ocorrem. Estágios pretéritos da evolução emergem e impõem suas maneiras correspondentes de sentir, perceber e pensar. Os indivíduos assim atingidos tornam-se inaptos para o nosso tipo de vida social e por isso são segregados. Antes que se procurasse entendê-los, concluiu-se que

tinham a afetividade embotada e a inteligência em ruínas. Estariam, portanto, muito bem habitando edifícios-prisões chamados hospitais, abrigados e alimentados. Nas melhores dessas casas vêem-se leitos forrados de colchas muito brancas e corredores de soalho lustrosíssimo. Mas que se procure saber como correm para seus habitantes as longas horas dos dias, durante meses e anos a fio. Venha-se vê-los vagando nos pátios murados, tais fantasmas. Pois a verdade é que as tentativas de psicoterapia e ocupação terapêutica feitas nos nossos hospitais têm apenas o valor de amostras do que poderá ser realizado, não chegando ainda a adquirir significação, dado o reduzido número de beneficiados em face da imensa maioria desatendida.

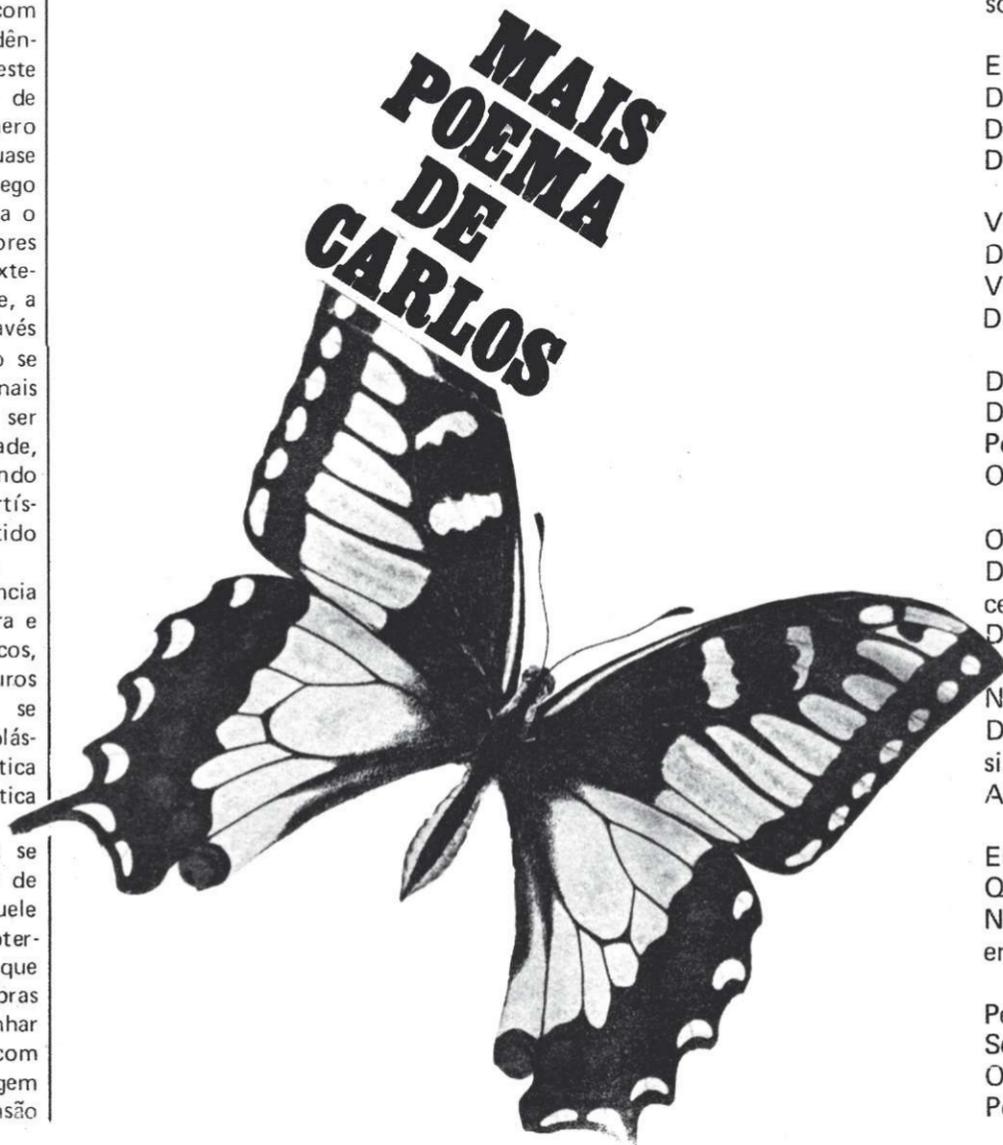
Esta situação decorre de se haver admitido arbitrariamente que nos doentes mentais se tenham extinguido as múltiplas necessidades humanas além de dormir, comer e quando muito trabalhar em ofícios rudimentares. Entretanto, só os poderes da inércia favorecem a aceitação conformista

desse estado de coisas. Ninguém ignora a extraordinária renovação da psiquiatria realizada por Freud e Bleuler desde os primeiros anos do século. Até então se aceitava que a demência precoce (esquizofrenia) conduziria inexoravelmente à demência e ao apagamento da afetividade. Hoje está demonstrado que mesmo após longos anos de doença a inteligência pode conservar-se intata e a sensibilidade vivíssima. E aqui estdio para prova os nossos artistas: Emigdio, internado há 25 anos, e Raphael, doente desde os 15 anos, ambos sob o diagnóstico de esquizofrenia.

Os hospitais, porém, continuam seguindo rotina de raízes em concepções já superadas, muito distantes da cultura atual de seus médicos. Cumpre reformá-los.

Sejam os trabalhos apresentados uma mensagem de apelo neste sentido, dirigida a todos os que participaram intimamente do encantamento de formas e de cores criadas por seres humanos encerrados nos tristes lugares que são os hospitais para alienados.

(Nise da Silveira)



Borboletas Negras doloridas
Que vejo sempre na mata voar
Fantas de mel ha Procura
Borboletas hei de sempre amar

Eu sou ha Borboleta queita
Que me ves sempre pousada
Deixa-me em Paz doradora
Porque Oh Deus do incerto amor

Ce um dia de mim lembra
sahirei ha Procura e ha Pensar
Encontrei quem de mim se lembre
sou eu Venho agrader e Prozar

Eras que deixar saudades
Dos tempos que la ce vão
Do meigo abraçar apertar
De uma lavadeira Precisa e amar

Venha ou anoitecer
Dos dias de amargor
Vida sonha meditar
Dos anjos acalantar

Deixe eu ser carbodas flores
De um Perfume entenededor
Pensando estas em amargor
Oh mel de mim Vaidade

Oh cachopa cem contar
De dias e longos annos
cem percentir ou caçohar
De esqritor a trabalhar

Negruras ha dor orfeão
De tremidos vandavaes
simbilante ha Perguntar
Amando sou seu amar

Eu sou oh cagado da cascata
Que vivo sempre ha rodar
No ceiro da verde gramma
em sopapo Pensador

Pedrinha dos meus olhares
Seras por deus inquecivel
Oh Deus deixa-me viver
Porque outra ha de nacer

**MAIS POEMA
DE CARLOS**

Quantas maldades enfim
so ha me lembra de mim
sera que não tenho outra
companheira da mesma dor

Deus vos dei Por imença
imencidade Florida incarnecida
das Pedra que não murchou
Que controe palacios de amor

Vivo em concolo da lua
Subistuição do coração
Deixo falar oh ceu centir
Ce um dia a luta trahir

Vejo a luz dos teus olhos
Ou que queros os teus roserais
são Para mim oh começar
De Primavera ha emcostar

Oh Deus dos seus Pecar
Disceste em Perjuro amar
Pensando Vivas morrer
De uma serpente ha morder

Quem es, Sou oh sol
Com meus flecos ha Queima
De luses ha te iluminar
Oh Deus hei de te adora

Que culpa tenho eu
De querer a luz da sombra
Sou ou Deus inesquecível
Atenção do coração

Duello são cem espadas
Do mundo das sombras negra
Pensando no enganecer
Porque? ha sombra também morrer

Caminheiro enternecido
Ca minha ha tu estrada
Vido sois em cruz de amor
Que cruza ha mesma dor

Oh Oedras de deus esquecida
hadimiradas do encergar cego
Porque meu Pãe Celestial
Deste fantasias e não verdades

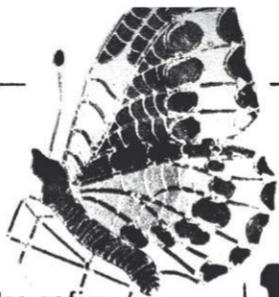
Rema Oh fada silvestre
inesquecível do ceu amargor
De um mar tracoieiro
Em chama de multicolor

Oh mascarado ha almentar
Dises oh que Pode cer
Uma mascara ha esconder
De rotos lábios aparecer

Vivas ou meu amor
Mores ce não conhecer
Do Panno ha cair
De uma mascara te cobrir

Mar com fim distante
Deixa caminhar olhar
Sois horizonte e nacer
Poente ha ce entender

Quando vires não encotrar
De retalhos sonhador
Foi ha brisa que Pagou
Do amor que ce Passou



PARABOLAS DO MUSEU DAS IMAGENS DO INCONSCIENTE

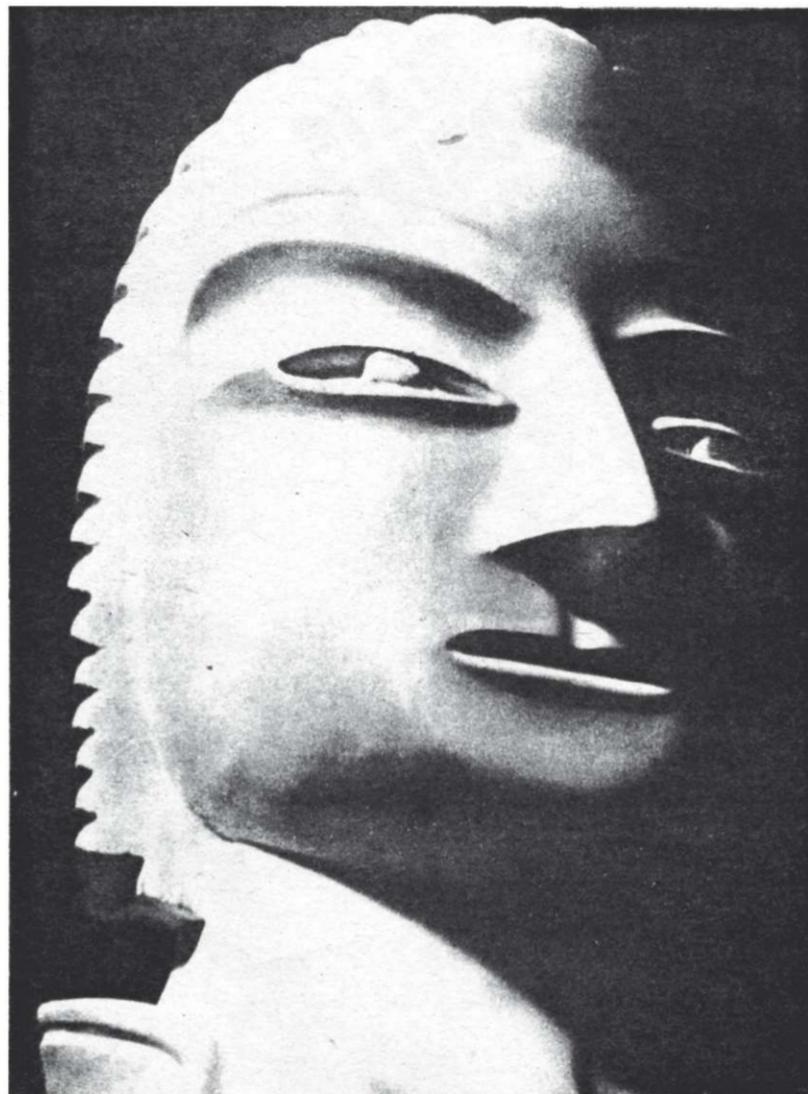
um

E estava certa vez Carlos mergulhado em uma lata de lixo. A mestra Nise da Silveira aproximou-se, e pergunta: Mas Carlos, o que faz você aí? Você está sujando todas as suas mãos. Carlos não é de falar, mas naquele dia falou: "sementes não foram feitas para serem plantadas em latas de lixo. Sementes foram feitas para a terra". Ergue-se, então, com as sementes que colheira na lata do lixo. E foi plantá-las no pátio do hospício.

dois

Estavam os pacientes trabalhando num campo de futebol, quando viram um cãozinho perdido. Começa a chover. O amor dos loucos leva o cãozinho para um teto. A dra. Nise observando. Então, a mestra concluiu que aqueles homens internados há tantos vinte anos eram sensíveis a este amor. E começou a povoar o hospital com seus cães. Há muitos anos, os cães não são mais cães,

OPERAÇÃO LÚCIO:



LUCIO, ANTES ...

no Museu: a dra. Nise só os chama de co-terapeutas.

três

A hora do café, às dez da manhã, é uma festa no Museu: os cães invadem a sala da direção e vão comer biscoitos na mesa da diretora.

quatro

E as pacientes passam pela porta, enfiam a cabeça e gritam para a doutora: — como vai, querida?

cinco

Um dia, os cães da doutora Nise amanheceram mortos. Era a vingança dos inimigos do Museu. Onde se viu tratar cão como gente? Onde se viu chamar louco de hóspede?

seis

A primeira exposição dos hóspedes saiu em 49. Um crítico carioca disse que a arte dos loucos não era arte. Outro crítico disse que era. Os criadores nunca souberam de tal discussão.

sete

O pessoal do Museu sempre esquecia a porta da sala principal aberta. Até que um dia encarregaram Carlos, internado há mil anos, "doente crônico, incurável", na voz da psiquiatria clássica, de zelar para que à noite a porta fosse fechada. Nunca mais a porta ficou aberta.

oito

Toda sexta-feira Carlos dá um presente a doutora Nise: grama que colhe com amor, para os gatos da casa da mestra. Na casa da doutora Nise os gatos passeiam e dançam nas mesas.

nove

Um crítico herege disse que Emygdio, pintor do Hospício Pedro II, onde funciona o Museu, era o maior pintor do Brasil, maior que Portinari. O fantasma de Portinari, eu sei, bateu palmas de alegria; os seus camponeses de pés grandes, também, as suas crianças de olhos fundos, tam-

bém-porque os loucos são crianças e são pobres como estes camponeses marrons das telas de Portinari.

dez

Henry Ey, Lopez Ibor, Ramon Sarró. Nomes de alguns grandes psiquiatras internacionais. Disse-ram que o Museu era fascinante, maravilhoso, hermoso, divino, muy rico. A maior coleção do mundo de obras criadas por doentes mentais. Vinte anos de trabalho. Aqui, ninguém conhece o Museu. Onde estará o homem que matou os cachorros e os gatos? Não estará escondido no banheiro — não sairá com seu veneno e seu punhal, dos fundos do hospício, agora que a doutora Nise vai se aposentar, ou vai ser aposentada — só porque sabe tudo, aos 71 anos de idade? A doutora Nise salta para os dois lados da realidade e da irrealidade e entra na pele curtida pelo sol do sofrimento, pula para o lado de lá, salta para o lado de cá, também porque esteve no lado de lá do muro, no tempo do Estado Novo, na prisão

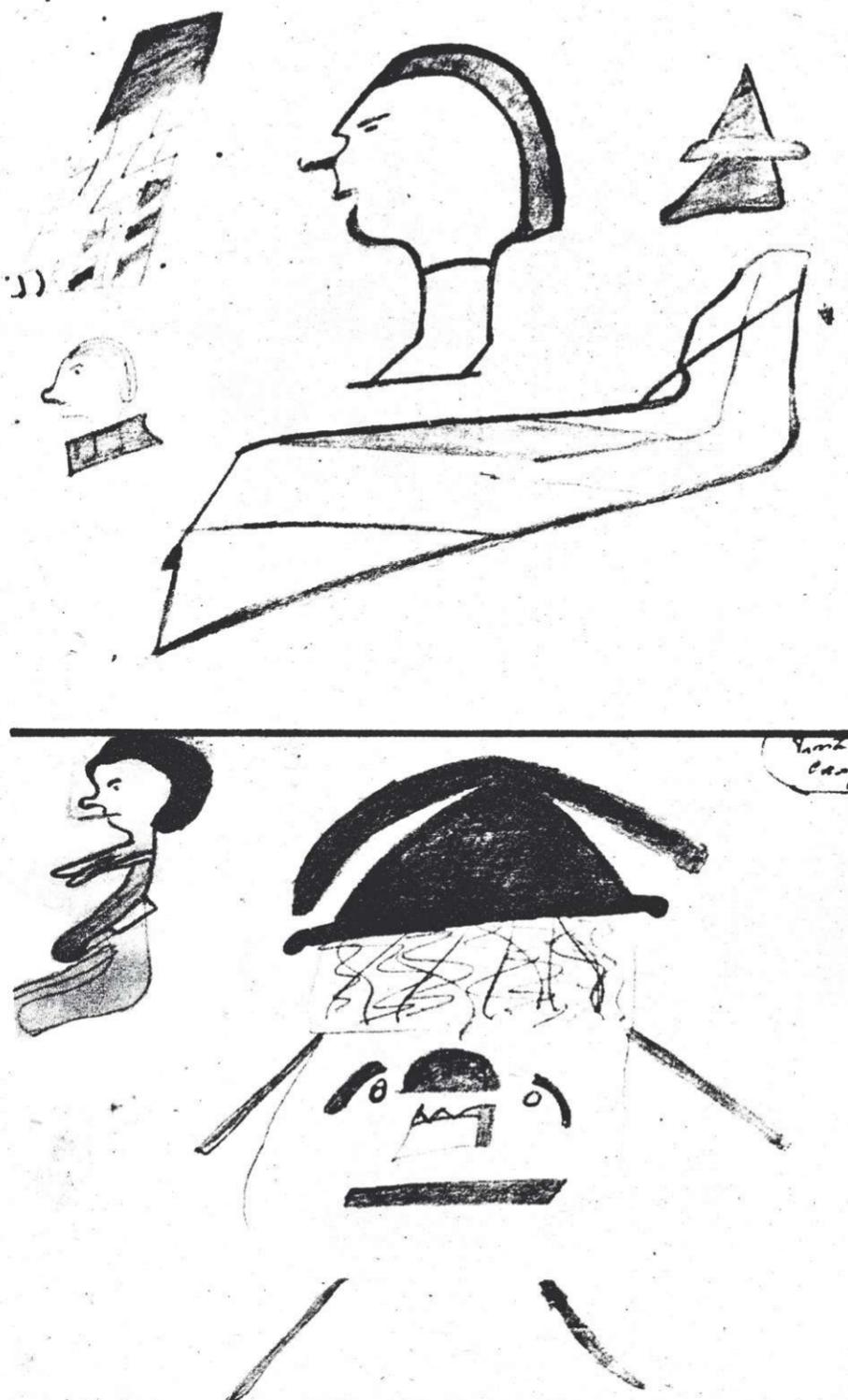
em que esteve Graciliano Ramos, e assim pulou para dentro das palavras do escritor, e para dentro de seu coração, e para as palavras das "Memórias do Cárcere", veja só, doutora Nise presidiária-psiquiatra-libertária, uma lágrima invisível correndo de seus olhos junguianos, ao descobrir um mito da Lua e do Sol, de um tempo perdido, uma evocação milenar, nas palavras, nas imagens do inconsciente de um operário brasileiro, de um hóspede do Hospício, ser multiplamente marginal; por que está no lado de avesso da sociedade dos ricos, porque está do lado do avesso da sociedade dos racionais; porque é natureza no mundo "humano". Doutora Nise: operária da psiquiatria, rejeitando a tentação da clínica rica, escolhendo o mundo do múltiplo marginal hóspede do hospital do povo, e plantando com tijolos de imagens que outros colegas nem olham — ou consideram apenas psicopatia — uma compreensão que ainda está por vir, mas que virá.

LOBOTOMIA

Em 1949, correu no Hospital D. Pedro II, no Rio, que um dos pacientes, Lúcio de tal, seria lobotomizado. A doutora Nise Magalhães da Silveira avisou que iam matar um artista. Porque Lúcio era um artista. Uma de suas esculturas lembra os melhores trabalhos de civilizações perdidas — maias, incas, astecas —, soterradas por nossa civilização. Seus desenhos tinham força e imaginação. Mas Lúcio era o ser mais sem direitos que se conhece, um louco, e os lobotomizadores não pensaram no "artista". Lúcio foi um dos nove artistas plásticos que participaram da primeira exposição de pintores e escultores do Engenho de Dentro. Depois suas obras foram apresentadas no Museu de Arte Moderna do Rio, e no MAM de São Paulo. Mesmo assim ele foi levado para a sala de operações, onde foi destruído. A doutora Nise da Silveira organizou um dossier sobre o caso. A respeito de Lúcio, escreveu: "produziu, antes da intervenção cirúrgica, modelagens de notável qualidade artística, que exprimiam sua concepção da luta entre as forças do bem e do mal. Pode-se sentir nos seus trabalhos forte tensão emocional, contida dentro da rigidez de formas das figuras. Após a lobotomia, modelagens e desenhos revelam catastrófica regressão, trazendo as marcas do deficit características das alterações orgânicas do cérebro: pobreza imaginativa, puerilidade de concepção, inabilidade na execução". A lobotomia e outras experiências semelhantes foi uma das técnicas mais empregadas pelos psiquiatras da Alemanha nazista.

Hoje, ela ainda é feita em São Paulo, em instituições aparentemente insuspeitas e sérias. Está voltando a moda como técnica, na Itália e outros países da Europa, e nos Estados Unidos.

Este texto, bem como o das Parábolas, é de Marcos Faerman.



... DEPOIS.





CANTINA DO PASQUALE
massas frescas - comida caseira
Rua Martinho Prado 187

PONCHO EL PONCHO EL PONCHO
casa de lanches - cervejaria
RUA AUGUSTA nº 169
esquina da Caio Prado.

Se o EX- não chega até você,
chegue até ele.
Mande Cr\$5,00 (em dinheiro
ou cheque visado)
e nós lhe mandamos EX-
esteja você onde estiver.

artef gráficas
POLYCHROM
FOTOLITOS - ROTOFILMES - DUPLICAÇÃO EM GERAL
RUA PAMPLONA Nº 925 - TELEFONE 288 8285 - SÃO PAULO



NÃO FAZEMOS LAVAGEM CEREBRAL

SUCESSO NA BROADWAY, LONDRES, BERLIM E PARIS!
AGORA NOVAMENTE EM SÃO PAULO

GIBA UM apresenta
EVA WILMA em
UM BONDE CHAMADO DESEJO
de Tennessee Williams

com **EDNEI GIOVENAZZI - NUNO LEAL MAIA**
PEPITA RODRIGUES - YVETE BONFA



De Terça a Sexta - 21.15 horas. Sábado 20 e 22.30 horas. Domingo 18 e 21 horas

Sensacionais revelações de Francisco Petit da DPZ, a respeito de Paulo Gorodetchi: o dono da livraria Bux.



Considero Paulo Gorodetchi o maior livreiro do Brasil.
Responsável pela evolução da propaganda brasileira
e divulgador incansável da cultura em nosso país.
Por isso, sou fiel a ele.
Só compro livros na sua livraria, ou trazidos por ele.
E ainda digo mais: acho o Paulo tão bom, que ele nem
precisa ser tão puxa-saco.

BUX

Especializada em livros e revistas nacionais e estrangeiros
Av. Faria Lima, 1.508 - Tel.: 32-3653 (escr./recados).

ney matogrosso apresenta



TEATRO 13 de MAIO.

RUA 13 DE MAIO, 134
TELEFONE: 256-0001

3.a A DOMINGO - 21 Hs.

6.a E SABADO - 22 E 24 Hs.

Cr\$ 30,00 e
15,00

A primeira se matou com 19 anos. Nasce a segunda, a mãe lhe dá o mesmo nome (a mãe é a irmã da que se matou). Quando a segunda também faz 19 anos, entra em crise. Mas não é só por causa do suicídio da tia. Ronald Laing, anti-psiquiatra inglês, entrevistou toda a família da segunda Ruth; e o resultado são os diálogos adiante reproduzidos. Parece teatro.



UMA RUTH DEPOIS DA OUTRA

Quando esta entrevista foi feita, Ruth tinha 28 anos. Desde os 20 já tinha sido hospitalizada seis vezes, e durante os últimos oito anos quase não saiu de hospital. Nos primeiros 18 meses de sua primeira internação, diagnosticaram uma situação entre a histeria e a esquizofrenia. Mais tarde, diversos psiquiatras de diversas tendências concordaram em declará-la esquizofrênica.

Os sintomas variaram, mas durante todo esse tempo ela manteve um comportamento paranóide, sujeito a ilusões e a uma desordem de pensamento do tipo esquizofrênico. Às vezes, tinha idéias suicidas ligadas a um estado depressivo ou a momentos de agitação.

Antes de entrar pela primeira vez num hospital, Ruth vivia com os pais; e tinha um irmão de 32 anos que havia saído de casa quando ela fez 14. Seu pai somente aceitou ser entrevistado na

presença da mulher; e informou que estaria de acordo com tudo o que ela dissesse. Fizemos 16 horas de entrevista, sendo 13 gravadas. Entrevistamos Ruth; a mãe; o irmão; Ruth e a mãe; a mãe e o pai; a mãe, o pai e Ruth.

ERA UMA MENINA TÃO BOA; DE REPENTE, QUERIA BATER NA MÃE

O Sr. Gold e a mulher tinham as mesmas opiniões sobre a história da filha. Segundo eles, a "depressão" de Ruth foi um acontecimento súbito e inesperado; ela teria sido uma criança normal, fácil de educar, muito afetuosa, respeitosa, prevenida, muito chegada à mãe, e que, às vezes dava pequenas demonstrações de irritação, rapidamente esquecidas. Ela se "conformava" inteiramente com a vontade dos pais, e isto os deixava muito satisfeitos.

Então, já com 20 anos, de modo inexplicável, ela começou a se sentir deprimida e a se queixar de "irrealidade". Seu comportamento tornou-se "incontrolável" e depois disso, não fez mais do que ser doente o tempo todo, embora às vezes, nos intervalos entre os "ataques", voltasse a ser a mesma boa menina de antes, muito obediente, muito cordata, muito sensata etc.

Examinaremos a seguir o que seus pais chamavam de "doença". Tanto para a mãe como para o pai, e também para o irmão, os sinais mais evidentes da "doença" de Ruth eram o ressentimento e o mau humor em relação aos pais, da mesma forma que seu comportamento "incontrolável".

Mãe — Ela é às vezes muito desagradável; outras, menos — não demonstra agora tanto ressentimento quanto no início da doença.

Entrevistador — Quando foi que isto aconteceu?

Mãe — Bom... o senhor entende, ela está doente há muito tempo, e antigamente dizia que a culpa era nossa, que queríamos prendê-la num hospital; e as vezes queria nos bater; mas agora se queixa menos.

Entrevistador — Como explicam as acusações e queixas?

Mãe — Bom... não, eu não me explico, apenas compreendo, percebo que ela está doente e não sabe o que diz.

Entrevistador — Sabe o que ela quer dizer quando...

Mãe — Porque, veja o senhor... ela tenta nos bater e depois, no minuto seguinte, se desculpa... — "Ah, mãe, estou desolada, não quis fazer isso de verdade, não quis..."

Em oito anos de tratamento, não somente a família atribuiu à doença seu "mau humor e ressentimento", bem como sua conduta incontrolável; os psiquiatras também, e parece que ninguém, até onde pudemos saber, pensou em colocar isso em dúvida.

Quando tinha uma "recaída", Ruth se vestia "de modo estranho" e tentava "imitar" o irmão, que era escritor.

Entrevistador — A senhora diria que habitualmente Ruth se comportava bem?

Mãe — Sim, sim.

Entrevistador — Em resumo, não há nenhum problema nesse sentido?

Mãe: — Não, nenhum. É só durante seus períodos de crise, o senhor entende.

TEVE UM "ATAQUE" E SAIU DE MEIAS COLORIDAS

O irmão de Ruth tinha consciência de que seus pais eram "pessoas limitadas". E "se mandou de casa". Os pais aceitaram até certo ponto que ele tivesse ambições "artísticas", mas não poderiam admitir que a filha também tivesse. Sua atitude em relação a coisas "artísticas" — literárias, musicais e plásticas — está claramente revelada na seguinte passagem:

Mãe — Me ensinaram piano... me forçaram a aprender, e eu tinha horror; tive que estudar anos, e tinha costume de ir a concertos com meu professor de música... e durante todo tempo eu detestava música.

Pai — Eu acho que uma pessoa pode gostar de tocar algum instrumento — é como um homem que aprende um trabalho. Agora... ser artista, isso é muito abstrato.

Desse modo, Ruth é "doente", se veste "de maneira estranha" e "macaqueia" o irmão.

Entrevistador — O que é que, pelas palavras e atos, faz a senhora pensar que ela está doente?

Mãe — Eu sempre posso dizer quando é que ela vai ter um ataque... quando o ataque vai começar.

Entrevistador — O que é que ela fala ou faz nesses momentos? E em que sua conduta é diferente?

Mãe — Ah, bom... ela ficou estranha, ela não é normal. Além disso, não se veste corretamente. Quando tem um

ataque, põe as roupas mais extravagantes, que encontra.

Entrevistador — Mas ela faz isso quando leva amigos jovens pra casa, por exemplo? Ela fica estranha, se veste de forma diferente?

Mãe — Sim. Aconteceu assim uma vez que ela teve um ataque. Mas isso não acontece há muito tempo.

Entrevistador — E como ela se vestiu?

Mãe — Bom... ela estava de meias coloridas; e colocou tudo o que não vestiria numa situação normal.

É necessário fazer algumas observações sobre as opiniões contraditórias que os pais tinham a seu respeito. A mãe nos disse que, antes de ficar "doente", Ruth tinha muitos amigos, ia a muitas festas e frequentava clubes.

Entrevistador — Ela não tem nenhuma vida social?

Mãe — Não... mas eu gostaria que ela levasse uma vida normal e saísse mais. Ela parece ter perdido todos os amigos desde que ficou doente.

Entrevistador — Ela não frequentava gente da mesma idade?

Mãe — Não. Conhece algumas pessoas mais velhas do que ela, tem uma amiga... saem juntas...

A pobreza de sua vida social e a mania de fechar-se em si mesma parecem ser uma invenção inconsciente dos pais que nunca foi colocada em dúvida por ninguém.

Ruth — Meus pais não gostam dos lugares que frequento.

Mãe — Quais?

Ruth — O Eddie's Club, por exemplo.

Pai — Meu Deus! Você não quer dizer realmente...

Ruth — Claro...

Entrevistador — O que é esse Eddie's Club?

Mãe — É um lugar onde se bebe. Mas ela não vai lá para beber. Ela só quer encontrar todo tipo de gente.

Entrevistador — Parece que as pessoas que ela gosta de encontrar desagradam aos senhores...

Mãe — Talvez seja verdade.

Pai — Sim.

Os pais repetiram diversas vezes que Ruth não se dava conta do que lhe acontecia ou do que fazia. Nós nunca pudemos estabelecer se tinham razão ou não. Entretanto, segundo a mãe, Ruth...

Entrevistador — Ela já chegou bêbada em casa?

Pai — Não.

Mãe —... não gosta que lhe lembrem tudo isso. Tentamos não falar.

Entrevistador — Você se sente doente nessas ocasiões?

Ruth — Não.

Mãe — Não, ela não se dá conta do que lhe acontece, nem que está doente.

Ruth — Eu não acredito mesmo que esteja doente.

Entrevistador — E o que você sente nessas ocasiões? Pode descrever seu estado? Que é que você faz?

Ruth — Bom, simplesmente... acho que meus pais inventam uma tempestade em copo d'água... se vou a certos lugares, gosto de vestir as



roupas que as pessoas que vão a esses lugares costumam vestir.

Entrevistador — Pode dizer por que se veste desse jeito?

Ruth — Sim... eu acho estético.

Entrevistador — Você acha que esse estilo talvez seja mais artístico do que uma roupa convencional?

Ruth — Sim. Há outras moças que também usam meias coloridas...

Entrevistador — Você se dá conta de que seus gostos podem ser uma fonte de tensão em casa?

Mãe — Mas não existe tensão. Não há tensão porque assim que o ataque passa, ela reencontra seu equilíbrio e volta a ser como antes. Mas ela sempre foi atraída pelo gênero artístico. Se vê alguém na rua desse tipo, alguém um pouco diferente do costume, diz: "— Olha, olha lá. Olha como está bonito".

Pai — É... para quem é mais tradicional... esses tipos e essas garotas que se vestem de um jeito esquisito... bom, eles são bizarros.

Mãe — Mas agradam a Ruth.

Pai — Eles são diferentes.

Entrevistador — Ruth leva pessoas para casa?

Mãe — Ela levou cada tipo em casa... Quando está doente, convida pessoas que em tempo normal ela nem toleraria... uma espécie de beatniks.

Pai — Escritores e sabe Deus mais o quê...

Entrevistador — Os senhores não gostam de escritores?

Mãe — Não, não é isso... não, não... claro que nós gostamos de escritores.

Pai — Naturalmente.

SEU GRANDE MEDO É TER O MESMO NOME DA TIA QUE SE MATOU

O senhor a a senhora Gold, apesar dos julgamentos contraditórios sobre as ações de Ruth, têm uma idéia relativamente clara e persistente sobre a personalidade da filha. Esse modo de ver as coisas é um traço comum a todas as famílias entrevistadas. Quando Ruth é "realmente" ela mesma, quando está "bem", não se interessa seriamente por escritores e artes, não usa meias coloridas, não vai escutar música num boteco, não leva amigos em casa e não sai de noite. É só de vez em quando que Ruth tenta se afirmar, e nesse simples gesto destrói a imagem que os pais fazem dela; é só de vez em quando que procura agir segundo seu próprio juízo. Sua mãe então "sabe" que um ataque é iminente. Acusa Ruth

de ser difícil, egoísta e grosseira porque lhe causa preocupações. Mas pai e mãe não a censuram, porque não a consideram responsável por seus atos. Eles "sabem" que a moça é esquisita e doente. Assim, mistificada e colocada numa situação intolerável, Ruth fica desorientada e desesperada, lança "loucas" acusações, pretende que os pais não querem que ela permaneça viva, e foge de casa, completamente desequilibrada.

Esclarecidos pelo conflito que os pais pretendem ignorar, podemos examinar o comportamento de Ruth, do qual ela mesma nos deu explicação, e compreender sua dificuldade de viver.

Ruth não consegue esquecer que lhe deram o mesmo nome de uma irmã de sua mãe, que se suicidou aos 19 anos, após um caso de amor infeliz. Ruth ficou doente aos 20 anos, e após um caso semelhante. Qualquer que tenha sido o papel desempenhado pela mãe de Ruth, na realidade ou na imaginação, quanto ao suicídio da irmã, o fato é que ela teve um papel dos mais curiosos na história de amor da filha.

A primeira Ruth morreu afogando-se.

Entrevistador — Por que sua irmã preferiu morrer?

Mãe — Ela foi infeliz no amor. Rompeu um noivado. Era muito moça quando conheceu o noivo, 10 anos mais velho. Tinha 16 quando o trouxe até nossa casa — meu pai queria conhecê-lo. Ele dizia à minha irmã que ela era muito jovem, mas que se amavam, e continuaram se vendo, e papai permitiu o noivado quando ela fez 18 anos. No começo, o noivo era muito ciumento, depois começou a ganhar bastante dinheiro, e isso deve ter-lhe subido à cabeça, porque ele começou a se divertir — jogando golfe — e começou a desprezar minha irmã, que sofreu muito. Romperam o noivado e reataram umas duas ou três vezes, e cada vez ele vinha e pedia perdão, depois não voltou mais. Ela chorou muito e eu pensei que falava em matar-se para nos meter medo... eu não acredito que quisesse realmente se matar... não se deu conta do que estava fazendo... deixou um bilhete dizendo onde encontrar as roupas, o colar e os brincos, mas não pensamos que queria realmente se matar. Provavelmente pensou em assustar um pouco o noivo... sem dúvida, achou que isso o traria de volta, mas ela era muito jovem.

Parece que o caso amoroso de Ruth (a filha) terminou mais ou menos da mesma maneira. O rapaz demonstrou indiferença e não voltou para suplicar o reatamento.

Entrevistador — A senhora sabe por que Ruth a acusa? sabe do que ela está falando quando lhe faz acusações?

Mãe — "É por causa dela que estou doente", diz ela... e... eu tive uma irmã que se matou com 19 anos, foi uma lembrança dela que nós demos este nome à Ruth, e ela reclama sempre. Fala muito de minha irmã. Mas não chegou a conhecê-la. Faz 32 anos que minha irmã morreu.

Entrevistador — E o que a senhora acha que ela quer dizer quando lhe faz estas acusações?

Mãe — Talvez pense que é como minha irmã... ela pergunta: "Minha tia era normal? Ou era louca? Eu sou louca como ela? Isso é uma doença mental?" Enfim, o senhor compreende. Ela não sabe a que... atribuir.

Entrevistador — Mas ela parece que subentende. Parece que implicitamente ela lhe faz uma acusação.

Mãe — Absolutamente. Absolutamente.

Entrevistador — E a senhora percebe por quê?

Mãe — Ela talvez pense que se eu não lhe tivesse dado o nome de minha irmã, não teria ficado doente.

Entrevistador — Hummm... Ela lhe disse isto?

Mãe — Não me disse assim, mas deu a entender.

Entrevistador — Ela lhe deu a entender outras coisas?

Mãe — Não creio, não creio.

Entrevistador — Por que lhe faz acusações? Ela nunca fez nenhuma alusão?

Mãe — Não, não, não. Quando está doente, não quer que eu cuide dela, tenta fazer tudo sozinha, mas não sabe. De alguma forma tenho de tomar as rédeas, fazer tudo o que é preciso. Talvez a tenha mimado um pouco demais depois que ficou doente, mas ela é tão doente, não é capaz nem mesmo de ficar limpa... o senhor compreende... eu tenho que fazer tudo, mas ela me diz: "Não se meta nos meus assuntos, deixe-me em paz". Mas a gente não pode deixá-la sozinha. É impossível ter confiança.

Entrevistador — Como foi que tudo começou?

Mãe — Depois do caso de amor

infeliz. Saiu com um rapaz por dois anos, ela devia ter 18 ou 19 anos. Até então havia sido uma garota fácil de educar... ahnn... não era muito ativa, nem voluntariosa, mas era inteligente, passou pelos exames escolares sem problemas, chegou no secundário. Estava sempre de bom humor, limpa, ordeira, enfim: um encanto. Realmente, até o dia em que encontrou esse rapaz. Ela teve muitas amigas, divertia-se muito, e quando começou a trabalhar ficou no emprego por dois anos, depois largou, o rapaz não queria que ela ficasse no emprego ou coisa assim. Ela largou o emprego e os patrões ficaram muito contrariados. Eles confiavam muito nela. Ela abria a loja de manhã, uma loja de modas onde era vendedora. Ruth queria ser desenhista de modas. Seu irmão é escritor e ela sempre o imitou, queria ser artista como ele, chegou até a fazer um curso, mas não continuou e se tornou vendedora. Foi aí que encontrou o rapaz. Ela não estava tão apaixonada assim por ele; era muito ciumento e praticamente vivia aqui em casa. Estudava medicina e parece que seus pais não estavam muito satisfeitos com o caso: achavam mais importante ele continuar o curso com seriedade. Ele repetiu duas vezes algumas matérias, e implorei para que rompesse com Ruth. Falei assim: "Vocês são muito jovens, podem recomeçar mais tarde, quando já estiver formado". Mas ele não queria viver sem ela. Isso durou dois anos, e embora os pais do moço soubessem que ele praticamente não saía daqui, jamais convidaram Ruth para ir lá, e isso a humilhava muito. Ela tinha vergonha por nós e, depois de dois anos, decidiu romper. Me lembro do dia que entrou aqui dizendo que ia acabar. Eu disse: "Você pensou bem?" Ela respondeu: "Sim, eu pensei

muito e não quero mais". Rompeu. Depois ficou muito deprimida e nunca mais foi a mesma. Não sabíamos o que era. Pensava que ela continuava infeliz por causa dele. Mas ela passeava com as amigas, depois saiu de férias. Passou o natal na casa de uma amiga e voltou dois dias depois. Semanas mais tarde, devia ir ao aniversário de uma amiga, mas não foi. Estávamos muito preocupados, não sabíamos o que fazer. Um dia, voltou num táxi, chorando aos soluços, com os saltos dos sapatos quebrados. A partir daí, fomos a um psiquiatra atrás de outro.

ACABOU FICANDO COM OS PAIS PARA ESCAPAR AO HOSPITAL

A mãe admite que suplicou ao rapaz para acabar com Ruth. Mas nega isso diante de Ruth, e algumas vezes diante de nós. Ruth não sabe bem que parte de responsabilidade atribuir à mãe no rompimento do namoro. A mãe também não sabe que parte de responsabilidade lhe cabe. Quando Ruth acusa a mãe, esta diz que ela está doente.

Mãe — Acho que lhe fez mal ver o rapaz com outra moça, 15 dias depois do fim do caso. Isto feriu-a profundamente. De qualquer maneira, tinha perdido dois anos com ele, e ele nem sequer tinha tentado revê-la, para perguntar se as coisas podiam se arranjar. Tinha repetido tanto que a amava! Éramos contra o namoro, mas eu não queria que ela acabasse para evitar que me acusasse.

Entrevistador — Por que vocês eram contra?

Mãe — Não gostávamos do caráter dele. Era muito mimado, não trabalhava como devia.

Entrevistador — De que vocês não gostavam nele?

Mãe — Ele era polido mas parece que não levava as coisas a sério, mesmo sendo ciumento, e não ficava preocupado de não convidar minha filha para ir à casa de seus pais, não tinha nenhuma vergonha disso.

Entrevistador — Ele nunca disse por quê?

Mãe — Não.

Entrevistador — Vocês lhe perguntaram?

Mãe — Tínhamos vontade. Pedimos que ele terminasse com Ruth.

Entrevistador — Em suma, vocês lhe pediram abertamente que rompesse.

Mãe — Suplicamos.

O pai e a mãe de Ruth conversaram com o rapaz contra a vontade da filha. Ao mesmo tempo, pressionaram a filha. Mas se lamentaram quando eles romperam.

Mesmo agora, Ruth não compreende bem o que se passou, e não poderia mesmo compreender, pois sempre teve poucos detalhes sobre o caso.

Ruth — Tudo isto me parece estranho. Encontrei-o em vários lugares, mas ele nunca falou comigo. Um dia, desmaiei quando saía de um prédio e frequentemente passava mal. Mas não sei por que meus pais me levaram ao hospital para ver um médico.

Entrevistador — Aí você começou a pensar que tinha perdido alguma coisa importante para você?

Ruth — Sim.

Entrevistador — Era Richard?

Ruth — Sim. Mas era completamente inconsciente. Conscientemente, não sentia que era ele. Certa vez, quando tive uma entrevista com um médico,

chorei e falei de Richard. Há dois anos que não pensava mais nele, e foi de repente que as coisas jorraram.

Entrevistador — Como se você tivesse reprimido seus sentimentos?

Ruth — Sim. Tinha enterrado tudo no fundo de mim mesma. Por isso tive a depressão.

Mesmo hoje, Ruth não sabe o que se passou, o que "realmente" se passou. Ela vive agora com os pais, que estão contentes com o arranjo das coisas.

Mãe — Nos entendemos muito bem. Ela já não fica fechada o dia todo. Quero dizer que agora nossa vida está orientada em função da vida dela.

Pai — Completamente.

Entrevistador — Vocês querem dizer que não fariam as coisas que fazem se estivessem sós?

Mãe — É isso. Mas estamos muito felizes de fazer o que fazemos.

Ruth também se sente "melhor". Ela abandonou as roupas, os clubes, os amigos que os pais não gostavam. Entendeu agora que eles a amam.

Mas às vezes tem dúvidas.

Ruth — Estou um pouco perdida. Não para tudo. Mas a este respeito me coloco muitas perguntas, porque a maioria das pessoas tem má opinião sobre os beatniks, não é? Minha melhor amiga nunca poderia sair com um deles.

Entrevistador — Mas você acha que deve estar de acordo com o que a maioria das pessoas pensa?

Ruth — É que, quando não estou de acordo, encontro-me sempre no hospital.



Considero a família tal como a conhecemos — o núcleo familiar urbano ocidental, duas gerações, pais e filhos — com uma forma social muito pouco comum, que se desenvolveu recentemente em formas sócio-econômicas particulares e que, sem dúvida, é uma das muitas formas de vida social que vão e vêm segundo circunstâncias. Através da antropologia comparada e em termos da história das culturas, pelo que li e pelo que vários antropólogos me contaram pessoalmente, nosso núcleo familiar nunca havia existido na história da raça humana, até não faz mais que 100 anos na Europa. E não existe em nenhuma outra parte fora do complexo industrial. Que eu saiba, só há uma história detalhada de como eram as famílias na Europa até uns 200 anos (Philip Aries: *Centuries of Childhood*). Este livro assinala que é muito recente a célula de duas gerações, em que os filhos são "internos" e na qual só duas pessoas têm responsabilidade "normal", econômica e educativa sobre eles. É justo dizer, a respeito dos pais, que é difícil esperar tanto de duas pessoas, e que eles esperem tanto um do outro e de si mesmos. Estas duas pessoas vêm encontrando sua satisfação total em alguma forma de intimidade, e a maior parte do consolo e apoio e recompensa e alegria e desfrute da vida um no outro, e em ninguém mais.

Fala-se de neo-tribalismo; sem dúvida as velhas formas estão desapare-



cendo e surgem novas, não só entre os jovens. Sem dúvida, ultimamente, muita gente convencional de classe média vem organizando associações de moradia, e habitam unidades familiares múltiplas. Ninguém sabe como vão funcionar. As regras que regem quem-

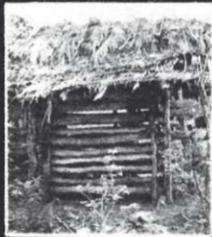
tem-relações-com-quem, acho que serão cruciais. Não posso imaginar nenhum sistema social sem regras, quaisquer que sejam, aplicadas a quais relações físicas são permitidas, prescritas e proscritas; quem está autorizado, e para quê tipo de relações íntimas

com o corpo de quem, e com os corpos de quem mais. Absolutamente fundamental. E não há dúvida que isto está mudando muito. E está mudando no terreno imaginativo; quero dizer, a gente imagina coisas que eram extravagantes faz uns poucos anos.

O paranóico mais célebre da literatura médica é Schreber, um juiz que escreveu suas memórias; sobre estas memórias, Freud baseou seu estudo mais importante da paranóia. Schreber situa o começo de sua "enfermidade" quando, deitado na cama certa manhã, cruzou por sua mente o pensamento, que não podia vir dele, de que "seria agradável ser uma mulher sucumbindo ao coito sexual". Tal pensamento era, para Schreber, "contrário à ordem do mundo". Pois bem, para um juiz alemão, pensar em como seria ser mulher era uma monstruosidade até 60 anos atrás, mas não creio que fosse agora.

As mudanças nas formas sociais vêm pressagiadas por mudanças em tudo o que podemos imaginar, conceber. Acontece que quando a gente começa a imaginar coisas nas quais nunca havia pensado, começa a imaginar que já não é tão profundamente perverso e degenerado, nem símbolo de algo fora dos limites do natural, e começa a conceber relações de uns com os outros, partes do corpo em que se supõe que não se deve pensar em conjunção com outras, relacionando-se entre si.

Ronald Laing,



Nome: Secundo José dos Santos.
Função no mundo: Loucura.
Sanção do mundo: prisão num chiqueiro durante 29 anos.
Mundo: sertão de Jequié, 340 Km de Salvador.

Reportagem de Patinhas (João) / Fotos de Juvenal Silva



Os donos do mundo e do destino de Secundo: Antônio José dos Santos, seu pai; Petronílio José dos Santos, seu irmão - Tenente Mota, delegado de Jequié em 1943.

O CHIQUEIRO:

Dois metros quadrados, toros de madeira, formiga e bosta. No seu interior um bolo de carne uivante: Secundo, ex-louco furioso, apodrecendo sua loucura. Vinte e nove anos de espinha dobrada, uivos e masturbação. **Esta história tem começo mas ninguém sabe o fim, apenas uma passagem de um chiqueiro para outro. Em outubro de 1972, Secundo foi transferido para um depósito de loucos na capital.**

— Quem é que manda em sua casa, homem? Faça um chiqueiro e bote este homem lá dentro! Lugar de louco é no chiqueiro!

(Tenente Mota em 1943, falando ao pai de Secundo.)

“... CONTAR O TEMPO NÃO CARECE...”

(Secundo, unhas de lobisomem, dedos comidos por bicho de porco, na véspera de sua viagem para o “Juliano Moreira”, em Salvador, outubro de 1972).

UM SANATÓRIO SERTANEJO

Um chiqueiro é um pequeno cercado feito de toros de madeira e coberto de palha. Pouco espaço porque a gordura do porco depende do pouco movimento que ele faz dentro do chiqueiro. O chiqueiro é um lugar de engorda, de inchação.

Já foi também lugar onde se guardava o medo e se aplicava justiça. A justiça da normalidade contra a loucura.

Secundo José dos Santos foi um louco justificado num chiqueiro. Ficou apodrecendo na gaiola de 1943 a 1972, quando um jornal de Salvador denunciou o fato. Até então poucos sabiam que um homem, sentenciado pelo medo de sua família, lutava contra uma prisão absurda encravada na caatinga e guarnecida pela lei primitiva



do temor ao desconhecido. Do medo do louco, do cachorro doido, da raposa azeda.

SE O CACHORRO ROMPE A CORRENTE A CULPA É DO DONO

Em 1943, um raio rachava a família de Antônio José dos Santos. O mesmo raio que desagregou a mente de seu filho Secundo ameaçava a segurança regional. Todos temiam o louco Secundo que começava a cometer desatinos.

Surge na história o senhor inquisidor. Um homem sem capa preta mas coberto com a farda da polícia militar. Tenente Mota, delegado de Jequié, o homem que tinha a chave da cidade pública e idéias para criar pequenos chiqueirinhos, sanatórios domiciliares.

A família do Secundo ouviu as ordens do tenente. Construíram o chiqueiro e enjaularam o filho misterioso. Mas a jaula era fraca para o louco moço. Um, dois, três. Secundo teve forças de destruir três chiqueiros para se render no quarto. De toros mais grossos e pedras bem pesadas.

PETRONÍLIO, IRMÃO E GUARDA

O chiqueiro foi construído na rocinha de Petronílio José dos Santos, irmão do louco. A oito quilômetros do chiqueiro de Secundo surgiu a faixa escura da Rio-Bahia, para carregar seus loucos em gaiolinas de ferro e rodas de borracha.

Em frente do chiqueiro de Secundo, guardada a distância para apagar seus uivos e diminuir o fedor da bosta, ficava a casa do seu irmão Petronílio. Petronílio, preto brilhante, analfabeto, ingênuo, covarde, pai de uma rinha de secundinhos barrigudos, famintos, nus. Casa de taipa, chão batido, fedor de bosta de menino. Menos azeda que bosta de doido. A voz de Petronílio, guardião do irmão bicho:

— O que a gente podia fazer? Ia deixar ele fazendo desatinos no mato, acabando as feiras, capaz de matar uma pessoa? Dinheiro a gente não tinha para mandar ele para um asilo. E tinha que ficar alguém tomando conta, dando de comer a ele...

Estranho, louco não engorda em chiqueiro!



Secundo não engordou nos 29 anos de cativo. Não podia se movimentar, a altura do chiqueiro não permitia que ele ficasse em pé, mas talvez pela pouca comida ele não adquiriu a opulência flácida dos porcos.

Sabugo de milho, bicho de porco, licuri, pão seco. Mas o pouco movimento da prisão lhe conferiu a passividade dos loucos românticos, repertório dos justos. Bobos?

Os filhos de Petronílio eram visitas constantes de Secundo. Encostavam a cabeça entre as madeiras e conversavam com o tio-bicho.

Secundo quase não falava, murmurava, fazia caretas infantis, cantava prá lua. Quietamente, Secundo ensinava as crianças que neste mundo lugar de louco é no chiqueiro. Que os homens normais são os donos absolutos do destino dos loucos. Que o louco é menos perigoso do que o medo.

Secundo ensinava às crianças que no chiqueiro também se vive, Comendo bosta, corpo coberto de formiga, olhos inundados de remela. Secundo ensinava às crianças que o homem se acostuma a tudo. Os que fazem os chiqueiros e os que vivem dentro dele.

O CHOQUE ELÉTRICO É CARIÍCIA PARA QUEM PASSOU 29 ANOS NUM CHIQUEIRO?

As autoridades de Jequié sentiram-se envergonhados depois que correu a notícia de que bem próximo dali um louco estava preso, morrendo a míngua. Para que Secundo sabsse foi preciso destruir o chiqueiro. Não havia portas.

Ele foi arrastado e jogado num carro fretado pela Prefeitura e o "arrôtery" club. Horas depois abria-se um portão e Secundo ingressava no Juliano Moreira.

O Juliano é um depósito de loucos existentes em Salvador. Ocupa um quarteirão inteiro e foi modulado a partir de um casarão secular. Hoje dá impressão de um cruzamento de engenho de açúcar com orfanato, albergue noturno e depósito de cereais. À sua localização desenha o mapa da obscura paranóia urbana, contida e recolhida entre encostas e apartamentos financiados por uma vida inteira: o Juliano ocupa uma área circular, completamente rodeado por pombais do BNH. Sua população atual é de setecentos internos. A dos pombais deve ser de dez vezes mais. Os pombais tem suas solitárias e os choques rede globo. O



Juliano tem seus corredores, suas alas, seus fios elétricos e uma divisão radical: a pátria dos tuberculosos e o país dos não tuberculosos.

E para lá foi Secundo, saído do seu chiqueirinho. A terapia do sertão contra os dragões elétricos dos sanatórios urbanos. E agora Secundo?

SERÁ QUE FIQUEI MALUCO?

Secundo estava acostumado à solidão. Preso no seu chiqueiro estava entregue somente aos seus fantasmas. Lá não tinha choque elétrico, pílulas, nem injeções de fazer bonecos duros, babões, e de olhos esbugalhados. Lá tinha bosta, bicho de porco e uma imobilidade total. As situações em parte trazem semelhança, a incapacidade perante a loucura.

Os diques, os açudes para conter o desaguar de águas perigosas. O que pode ter passado pela cabeça de Secundo depois de arrancado do seu chiqueiro e lançado no meio de dezenas de outros seres angustiados e torturados pelos métodos de sanatórios urbanos? Talvez ele tenha pensado que enlouqueceu...

DEPOIS O BRANCO... OU O PRETO, OU O BURACO AFINAL, ISTO É E NÃO É UMA FÁBULA.

Existem agora poucas notícias do Secundo no Juliano Moreira. Um porteiro barrigudo, filão de cigarros, que barra as pessoas na porta, diz que ele foi embora. Terá voltado para o chiqueirinho?

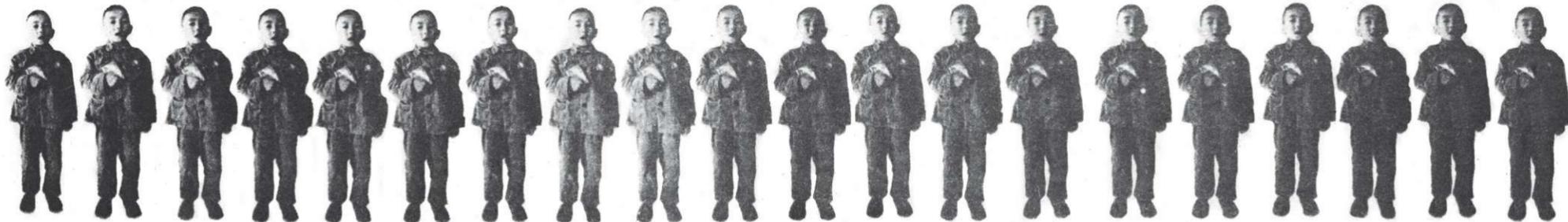
E assim a história de um louco contido, preso e torturado em dois chiqueiros pela justiça terapêutica... o encontro e o conflito da lucidez e da loucura. Um homem preso num chiqueiro como um bicho do mato. Um homem encolhido num sanatório como um bicho da cidade.

Entre os dois, e o mesmo homem, o estigma da loucura.

Vinte e nove mais vinte e nove mais vinte e nove, tudo igual. A castração. A morte. O nascimento.

Secundo José dos Santos, duro como um jumento. Forte como um louco que assombra a passividade dos mortos-vivos. Existirá sempre uma jaula aberta-fechada para engulir um louco? Secundo, responda!

Grite de dentro de seu chiqueiro! (e aqui morre o papo porque eu já estou ficando bêbado).



HOSPÍCIO CHINÊS: CALMANTE OCIDENTAL E ACUPUNTURA NELES

MAOTERAPIA

Um relato sobre um importante centro psiquiátrico de Xangai; e uma entrevista com dois médicos de província; os chineses tratam os pacientes também com um remédio que consideram infalível: Pensamentos de Mao, os já famosos, em doses diárias e segundo prescrição médica.

Por Gregório Bermann, cientista argentino. Bermann esteve três vezes na China, e em 1970 lançou "A Saúde Mental na China", série de artigos e reportagens sobre a situação psiquiátrica naquele país. Após uma vida política intensa, que abrangeu os mais variados campos da medicina e da filosofia, Bermann morreu em 1972, com quase 80 anos.

Aproximava-se do fim a minha última viagem à China, e eu estava bem longe de ter captado os valores e o sentido da revolução cultural na psiquiatria, apesar de todas as demonstrações que me fizeram. Tudo isto é tão diferente de meus conhecimentos e de minha vida! Em primeiro lugar, o que tinha me chocado era a caricatura de revolução cultural que tinha testemunhado em um hospital psiquiátrico de província. Devo acrescentar que tinha uma prevenção contra a ação das massas, eudeusadas na China como as criadoras de um novo mundo, em razão da experiência tão dolorosamente negativa que tinha sofrido na Argentina, minha pátria. Lá, a classe operária e uma parte importante das classes médias foram conduzidas por um líder, adorado pelo povo, e levadas em uma direção que, na minha opinião, não favorecia a sua libertação, bem pelo contrário.

Vou contar como começou a decepção de que falei acima. Fui acolhido com grande cordialidade pelo pessoal do hospital e pelos doentes, que no meio da neve, ao ar livre, entoavam citações do presidente Mao, repetindo conhecidos slogans. Me disseram que o hospital não tinha diretor, que o comitê revolucionário assumia o poder no quadro de uma direção coletiva onde havia somente um jovem médico. Um membro da direção tomou a palavra, creio que era um enfermeiro, enquanto o responsável, que tinha toda a aparência de um oligofrênico, não

abriu a boca durante toda a reunião. Os médicos estavam confinados nos pavilhões esperando os doentes. No último momento, a meu pedido apareceu um professor de psiquiatria, e falou muito pouco.

No hospital não existiam estatísticas, não se publicavam estudos, não se faziam pesquisas. Neste caso, ao menos, a revolução cultural era uma grosseira demagogia. A revolução cultural parecia ter, aqui, diminuído, ou degradado, aqueles que deveriam dirigir; no caso deste hospital, os médicos. Os rebeldes revolucionários que tomaram o poder ocuparam o vazio deixado pela direção, provavelmente porque não havia entre os médicos pessoas enérgicas e com um pensamento claro e correto. Foi com estas coisas na cabeça que conheci, então, a experiência do hospital psiquiátrico de Xangai.

E Xangai é, sem dúvida, o centro psiquiátrico mais importante da China, não só pela sua organização e seu ensino, como porque aqui trabalha o homem que abriu o caminho para a psiquiatria no país, o professor Hsia. O hospital que visitamos, em 1965, tem 600 leitos, é bem equipado, tem muito pessoal, e sua disciplina e higiene são excelentes. Em 1967, no total, Xangai possuía 2 700 leitos no domínio psiquiátrico.

Vou procurar reproduzir aqui, na medida do possível, as próprias palavras das pessoas com as quais falei. A situação da revolução cultural, ao nível

do hospital, é o reflexo exato daquilo que se passa no país, e que tende a destruir o privado para construir o público.

A CURA PELO PENSAMENTO

Eles citam Mao Tse-tung: "as idéias dos homens não têm outra origem senão a prática". O trabalho clínico ensina que os doentes mentais estabelecem relações precisas com as situações reais. É necessário, antes de mais nada, conhecer a realidade do pensamento e a ideologia dos pacientes. O conhecimento aprofundado dos pacientes realiza-se graças aos laços estreitos que os unem aos médicos e ao pessoal sanitário. Uma vez que se sabe o que eles pensam e quais são os seus problemas ideológicos, pode-se estudar com eles os meios de resolver os problemas, em função de cada doença.

Por exemplo, um paciente melancólico considerava sua doença muito grave e incurável; o que ele tinha de mais sério era sua intensa preocupação — assim, tentou muitas vezes o suicídio; durante anos, nada disse do que se passava na intimidade de seu coração, e aqueles que viviam a seu lado podiam constatar somente a sua vontade de suicidar-se. Finalmente os médicos entenderam o que se passava. E, com ele, leram os três mais importantes artigos de Mao, e constatarem a sua perda de confiança na capacidade de cura. Durante longos anos, nem os remédios puderam curá-lo, coisa que entendeu lendo os artigos. Uma vez curado, o paciente escreveu um artigo sobre o que tinha se passado em seu espírito e em seu coração no processo de cura.

Para que o pensamento de Mao penetre no espírito dos doentes, é

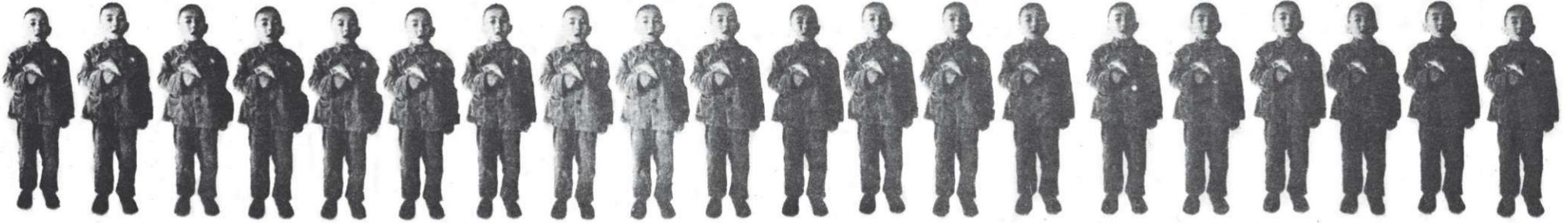
preciso saber o que eles pensam. "Em primeiro lugar, mostramos verdades simples que cada doente pode colocar em prática. Os artigos de Mao são muito simples, mas têm um conteúdo de verdade muito profundo que orienta para a ação", dizem os médicos.

Eu perguntei em que medida os ensinamentos da psicologia médica são utilizados na China. Me disseram que o trabalho médico se funda sobre o amor de classe: "em nossa sociedade, estabelecemos relações de amizade íntima com os pacientes, e isto nos permite um justo conhecimento de seu espírito; conforme a realidade viva de cada um, empregamos métodos específicos "de tratamento".

No hospital, assisti a uma reunião de estudos mantida pelos doentes, a partir de leitura de citação de Mao; as citações eram comentadas pelos próprios doentes, na presença dos enfermeiros e com a sua colaboração. Um doente diz: "ser médico não é importante, o importante é aprender para poder servir ao povo". Outro doente atribui sua doença a uma causa ocasional; "é preciso se armar de coragem para enfrentar os problemas", diz ele, citando outro "pensamento".

CADA DOENÇA, UM ARTIGO

A grande maioria dos doentes são operários, camponeses e membros do partido. Antes do internamento, eles estavam habituados, como todo o mundo, na China, a estudar os ensinamentos de Mao, o que facilita muito o trabalho. Segundo aqueles ensinamentos, um divide em dois: de um lado, os aspectos patológicos do espírito; de outro lado, os aspectos saudáveis; "são os últimos que devem ser reforçados para curar as partes doentes".



Os doentes são divididos em função da etapa em que se encontram de sua evolução mental e orgânica. Diferentes artigos de Mao, são usados para enfrentar essas situações diversas. No decorrer da terapia, acontece seguidamente que os pacientes recusam tomar remédios ou seguir outro tratamento.

Eles são ajudados pela leitura de "Como Yukong ultrapassou a Montanha", por exemplo. Um paciente que escondia seus medicamentos, após estas leituras, fez sua autocrítica reconhecendo os erros e mudou de conduta. Na véspera de sair do hospital, existem pacientes que desenvolvem idéias erradas; que os outros zombam deles, etc.

Neste caso, é sugerida a leitura de "Sobre a Guerra Prolongada", e assim eles "elevam o nível de consciência e a confiança em sua possibilidade de

vencer as dificuldades". Há outros que perdem a coragem e vacilam em continuar vivendo: eles são encorajados lendo "Servir ao Povo", ou as citações sobre a "Crítica e Autocrítica", etc.

Os médicos apontam os resultados de seu método:

1. Eleva-se a atividade subjetiva dos doentes e, por aí, eles são ajudados a vencer seus sintomas e suas dificuldades. Numerosos doentes aprendem a considerar suas emoções como "tigres de papel", desprezando-as estrategicamente e tomando-as em consideração taticamente. Numerosos pacientes "criticam as idéias errôneas que tinham sido; por exemplo, alguns pensavam de maneira desordenada em mil coisas diferentes, de maneira unilateral, tomando assim o aspecto pelo todo; depois desse tipo de estudo, eles corrigem seus pontos-de-vista errôneos".

Alguns doentes manifestavam "confusão ideológica"; se preocupavam excessivamente com o futuro, de modo que viviam sob perspectivas sombrias, tinham medo de não poder mais trabalhar; estudando, "seu nível se elevou, a luz aparece em seu espírito, e sob o efeito da atração exercida pela solidariedade e pelo fim de seu egocentrismo, o que desenvolve seu gosto pelo interesse público, suas crenças desaparecem". Uma atividade correta da parte dos doentes diante de seus próprios sintomas é uma vantagem que permite levar mais adiante o tratamento.

2. Os médicos se educam por si mesmos, estudando junto com os pacientes e os enfermeiros.

3. Através da organização do estudo, pode-se reforçar o sentimento de disciplina através do trabalho conjunto,

enriquece-se a vida cotidiana. Em tudo, as pessoas se ajudam e se criticam mutuamente. Estudando com os doentes, os médicos podem ver se manifestarem alterações e sintomas que não poderiam ver nas entrevistas individuais. Os doentes falam e comentam entre si o que estão pensando, e quando encontram alguma dificuldade em um comportamento, falam com os médicos. Os resultados obtidos "se devem ao prestígio de Mao". O dr. Yu Shei-Tsei, de Xangai, diz: "Devemos estudar de maneira viva. Durante as diferentes etapas do processo de sua doença, os pacientes têm diferentes idéias. Os médicos organizam o estudo para substituírem as idéias errôneas por idéias justas. Estimulam a ajuda mútua entre os doentes, o que anima a vida dos pavilhões. O hospital se transforma numa escola".

"ESTUDAMOS FREUD PARA COMBATER SEUS ERROS"

O hospital que visitamos fica ao sul da cidade de Sian. Tem 250 leitos e um dispensário; 22 médicos, 62 enfermeiros e 66 membros entre o pessoal da administração e empregados. Um "comitê revolucionário" de 10 pessoas dirige o hospital, representando a tríplice união: "soldados-quadros dirigentes-massas populares". Nossos entrevistados, dr. Han e dra. Sho, fazem parte desse comitê.

Dr. Han — Adquirimos novos conhecimentos sobre doenças mentais a partir das teses filosóficas do presidente Mao. No campo da psiquiatria, como em todos os outros, há uma luta entre duas linhas, consequência de duas concepções diferentes do mundo: a individualista, onde o homem se situa no centro do universo, e a coletivista, onde o homem está a serviço da sociedade. Em nosso campo, a primeira concepção criou as grandes sumidades cujas teorias são aceitas mais pelo peso de sua autoridade, que pelo seu valor objetivo; essas sumidades detêm sozinhas as chaves da sabedoria e suas sentenças são inapeláveis. Dessa maneira, muitas doenças mentais que podiam ser curadas foram declaradas incuráveis; o erro dessa concepção é entregar o indivíduo a tratamentos ou medicamentos sem pensar que as raízes do mal se encontram na sociedade, e é elevando a consciência de cada um de seus membros que encontraremos os meios de trazer o mal à superfície. As teorias da psiquiatria ocidental podem ser resumidas em três tendências:

a) a tendência dos que explicam as doenças mentais por um funcionamento patológico dos órgãos; b) a tendência dos que explicam as doenças mentais por causas hereditárias; c) e, finalmente, o grupo dos "agnósticos", que preferem ignorar as origens reais dos desequilíbrios mentais.

O pensamento do presidente Mao considera que todas as coisas do universo são regidas por leis próprias e que o homem é capaz de descobri-las e dominá-las — o homem, é claro, no

sentido de coletividade humana, de povo. As massas populares, diz Mao, têm um poder criador ilimitado. Elas são capazes de se organizar, de dirigir suas forças e de lançar sua energia em todas as direções e dentro de todos os campos. Noutro tipo de sociedade, cada pessoa é condicionada por seu modo de vida; suas idéias têm sempre as marcas de sua classe. Muitas das anomalias e desequilíbrios mentais são reflexo da luta entre duas concepções de mundo. Em regimes sociais diferentes, as doenças mentais têm características diferentes. A psiquiatria, portanto, é ao mesmo tempo ciência médica e social.

Nossa sociedade evolui rapidamente. Há apenas 22 anos éramos dominados por um regime feudal e capitalista. Nosso sistema atual é uma etapa de transição. Esse progresso em busca de uma organização social mais justa só pode ser feito através de um constante processo de "luta-crítica-reforma", cujo ponto crucial é a transformação da mentalidade de cada indivíduo. Num regime socialista, grande parte dos desequilíbrios mentais se produzem nos indivíduos que não assimilaram a nova concepção coletiva do mundo e não aceitam a direção e a metodologia dos trabalhadores. São indivíduos que não puderam resolver a contradição entre o subjetivo e o objetivo, entre o proveito pessoal e o bem-estar coletivo, entre o indivíduo e a nossa sociedade. Isso produz uma perturbação no cérebro, causadora de grande parte das neuroses e psicoses de que tratamos. Desse ponto de vista, nossa terapia consiste principalmente em educar o paciente de modo que ele próprio resolva suas contradições. Nosso método consiste em fazê-lo estudar todo dia as obras do presidente Mao. Dessa maneira, ao mesmo tempo que compreende a nova orientação da sociedade, integra-se aos três movimentos de nossa revolução: a luta entre categorias sociais, a luta pela produção e experimentação científica.

Essa educação do doente é seguida por uma ação médica na qual intervêm, ao mesmo tempo, elementos da medicina ocidental e da medicina tradicional chinesa (a acupuntura, por exemplo). Da medicina ocidental, utilizamos alguns calmantes, aplicados em pequenas doses. Após a revolução cultural, eliminamos os três elementos considerados "mágicos" para esse gênero de doenças: o choque de insulina, o choque elétrico e grandes quantidades de calmantes. O tratamento ideológico é o principal, o tratamento médico é secundário.

— O senhor nos falou de neuroses e psicoses produzidas por uma inadaptação social. Em seu hospital não existe nenhum caso de demência produzida por outras causas?

Dr. Han — Sim, temos também as doenças provocadas por lesões de órgãos internos, por envenenamento, por intoxicação, doenças nervosas, etc. Quando as lesões cerebrais impedem a compreensão, utilizamos acupuntura e calmantes, mas nos momentos de lucidez, tentamos reeducar os pacientes com a ajuda do pensamento de Mao, para que eles adquiram, por seu lado, a vontade de se curarem.

— Em seu modo de ver, todas as doenças mentais são curáveis?

Dr. Han — Em nossos hospitais, 90% dos doentes melhoram; 80% recuperam-se totalmente.

— E os incuráveis?

Dra. Sho — Temos centros de interação, cuja orientação é completamente nova. Não há camisas de força nem celas. Quando a situação permite, os internos vivem com suas famílias. Participam das atividades do hospital, segundo a capacidade de cada um, e aos sábados e domingos vão à cidade visitar amigos. Organizamos também atividades esportivas e culturais, como por exemplo representações teatrais.

— Qual é a idade média de seus pacientes e de que camada social provêm na maioria?

Dra. Sho — A maior parte são operários e camponeses, entre 25 e 50 anos. Mas se considerarmos que essas duas classes representam 90% dos habitantes do país, não podemos afirmar que a maior parte provenha dessas camadas sociais. Isso significa que, seguindo a diretiva de Mao, as camadas sociais pobres são as mais visadas pelo esforço sanitário.

— O senhor acha que a implantação do regime socialista e sobretudo da revolução cultural provocou um aumento de doenças mentais?

Dr. Han — Evidentemente, as pessoas marcadas profundamente pela mentalidade individualista adaptam-se com dificuldade à nova organização coletiva; essa mudança radical pode originar um trauma psíquico. Mas em nossa sociedade atual não existem muitos dos desvios da sociedade ocidental.

— Vocês usam a psicanálise?

Dra. Han — Nós usávamos antes da revolução cultural, mas hoje a consideramos um método idealista, e por isso foi suprimida. No lugar, procuramos fazer a mais completa pesquisa possível no meio onde o doente nasceu. Em sua maneira de ser, em suas reações e em seus contatos com outras pessoas, encontramos as raízes de sua doença.

— Vocês conhecem Freud?

Dr. Han — Suas teorias já tiveram bastante influência sobre os psiquiatras de nosso país. Hoje, estudamos Freud para combater seus erros. Nossa concepção não aceita a existência de princípios inatos que determinam os sentimentos e a vida do homem. Todo o conteúdo de nossa consciência vem do conhecimento sensitivo.

— Mas vocês não acham que há neuroses provenientes de anomalias sexuais?

Essa pergunta incomodou visivelmente nossos entrevistados, que, por um pudor incompreensível, evitaram todas as perguntas referentes a problemas sexuais.

GRANDE

Durante muito tempo me apaixonou a pintura linear pura até que descobri Van Gogh, que pintava, em lugar de linhas e formas, coisas da natureza morta como que agitadas por convulsões.

E morta.

Como sob o terrível embate dessa força de inércia a que todos se referem com meias palavras, e que nunca foi tão obscura como desde que a totalidade da terra e da vida presente se combinaram para esclarecê-la.

Bem, são cacetadas, realmente cacetadas o que Van Gogh aplica sem parar a todas as formas da natureza e aos objetos.

Desenredadas pelo punção de Van Gogh,

as paisagens exibem sua carne hostil, o rancor de suas entranhas rebentadas, que não se sabe, além do mais, que força insólita está metamorfoseando.

Uma exposição de quadros de Van Gogh é sempre uma data culminante na história,

não na história das coisas pintadas, mas na própria história histórica.

Pois não há fome, epidemia, erupção vulcânica, terremoto, guerra, que separem as mônadas do ar, que retorçam o pescoço da cara turva de fama fatum, o destino neurótico das coisas, como uma pintura de Van Gogh, —

exposta à luz do dia, colocada diretamente ante a vista, o ouvido, o tato, o aroma, nos muros de uma exposição —, lançada por fim como nova na atualidade cotidiana, posta outra vez em circulação.

Os corvos pintados dois dias antes de sua morte não lhe abriram, mais que suas outras telas, a porta de certa glória póstuma, mas abrem à pintura pintada, ou melhor, à natureza não pintada, a porta oculta de um mais além possível, através da porta aberta por Van Gogh para um enigmático e pavoroso mais além.

Não é frequente que um homem, com um balaço no ventre do fuzil que o matou, ponha numa tela corvos negros, e debaixo uma espécie de planície, possivelmente lívida, de qualquer modo vazia, em que a cor de borra de vinho da terra se enfrentam loucamente com o amarelo sujo do trigo.

Mas nenhum outro pintor, fora Van Gogh, foi capaz de descobrir, para pintar seus corvos, esse negro de trufa, esse negro de comilona fastuosa e ao mesmo tempo como de excremento, das asas dos corvos surpreendidos pelos resplendores declinantes do crepúsculo.

E de que se queixa a terra ali, sob as asas dos faustos corvos, faustos só, sem dúvida, para Van Gogh e, ademais, fastuoso augúrio de um mal que já não lhe diz respeito?

Pois até então ninguém como ele havia convertido a terra nesse trapo sujo empapado em sangue e retorcido até escorrer vinho.

No quadro há um céu muito baixo, achatado,

violáceo como as margens do raio. A insólita franja tenebrosa do vazio se eleva em relâmpago.

A poucos centímetros do alto e como proveniente do baixo da tela, Van Gogh soltou os corvos como se soltasse os micróbios negros de seu baço suicida,



Em pinceladas vibrantes como as de seu biografado, Antonin Artaud revolve a alma atormentada de Van Gogh; traduz para a palavra escrita alguns de seus quadros geniais; e chega à conclusão de que o pintor de uma orelha só, não se suicidou coisa nenhuma: foi "suicidado" por seu psiquiatra.

seguinte o talho negro da linha onde o bater de sua soberba plumagem faz pesar sobre os preparativos da tormenta terrestre a ameaça de uma sufocação vinda do alto.

E, no entanto, todo o quadro é soberbo.

Quadro soberbo, suntuoso e sereno.

Digno acompanhamento para a morte daquele que, em vida, fez girar tantos sóis ébrios sobre tantas parvas rebeldes ao exílio e que, desesperado, com um balaço no ventre, não pôde deixar de inundar com sangue e vinho uma paisagem, empapando a terra com uma última emulsão, radiante e tenebrosa ao mesmo tempo, que sabe a vinho acre e a vinagre picado.

O que mais me surpreende em Van Gogh, o maior pintor de todos os pintores, é que, sem sair do que se denomina e é pintura, sem se separar do tubo, do pincel, do enquadramento do motivo e da tela, sem recorrer à anedota, ao relato, ao drama, à ação sem imagens, à beleza intrínseca do tema e do objeto, chegou a infundir paixão à natureza e aos objetos em tal medida que qualquer conto fabuloso de Edgar Poe, de Herman Melville, de Nathaniel Hawthorne, de Gerard de Nerval, de Achim d'Arnim ou de Hoffman, não superam em nada, dentro do plano psicológico e dramático, a suas telas de dois centavos,

suas telas, por outro lado, quase todas de moderadas dimensões, como respondendo a um propósito deliberado.

Penso que Gauguin acreditava que o artista devia buscar o símbolo, o mito, agigantar as coisas da vida até a dimensão do mito,

enquanto Van Gogh acreditava que é preciso aprender a deduzir o mito das coisas mais rasteiras da vida,

e segundo eu penso, caramba que estava certo.

Pois a realidade é extraordinariamente superior a qualquer relato, a qualquer fábula, a qualquer divindade, a qualquer super-realidade.

Não se necessita mais que o gênio de saber interpretá-la.

O que nenhum pintor, antes que o pobre Van Gogh, havia feito,

o que nenhum pintor voltará a fazer depois dele.

Não preciso interrogar a Grande Ceifadeira para que me diga com quais supremas obras-primas teria sido enriquecida a pintura se Van Gogh não tivesse morrido com 37 anos,

porque, depois de "Os Corvos", não posso crer que Van Gogh chegasse a pintar mais um quadro.

Creio que morreu com 37 anos porque já tinha chegado ao termo de sua fúnebre e lamentável história de possuído por um espírito maligno.

Porque não foi por si mesmo, em consequência de sua própria loucura, que Van Gogh abandonou a vida.

Foi sob a pressão, dois dias antes de sua morte, desse espírito maligno que se chamava doutor Gachet, psiquiatra improvisado, causa direta, eficaz e suficiente dessa morte.

Lendo as cartas de Van Gogh a seu irmão cheguei à firme e sincera convicção de que o doutor Gachet, "psiquiatra", na realidade detestava Van Gogh, pintor, e que o detestava como pintor, mas acima de tudo como gênio.

É quase impossível alguém ser ao mesmo tempo médico e homem hon-

rado, mas é vergonhosamente impossível alguém ser psiquiatra sem estar ao mesmo tempo marcado ao fogo pela mais indiscutível loucura: a de não poder lutar contra esse velho reflexo atávico da multidão que converte qualquer homem de ciência aprisionado na multidão, numa espécie de inimigo nato e inato de todo gênio.

No alienado há um gênio incompreendido que cobiça na mente uma idéia que produz pavor, e que só no delírio consegue encontrar uma escapatória para as opressões que a vida lhe prepara.

O doutor Gachet não dizia a Van Gogh que estava lá para retificar sua pintura (como ouvi o doutor Gaston Ferdière, médico-chefe do asilo de Rodez, dizer que estava lá para retificar minha poesia), mas o mandava pintar a natureza, sepultar-se numa paisagem para evitar-lhe a tortura de pensar.

Pois bem, tão logo Van Gogh virava a cabeça, o doutor Gachet lhe desligava o comutador do pensamento.

Como se não quisesse a coisa, mas através de uma dessas desprezíveis e insignificantes torcidas de nariz nas quais todo o inconsciente burgês da terra inscreveu a antiga força de um pensamento cem vezes reprimido.

Van Gogh se representou a si mesmo em grande número de telas, e por mais bem iluminadas que estivessem sempre tive a penosa impressão de que as haviam feito mentir a respeito da luz, que tinham tirado de Van Gogh uma luz indispensável para cavar e traçar seu caminho dentro de si.

E esse caminho, não era sem dúvida o doutor Gachet a pessoa capacitada para indicá-lo.

Mas como já disse, em todo psiquiatra vivo há um sórdido e repugnante atavismo que o faz ver em cada artista, em cada gênio, um inimigo.

E não ignoro que o doutor Gachet deixou na história, com relação a Van Gogh, a quem ele atendia, e que acabou suicidando-se em sua casa, a impressão de ter sido seu último amigo na terra, algo assim como um consolador providencial.

No fundo de seus olhos, como depilados, de açougueiro, Van Gogh se entregava sem descanso a uma dessas operações de alquimia sombria que tomam a natureza por objeto e o corpo humano por proveta ou crisol.

E sei que segundo o doutor Gachet essas coisas cansavam Van Gogh.

O que não era no doutor resultado de uma simples preocupação médica, mas a manifestação de zelos tão conscientes quanto inconfessados.

Porque Van Gogh tinha alcançado esse estado de iluminação no qual o pensamento em desordem refluí diante das descargas invasoras da matéria,

no qual o pensar já não é consumir-se,

e nem é sequer,

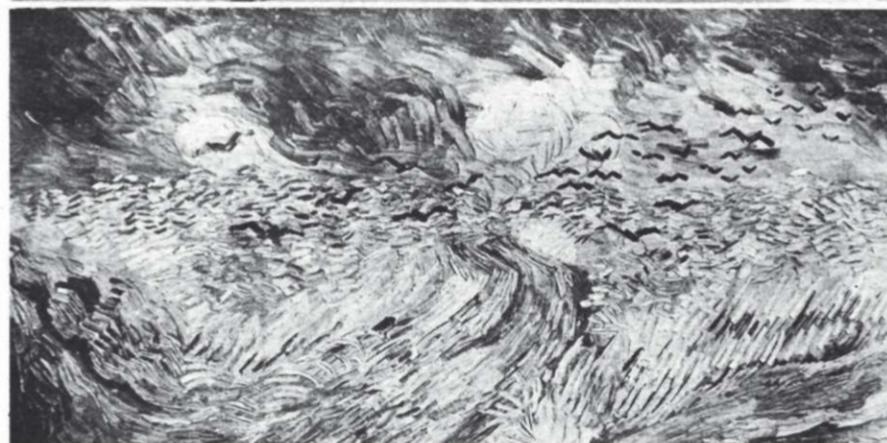
e no qual nada resta além de reunir corpos.

Não, doutor Gachet, uma tela nunca cansou ninguém. São energias frenéticas em repouso, que não determinam agitação.

Eu estou como o pobre Van Gogh; também deixei de pensar, mas dirijo, cada dia de mais perto, formidáveis ebulições internas, e seria digno de se ver que um médico qualquer viesse



Retrato do Dr. Gachet.



Os Corvos

declarar que me canso.

Alguém devia a Van Gogh certa soma de dinheiro, e a propósito disso a história nos diz que Van Gogh estava de mau-humor fazia vários dias.

As naturezas superiores têm a inclinação — sempre situadas num nível acima do real — a explicar tudo pela influência de uma consciência maligna, a crer que nada se deve ao acaso, e que tudo o que sucede de mau é devido a uma vontade maligna, consciente, inteligente e deliberada.

Coisa em que os psiquiatras nunca crêem.

Coisa em que os gênios sempre crêem.

Quando estou doente, é porque estou enfeitado, e não posso considerar-me doente se não admito, por outro lado, que alguém tem interesse em me arrebatrar a saúde e tirar proveito de minha saúde.

Também Van Gogh acreditava estar enfeitado e o dizia.

No que me diz respeito creio firmemente que estive, e um dia direi onde e como aconteceu.

O doutor Gachet foi o grotesco cérebro, o pustulento e purulento cérebro de jaqueta azul e roupa engomada, posto diante do mísero Van Gogh para

arrebatrar suas idéias sadias. Porque se tal maneira de ver, que é sadia, se difundisse universalmente, a Sociedade já não poderia viver, mas eu sei quais heróis da terra encontrariam sua liberdade.

Van Gogh não soube livrar-se a tempo dessa espécie de vampirismo da família, interessada em que o gênio de Van Gogh pintor se limitasse a pintar, sem reclamar ao mesmo tempo a revolução indispensável para o desenvolvimento corporal e físico de sua personalidade de iluminado.

E entre o doutor Gachet e Theo, irmão de Van Gogh, houve muitos desses hediondos conciliábulos entre familiares e médicos-chefes dos asilos de alienados, em relação ao enfermo que tem em mãos.

“Tome conta para que não tenha mais esse tipo de idéias” “Olha, foi o doutor que disse, você tem de largar esse tipo de idéias”. “Faz mal a você pensar sempre nelas; vai ficar internado toda a vida”.

“Mas não, senhor Van Gogh, vamos, convença-se de que tudo é pura casualidade; além disso não fica bem querer examinar assim os segredos da providência. Conheço o senhor Fulano de Tal, é uma excelente pessoa; seu espírito de perseguição leva a gente a

crer que ele pratica a magia em segredo”.

“Prometeram pagar-lhe essa soma e a pagarão. O senhor não pode continuar obstinado a ponto de atribuir esse atraso à má vontade”.

Todas essas práticas suaves de psiquiatra bonachão, que parecem inofensivas, mas que deixam no coração algo como a fenda de uma linguinha negra, a linguinha negra inofensiva de uma salamandra venenosa.

E algumas vezes não é preciso nada mais para levar um gênio ao suicídio.

Chegam dias em que o coração sente tão terrivelmente a falta de saída, que é surpreendido, como uma paulada na cabeça, com a idéia de que já não poderá mais ir adiante.

Pois foi precisamente depois de uma conversa com o doutor Gachet que Van Gogh, como se nada tivesse acontecido, entrou no quarto e suicidou-se.

Eu mesmo estive 9 anos num asilo de loucos e nunca tive a obsessão do suicídio, mas sei que cada conversa com um psiquiatra, de manhã na hora da visita, fazia surgir em mim o desejo de me destruir, ao compreender que não poderia degolá-lo.

E Theo talvez fosse muito bom para seu irmão, do ponto de vista material, mas isso não lhe impedia de o considerar um delirante, um iluminado, um alucinado, e se obstinava, em vez de o acompanhar em seu delírio, de o acalmar.

Que depois tenha morrido de pesar, não muda a coisa em nada.

O que mais importava a Van Gogh no mundo era sua idéia de pintor, sua terrível idéia fanática, apocalíptica de iluminado.

Não há ninguém que tenha jamais escrito, ou pintado, esculpido, modelado, inventado, a não ser para sair do inferno.

E para sair do inferno prefiro as naturezas desse convulsionário tranquilo às formigantes composições de Breughel, o velho, ou de Jerônimo Bosch, que não são mais do que artistas ali onde Van Gogh não é senão um pobre ignorante empenhado em não se enganar.

Para que escrever um quadro de Van Gogh! Nenhuma descrição tentada por quem quer que seja poderá se equiparar com a simples enumeração de objetos naturais e de tintas a que se entrega o próprio Van Gogh, tão grande escritor quanto pintor, e que transmite a propósito da obra que descreve a impressão da mais desconcertante autenticidade.

8 de setembro de 1888

“No meu quadro Café à Noite, tentei mostrar que o café é um lugar onde a gente pode se arruinar, ficar louco, cometer crimes. Em resumo tentei, através de contrastes de rosa tênue e vermelho sangue a borra de vinho, de verde suave Luís XV e, Veronês em contraste com verdes amarelentos e esbranquecidos duros, tudo junto numa atmosfera de forno infernal de enxofre pálido, mostrar algo como a potência tenebrosa de uma taverna.

“E apesar de tudo isso, assumindo uma aparência de alegria japonesa unida à candura de um Tartarim...

“Que quer dizer desenhar? Como se

consegue? É a ação de abrir caminho através de um muro de ferro invisível que parece interpor-se entre o que se sente e o que é possível realizar. O que fazer para atravessar esse muro, pois de nada serve golpeá-lo com força; para conseguir é preciso corroê-lo lenta e pacientemente com uma lima, essa é a minha opinião."

Como parece fácil escrever assim.

Pois bem! Tente então, e diga-me se você, não sendo o autor de uma tela de Van Gogh, poderia descrevê-la tão simplesmente, sucintamente, objetivamente, duravelmente, validamente, solidamente, opacamente, maciçamente, autenticamente e milagrosamente, como essa breve carta.

Não há fantasmas nos quadros de Van Gogh, nem visões, nem alucinações.

Só a tórrida verdade de um sol das duas da tarde.

Um lento pesadelo genésico pouco a pouco elucidado.

Sem pesadelos e sem afetos.

Mas ali está o sofrimento pré-natal.

É o lustre úmido de um pasto, do caule numa plantação de trigo que está ali pronto para a ceifadura.

E de que a natureza um dia prestará contas.

Como também a sociedade prestará cortinas de sua morte prematura.

Na hora em que escrevo estas linhas vejo o rosto vermelho ensanguentado do pintor chegar até mim, numa muralha de girassóis desabrochados,

numa formidável combustão de brasas de jacinto opaco e de ervas lápis-lazúli.

Tudo isso no meio de um bombardeio meteórico de átomos no qual se destaca cada grão,

prova de que Van Gogh concebeu suas telas como pintor, e unicamente como pintor, mas que seria

por essa mesma razão um formidável músico.

Organista de uma tempestade detida que ri na natureza límpida, apaziguada entre duas tormentas, ainda que, como o próprio Van Gogh, essa natureza mostre claramente que está pronta para partir.

Depois de olhá-la, pode-se voltar as costas a qualquer tipo de tela pintada, pois nenhuma tem mais nada a nos dizer. A tempestuosa luz da pintura de Van Gogh começa suas récitas sombrias no mesmo instante em que deixa de ser olhada.

Unicamente pintor, Van Gogh, e nada mais; nada de filosofia, de mística, de rito, nem de liturgia;

nada de história, nem literatura nem poesia; esses girassóis de ouro bronzeado estão pintados; estão pintados como girassóis e nada mais; mas para compreender um girassol na realidade, será indispensável, de agora em diante, recorrer a Van Gogh, da mesma forma que para compreender uma tormenta real,

um céu tempestuoso, uma planície real;

já não se poderá mais deixar de recorrer a Van Gogh.

O simples motivo de uma vela acesa numa cadeira de palha com armação violeta diz muito mais, graças à mão de Van Gogh, do que toda a série de tragédias gregas, ou de dramas de Cyril Turner, de Webster ou de Ford, que até agora, por outro lado, ficaram sem ser representados.

Pois não é para este mundo, nunca é para esta terra, que todos temos sempre trabalhado,

lutado, suportado o horror da fome, da miséria, do ódio, do escândalo e do asco,

que todos fomos envenenados,

ainda que tudo isso nos tenha enfeitado, até que por fim nos tenhamos suicidado,

pois acaso não fomos todos, como o mísero Van Gogh, suicidados pela sociedade!

Então o velho Van Gogh era um rei contra quem, enquanto dormia, se inventou o curioso pecado denominado cultura turca (plebéia),

exemplo, habitáculo, motor do pecado da humanidade, que não soube fazer nada melhor do que devorar o artista quando vivo para se enriquecer com sua probidade.

Pois a humanidade não quer se dar ao trabalho de viver, de tomar parte nesse volutear natural entre as forças que compõem a realidade, com o objetivo de obter um corpo que nenhuma tempestade possa mais prejudicar.

Sempre preferiu apenas existir.

No que diz respeito à vida, costuma ir buscá-la no próprio gênio do artista.

Ao contrário Van Gogh, que pôs para assar uma de suas mãos, nunca temeu a luta para viver, isto é, para separar o fato de viver da idéia de existir,

e certamente qualquer coisa pode existir sem se dar o trabalho de ser,

e tudo pode ser, sem se dar o trabalho, como Van Gogh, o fora de órbita, de irradiar e relampejar.

Tudo isso a sociedade tirou dele para organizar a cultura "turca" que tem a probidade como fachada e o crime como origem e pontal.

E assim que Van Gogh morreu suicidado, porque o consenso da sociedade já não conseguia mais suportá-lo.

Pois se não havia nem espírito, nem alma, nem consciência, nem pensamen-

to, havia matéria explosiva, vulcão maduro, pedra de transe, paciência.

Diante de uma humanidade de macacos covardes e cachorros molhados, a pintura de Van Gogh demonstrará ter pertencido a um tempo em que não havia alma, nem espírito, nem consciência, nem pensamento; apenas elementos primordiais, alternativamente encadeados e desencadeados.

Paisagens de intensas convulsões, de traumatismos enlouquecidos, como os de um corpo que a febre atormenta para restituí-lo à saúde perfeita.

Por debaixo da pele o corpo é uma usina novamente aquecida,

e por fora, o enfermo brilha,

reluz,

com todos os seus poros,

explodidos,

como uma paisagem

de Van Gogh

ao meio-dia.

Só a guerra perpétua explica uma paz que é unicamente transitória, como o leite a ponto de derramar-se explica o bule em que fervia.

Desconfie das famosas paisagens de Van Gogh remoinhantes e plácidas, crispadas e contidas.

Representam a saúde entre dois acessos de uma febre ardente que está para passar.

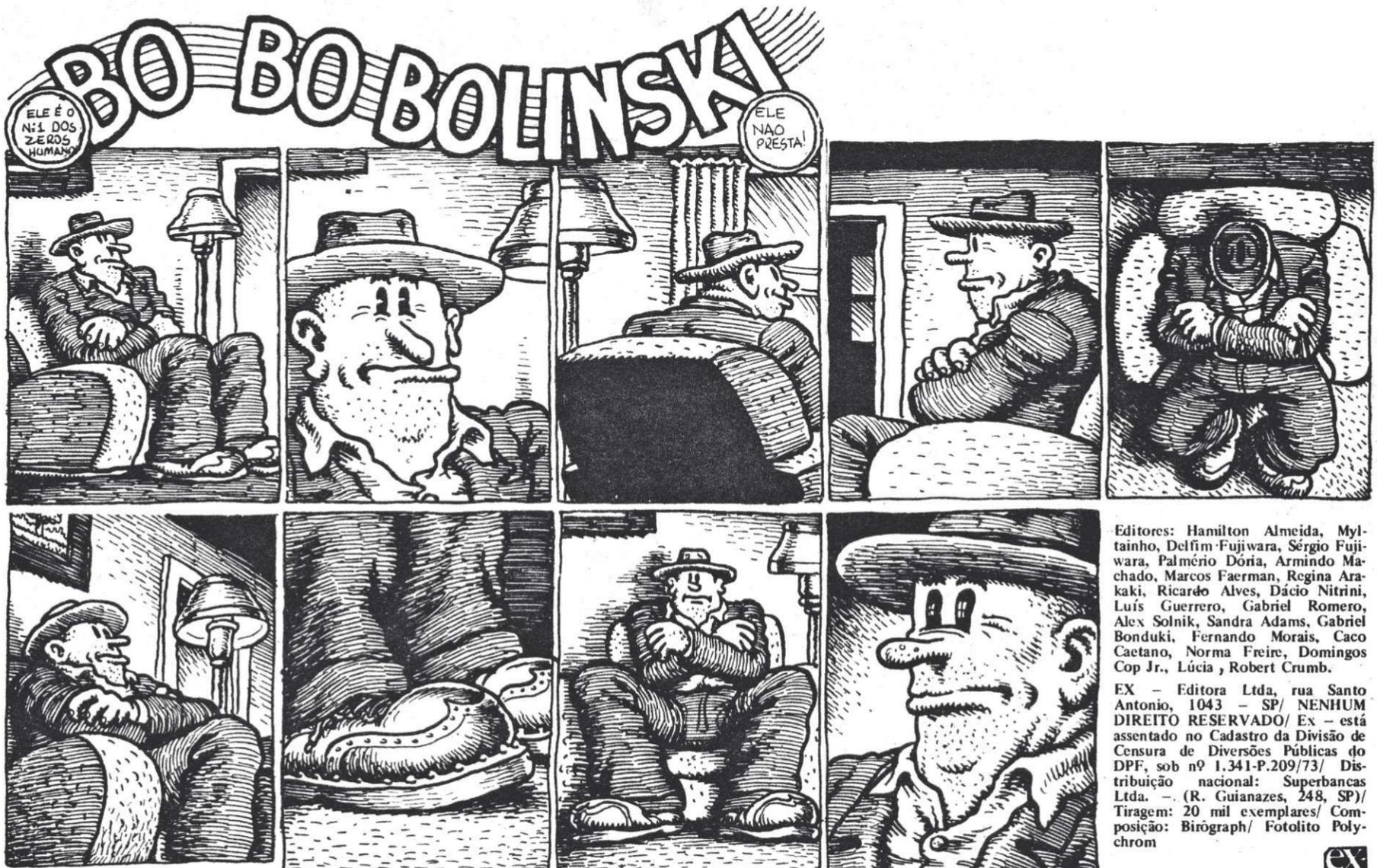
Representam a febre entre dois acessos de uma insurreição de boa saúde.

Um dia a pintura de Van Gogh armada de ferro e de boa saúde,

retornará para lançar ao vento o pó de um mundo enjaulado que seu coração não podia suportar.

Antonin Artaud

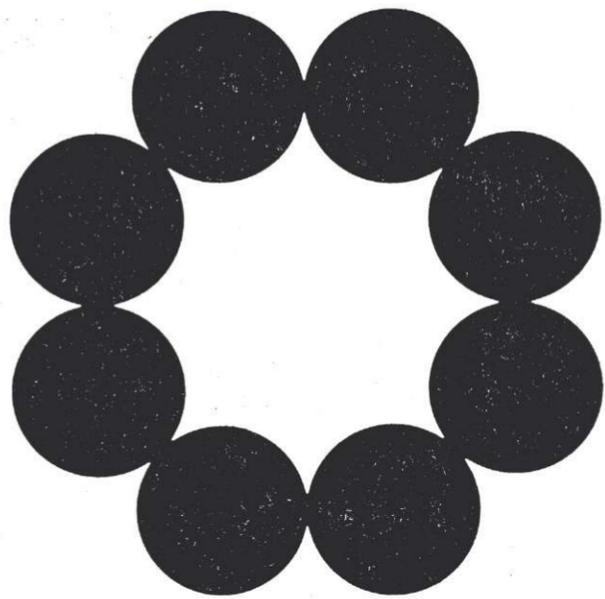
Poeta, escritor, crítico, roteirista, ator de cinema, ensaísta, teórico do teatro, etc. Considerado um dos maiores artistas do século. Suicidou-se.



Editores: Hamilton Almeida, Myltainho, Delfim Fujiwara, Sérgio Fujiwara, Palmério Dória, Armindo Machado, Marcos Faerman, Regina Arakaki, Ricardo Alves, Dácio Nitrini, Luís Guerrero, Gabriel Romero, Alex Solnik, Sandra Adams, Gabriel Bonduki, Fernando Moraes, Caco Caetano, Norma Freire, Domingos Cop Jr., Lúcia, Robert Crumb.

EX - Editora Ltda, rua Santo Antonio, 1043 - SP/ NENHUM DIREITO RESERVADO/ Ex - está assentado no Cadastro da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF, sob nº 1.341-P.209/73/ Distribuição nacional: Superbancas Ltda. - (R. Guianazes, 248, SP)/ Tiragem: 20 mil exemplares/ Composição: Birógraph/ Fotolito Polychrom





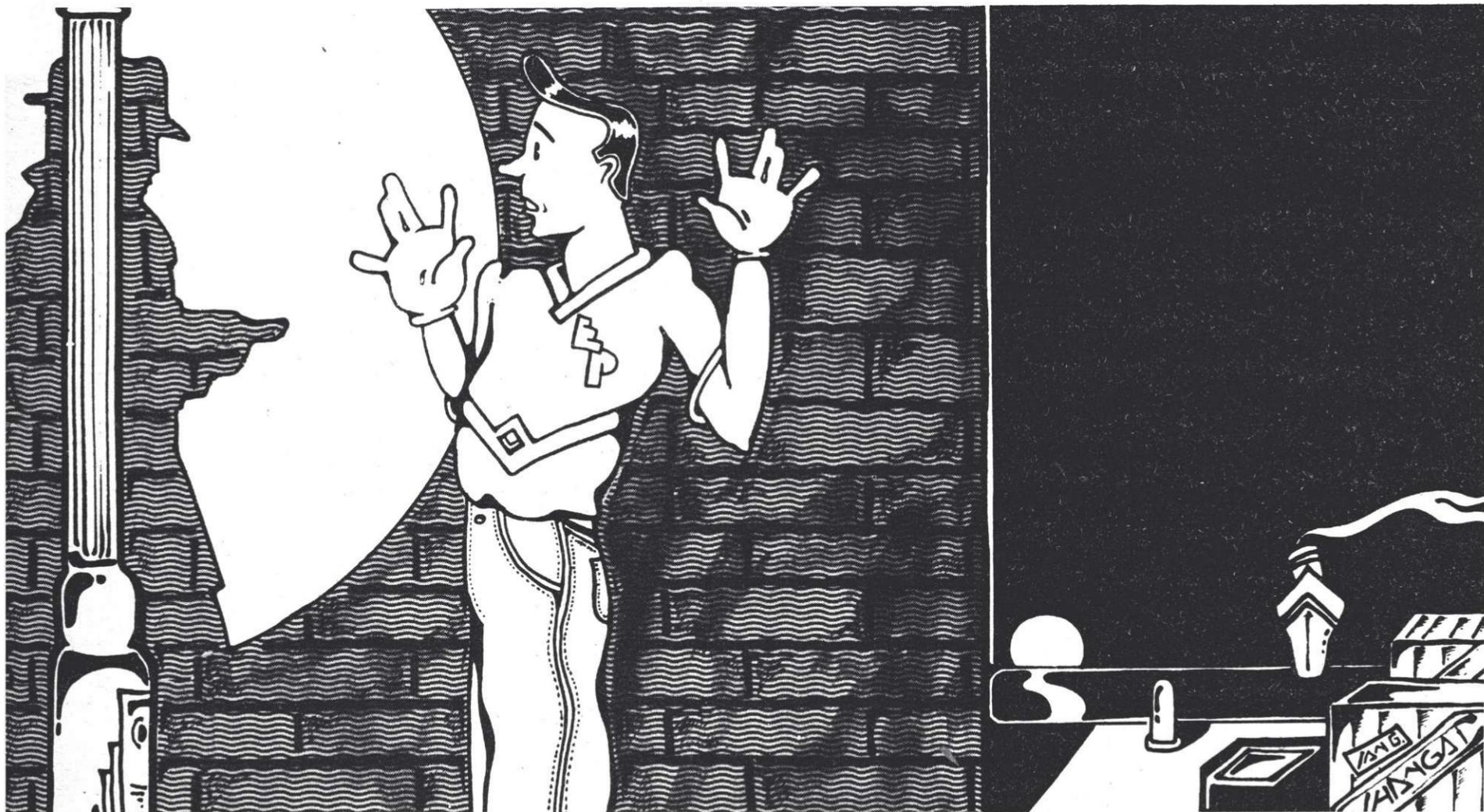
**QUEM FAZ
O EQUIPE
SEMPRE TEM
ALGUMA COISA
PRÁ DIZER.**

EQUIPE VESTIBULARES/COLEGIO EQUIPE/COLEGIO EQUIPE SUPLETIVO
Rua Marquês de Paranaguá 111 - tel.: 257 0177/257 0375

ex-

Aquele texto que o Neil, o Joca, o Washington, o Otoniel, o Palhares não têm tempo de escrever prá você, nós escrevemos.
Aquele lay-out que o Klaus, o Petit, o Zaragoza, o Gabi não podem bolar prá você, porque não aceitam free-lance, nós bolamos.
Aquele reportagem que o Bob Woodward, o Carl Bernstein, o Raimundo Pereira não farão prá você, porque estão viajando, nós fazemos.
Aquele folheto que a DPZ, a Alcântara, a Mauro Salles, infelizmente não aceitam executar prá você, porque a verba é pequena, nós executamos.
Aquele jornalzinho que o Estadão, o JB, a Abril não estão aparelhados prá editar prá sua empresa, nós editamos.
Aquele livro seu que a Melhoramentos, a Nova Fronteira, a MacGraw Hill lamentam não publicar, nós publicamos.

EX - EDITORA
Rua Santo Antônio, 1043.



Ladrão: A calça Levi's ou a vida!
Rapaz: ? ...? ...? ...? ...?
**Conselho: Dê a calça Levi's que na
Jeans Store tem mais.**

Levi's

jeans store

